

IAN FLEMING  
OS OUTROS QUE SE DANEM



007

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.





IAN FLEMING

# OS OUTROS QUE SE DANEM

Tradução de  
José Laurênio de Melo

**Editôra Civilização Brasileira S.A.**



## O TAPETE MÁGICO

Na vida de um agente secreto há também momentos de fausto. Há missões em que ele é forçado a desempenhar o papel de homem rico; ocasiões em que se refugia no conforto para afastar a lembrança do perigo e o espectro da morte; situações, como a de agora, em que é hóspede no território de um Serviço Secreto aliado.

Desde o instante em que o jato intercontinental da BOAC rolou na pista em direção ao Terminal Aéreo Internacional de Idlewild, James Bond foi tratado como um príncipe.

Quando desceu do avião com os demais passageiros, já se resignara a passar pelo famigerado purgatório que é a engrenagem das inspetorias de Saúde, Imigração e Alfândega dos Estados Unidos. Pelo menos uma hora, calculou, dentro de salas superaquecidas, de um verde embaciado, sufocantes, impregnadas do azedo de suor, de delitos e do temor que paira sobre todas as repartições desse tipo, temor daquelas portas fechadas, marcadas com a tabuleta PRIVATIVO, que ocultam homens cautelosos, fichários, teletipos taramelando mensagens urgentes a Washington, ao Departamento de Narcóticos, ao Serviço de Contra-Espionagem, ao Tesouro, ao FBI.

Enquanto atravessava a pista alcatroada sob o vento cortante de

janeiro, via seu nome indo de um ponto a outro na rede de comunicações: BOND, JAMES, PASSAPORTE DIPLOMÁTICO BRITÂNICO 0094567; breve pausa e as respostas chegando nos diferentes aparelhos: NEGATIVO, NEGATIVO, NEGATIVO. Instantes depois, a resposta do FBI: POSITIVO, AGUARDE CONFIRMAÇÃO. Havia certa troca apressada de mensagens no circuito do FBI com a CIA (Agência Central de Informações) e depois: FBI A IDLEWILD: BOND OK, OK. Por fim adiantava-se um funcionário afável, que lhe devolvia o passaporte, dizendo: — Feliz estada em nosso país, Mr. Bond!

Bond deu de ombros e seguiu com os outros passageiros pela cerca de arame até à porta com a tabuleta serviço de saúde.

No seu caso não era mais do que uma rotina maçante, é claro, mas não lhe agradava a idéia de que seus documentos caíssem em poder de uma potência estrangeira. O anonimato era a principal ferramenta de seu ofício. Cada sinal de sua verdadeira identidade que passasse a figurar num fichário reduzia sua utilidade e, em última análise, representava uma ameaça à sua vida. Na América, onde sabiam tudo acerca dele, sentia-se como um negro cuja sombra foi roubada pelo curandeiro. Uma parte vital dele mesmo estava penhorada, nas mãos de outros. Amigos, é certo, neste caso, mas ainda assim. . .

— Mr. Bond?

Um simpático desconhecido, à paisana, deixou o prédio do Serviço de Saúde e apresentou-se:

— Meu nome é Halloran. Prazer em conhecê-lo!

Trocaram um aperto de mão.

— Espero que tenha feito boa viagem. Pode fazer o favor de me acompanhar?

Virou-se para o agente da polícia do aeroporto que estava de guarda à porta do prédio:

— Vou andando, Sargento.

— Está bem, Mr. Halloran. Até logo.

Os outros passageiros tinham entrado. Halloran tomou a esquerda, afastando-se do prédio. Outro policial mantinha aberto o estreito portão da alta cerca divisória.

— Até logo, Mr. Halloran.

— Até logo. Muito obrigado.

Do lado de fora, um Buick negro esperava, o motor latejando bran-



damente. Eles entraram no carro. As duas malas de Bond estavam na boléia, junto ao chofer. Bond não podia imaginar que elas tivessem sido extraídas com tanta rapidez do monte de bagagem dos passageiros que êle vira, poucos minutos antes, sendo transportado para a Alfândega.

— Está bem, Grady. Vamos.

Bond recostou-se regaladamente, quando a enorme limusine arancou, passando rápido e de mansinho para *prise* através das engrenagens do Dynaflow.

Bond voltou-se para Halloran:

— Puxa! Sem dúvida esse é um dos tapetes mágicos mais espetaculares que eu já vi. Esperava passar pelo menos uma hora lá na Imigração. Quem arranjou tudo? Não estou acostumado a esse tratamento de gente importante. De qualquer modo, muito obrigado pela parte que você teve nessa coisa toda.

— Não há de que, Mr. Bond. — Halloran sorriu e ofereceu-lhe um cigarro de um maço de Lucky Strike que acabara de abrir. — Queremos que se sinta bem entre nós. Qualquer coisa que desejar, é só dizer, e ela estará nas suas mãos. O senhor tem bons amigos em Washington. Eu mesmo não sei porque está aqui, mas parece que as autoridades fazem questão de que o senhor tenha todas as regalias de um hóspede do Governo. A mim cabe tomar todas as providências para que chegue a seu hotel da maneira mais rápida e cômoda possível. Feito isto, cedo meu lugar a outro e dou o fora. Posso ver seu passaporte por um instante?

Bond entregou-lhe o passaporte. Halloran abriu uma pasta sobre o assento a seu lado e retirou um pesado carimbo de metal. Virou as páginas do passaporte de Bond até encontrar o visto da embaixada norte-americana, carimbou-o, rabiscou a assinatura por cima do círculo azul escuro do timbre do Departamento de Justiça e devolveu-o. Em seguida sacou a carteira do bolso e tirou de dentro dela um envelope branco e grosso que passou a Bond.

— Aí estão mil dólares, Mr. Bond. — Ergueu a mão quando Bond começou a falar. — E é dinheiro comunista, que nós apreendemos na operação Schmidt-Kinaski. Agora estamos fazendo uso dele em nossos contra-ataques. Pedimos que o senhor coopere, gastando-o da maneira que bem entender nesta sua missão. Fui advertido de que a recusa será considerada um ato dos mais inamistosos. Por favor não falemos mais nisso, e... — acrescentou, enquanto Bond, hesitante, continuava a segurar o



envelope nas mãos — devo dizer também que a circulação desse dinheiro por seu intermédio tem o visto e a aprovação de seu próprio chefe.

Bond encarou o outro com atenção e deu um sorriso largo. Depois guardou o envelope na carteira.

— Está bem — disse êle. — E muito obrigado. Tentarei gastá-lo onde causar mais prejuízo. Estou muito satisfeito com esse capital de giro. E não deixa de ser agradável saber que foi fornecido pelo inimigo.

— Ótimo — aplaudiu Halloran — e agora, se me permite, vou tomar minhas notas para o relatório que preciso apresentar. Tenho de me lembrar também de mandar cartas para a Imigração, Alfândega e outras repartições, agradecendo a cooperação. Rotina.

— Não faça cerimônia — respondeu Bond, que se alegrou com a idéia de ficar calado e contemplar a paisagem nesta primeira visão da América desde a guerra. Não era desperdício de tempo começar ali mesmo a reassimilar os americanismos: os anúncios, os novos modelos de automóveis e os preços dos de segunda mão nos lotes dos carros usados, o caráter exótico dos letreiros rodoviários — FAIXAS FOFAS, CURVAS ABRUPTAS, GARGANTA À FRENTE, RESVALADIÇO QUANDO MOLHADO; as normas de trânsito; o grande número de mulheres ao volante, com seus homens dóceis ao lado; as roupas dos homens; os penteados das mulheres; os avisos da Defesa Civil — EM CASO DE ATAQUE INIMIGO MANTENHA-SE EM MOVIMENTO, FUJA DAS PONTES; a densa erupção das antenas de televisão e o impacto da TV nos cartazes e nas vitrinas; o helicóptero ocasional; os apelos ao público para que contribua para as campanhas contra o câncer e a pólio — A MARCHA DOS DEZ CENTS; um sem-número de minúsculas impressões fugidias, tão importantes para seu ofício como os fragmentos de cascas de árvores e os raminhos tortos para o caçador na selva.

O chofer enveredou por Triborough Bridge, e transpondo o vertiginoso vão da ponte, eles se elevaram à altura do centro de Manhattan, a bela perspectiva de Nova York a correr ao encontro deles, e baixaram no meio das barulhentas e abundantes raízes, recendentes a gasolina, da floresta de cimento armado.

Bond virou-se para o companheiro:

— É danado o que eu vou-lhe dizer, mas, para uma bomba atômica, este deve ser o alvo mais visível em toda a face do globo.

— É. Não tem igual — concordou Halloran. — Passo noites acorda-

do, pensando no que pode acontecer.

Pararam diante do Hotel St. Regis, na esquina da Quinta Avenida com a Rua 55. Um homem grave, maduro, de sobretudo azul escuro e chapéu preto de feltro, aproximou-se por trás do porteiro. Na calçada, Halloran apresentou-o.

— Mr. Bond, Capitão Dexter — disse com ar cerimonioso. — Posso deixá-lo agora em suas mãos, Capitão?

— Pode sim. É claro. Basta mandar subir a bagagem dele. Apartamento 2000. Último andar. Tomarei conta de Mr. Bond e tudo farei para que nada lhe falte.

Bond voltou-se para despedir-se de Halloran e agradecer-lhe. Mas Halloran estava de costas, dizendo qualquer coisa ao porteiro a respeito da bagagem. Bond desviou a vista para o outro lado da Rua 55 e apertou os olhos. Um Sedan negro, um Cadillac, partia de chôfre no tráfego intenso, colocando-se à frente de um táxi axadrezado, que freou a custo, com o motorista a martelar a buzina com a mão fechada. O Sedan investiu, a tempo de apanhar a sobra do sinal verde, e virou para o norte, subindo a Quinta Avenida.

A manobra foi hábil e afoita, mas o que espantou Bond foi ter sido efetuada por uma negra, uma negra bonita, metida num uniforme preto de chofer. Pelo vidro traseiro êle pôde ver de relance o único passageiro — uma cara pardacenta que se voltara com lentidão e o encarara com firmeza, Bond não tinha dúvida alguma a esse respeito, enquanto o carro entrava célere na Avenida. Bond puxou Halloran pela mão. Mas Dexter tocou-lhe o cotovelo com impaciência.

— Vamos direto pelo saguão até os elevadores. À direita, cruzando o saguão. E por favor, Mr. Bond, não tire o chapéu.

Enquanto Bond subia os degraus do hotel, atrás de Dexter, refletia que era já tarde demais para tais precauções. Em quase nenhuma parte do mundo via-se uma negra dirigindo carro. E uma negra servindo de chofer era ainda mais raro. Dificilmente concebível, mesmo no Harlem; mas com certeza era de lá mesmo que o carro vinha.

E o vulto gigantesco no banco de trás? E aquela cara pardacenta? Mr. Big?

— Hum — murmurou Bond para si mesmo enquanto entrava no elevador, seguindo a espádua magra do Capitão Dexter.

O elevador diminuiu a velocidade ao aproximar-se do vigésimo an-

dar.

— Reservamos uma pequena surpresa para o senhor, Mr. Bond — disse o Capitão Dexter, sem muito entusiasmo, julgou Bond.

Enveredaram pelo corredor até o quarto do canto.

Do lado de fora, o vento batia nas janelas, e Bond teve uma rápida visão dos topos de outros arranha-céus e, mais além, dos dedos hirtos das árvores de Central Park. Sentia-se desligado do solo, e, por um instante, uma impressão de isolamento e vazio apoderou-se de seu coração.

Dexter abriu a porta do apartamento 2000 e fechou-a atrás deles. Entraram numa saleta iluminada. Deixaram os chapéus e sobretudo numa cadeira, e Dexter abriu a porta à frente deles e segurou-a para que Bond passasse.

Bond achou-se numa agradável sala de estar, decorada no estilo “Empire” da Terceira Avenida — poltronas confortáveis e sofá amplo forrados de seda amarelo claro, uma boa imitação de Aubusson no soalho, paredes e teto cinza claro, bufete de frente arqueada, com garrafas, copos e balde de metal para gelo, um janelão através do qual divisava-se o sol de inverno derramado num límpido céu suíço. O aquecimento central estava no ponto justo.

Abriu-se a porta que dava para o quarto de dormir.

— Arranjando as flores ao lado da cama. Isso é parte do famoso lema da CIA: “Atenda com um Sorriso”. — O jovem alto e magro adiantou-se, com um sorriso largo, a mão estendida, até onde Bond se imobilizara, perplexo.

— Felix Leiter! Que diabo faz você aqui? — Bond tomou a mão firme do outro e apertou-a com veemência. — Afinal, que diabo está você fazendo em meu quarto de dormir? Bolas! É formidável vê-lo por aqui. Por que não está em Paris? Não me diga que eles o puseram nesse negócio.

Leiter encarou o inglês com simpatia.

— Adivinhou. Foi precisamente isso que eles fizeram. E pra mim, pelo menos, é uma oportunidade única. A CIA achou que nós trabalhamos bem, juntos, naquele caso do Cassino. Então eles me arrancaram do grupo de Informação Conjunta de Paris, me passaram todo o serviço de Washington, e aqui estou eu. Sou uma espécie de elemento de ligação entre a CIA e os nossos amigos do FBI — acenou para o Capitão Dexter, que observava com desdém essas expressões pouco profissionais. — O

caso é deles. . . pelo menos o lado americano é, mas, como você sabe, existem os ângulos não americanos da questão, que ficam sob a alçada da CIA. Por isso a coisa está sendo conduzida em conjunto. Agora que você chegou para cuidar do lado jamaicano, pelos britânicos, a equipe está formada. Qual é sua idéia a respeito? Sente-se e vamos beber alguma coisa. Encomendei o almoço assim que soube que você estava lá embaixo. Não vai demorar.

Foi até o bufete e começou a preparar um Martini.

— Bom. Isso é o diabo! — exclamou Bond. — Como sempre, o miserável do M não me contou nada. Ele sempre se limita a dar os fatos. Nunca abre a boca para dar uma boa notícia. Suponho que ele acha que isso pode influenciar a decisão da gente, de topar a parada ou não. Bom, de qualquer modo, está ótimo assim.

De repente Bond notou o silêncio do Capitão Dexter. Voltou-se então para ele.

— Alegra-me estar aqui às suas ordens, Capitão — disse com certo tato. No meu entender, o caso está nitidamente dividido em duas metades. A primeira situa-se por inteiro no solo americano. Sua alçada, portanto. Depois parece que teremos de acompanhá-lo nas Caraíbas. Jamaica. Compreendo que devo encarregar-me dele fora das águas territoriais dos Estados Unidos. Felix aqui casará as duas metades, no que toca ao Governo americano. Enviarei meus relatórios a Londres através da CIA enquanto estiver aqui, e diretamente a Londres, mantendo a CIA informada, quando me transferir para as Caraíbas. É assim que o senhor encara a questão?

Dexter fêz um leve ar de riso:

— Exatamente, Mr. Bond. Mr. Hoover me pediu que lhe transmitisse sua satisfação em poder contar com o senhor. Como nosso hóspede — acrescentou. — Evidentemente não nos preocupa de modo algum o lado britânico do caso, e é uma alegria para nós sabermos que a CIA estará tratando dele com o senhor e seu pessoal em Londres. Imagino que tudo correrá bem. Boa sorte — e ergueu o coquetel que Leiter lhe pusera na mão.

Sorveram com prazer a bebida fria e forte. Leiter tinha uma expressão levemente trocista na fisionomia aquilina.

Soou uma batida na porta. Leiter abriu-a, deixando entrar o mensageiro do hotel com as malas de Bond. Seguiam-no dois garçons que

empurravam carrinhos carregados de travessas cobertas, talheres e uma toalha alvíssima que passaram a estender sobre uma mesa dobradiça.

— Caranguejos de casco mole com molho tártaro, bife hamburguês mal passado, grelhado na brasa, batatinhas fritas, brócolos, salada mista com molho Thousand Island, sorvete com molho de caramelo e o melhor Liebfraumilch que se pode encontrar na América. Está bem?

— Ótimo — respondeu Bond, fazendo uma restrição mental ao molho de caramelo.

Sentaram-se e puseram-se a comer calmamente cada uma das iguarias da cozinha americana num de seus melhores dias.

Quase não disseram uma palavra. Só depois que os garçons serviram o café e recolheram os pratos foi que o Capitão Dexter tirou da boca o charuto de cinquenta cents e limpou a garganta com um pigarro decidido.

— Mr. Bond — disse êle — talvez agora o senhor possa nos contar o que sabe sobre este caso.

Com a unha do polegar, Bond rasgou uma abertura num maço novo de Chesterfield tamanho-gigante e, reclinando-se em sua confortável poltrona na sala tépida e luxuosa, recordou o dia frio e úmido do princípio de janeiro, duas semanas antes, quando saiu do apartamento em Chelsea e imergiu na melancólica meia-luz do nevoeiro londrino.

## 2

### ENTREVISTA COM “M”

O cinzento Bentley conversível, de 1933, 4 ½ por litro, com o super-compressor Amherst-Villiers, fora trazido minutos antes da garage onde era guardado, e o motor tinha pegado assim que Bond calcara o arranque automático. Depois de acender os dois faróis de neblina, Bond seguiu com extremo cuidado por King’s Road e subiu Sloane Square até sair em Hyde Park.

O ajudante-de-ordens de M havia telefonado à meia-noite para informar que M queria falar com Bond às nove horas da manhã seguinte.

— É um pouquinho cedo — êle dissera a título de desculpa — mas parece que o homem quer que alguém entre em ação. Andou pensando nisso algumas semanas. Acho que afinal tomou uma decisão.

— Alguma indicação que possa me dar pelo telefone?

— A de abricó e C de Charlie — respondeu o ajudante-de-ordens e desligou.

Isso queria dizer que o caso estava afeto às Estações A e C, seções do Serviço Secreto que se ocupam dos Estados Unidos e do Caribe, respectivamente. Durante a guerra, Bond trabalhara sob as ordens da Estação A, mas pouco sabia de C e de seus problemas.

Enquanto em marcha lenta e rente ao meio-fio, atravessava Hyde

Park, na companhia do lento e surdo tamborilar do seu tubo de escape de duas polegadas, êle se sentia emocionado com a perspectiva de avistar-se com M, o homem extraordinário que era então, e ainda é, chefe do Serviço Secreto. Desde o fim do verão que êle não encarava aqueles olhos frios e perspicazes. Naquela ocasião M tinha demonstrado prazer em vê-lo.

— Tire licença — dissera então. — Por bastante tempo. Depois mande enxertar uma nova pele no dorso dessa mão. “Q” achará a pessoa mais indicada para esse trabalho e marcará um encontro. Não posso ver você andando por aí com essa maldita marca russa. Vou ver se lhe arranjo um bom serviço para quando você estiver em ordem. Felicidades.

A mão voltara ao normal, sem maiores dificuldades mas lentamente. Os traços finos da ferida, que representavam a letra russa STCH, inicial de *Spion*, espião, tinham sido removidos, e quando Bond pensou no homem do estilete que fizera as incisões suas mãos agarraram-se com força ao volante.

Que era feito da brilhante organização de que o homem do estilete fora agente, o órgão soviético de vingança, SMERSH, abreviatura de *Smyert Spionam* — Morte aos Espiões? Ainda era ela tão poderosa, tão eficiente? Quem a comandava, agora que Beria tinha sumido? Depois do complicado caso em que se vira envolvido, o caso do jogo em Royale-les-Eaux, Bond havia jurado que se desferraria. Dissera isso mesmo a M na última entrevista. Iria este encontro de agora com M colocá-lo no caminho da revanche?

Os olhos de Bond apertaram-se, quando êle fitou a treva de Regents Park, e, na débil claridade espalhada pelo quadro de instrumentos do automóvel, seu rosto apareceu cruel e duro.

Parou o carro na altura das garagens situadas detrás do edifício alto e sombrio, entregou a direção a um chofer à paisana e caminhou para a entrada principal. Conduziram-no de elevador ao último andar e depois, ao longo do corredor alcatifado, que êle conhecia tão bem, até à porta contígua à da sala de M.

O ajudante-de-ordens aguardava-o e sem perda de tempo comunicou-se com o chefe pelo interfone.

— 007 está aqui.

— Mande entrar.

Miss Money Penny, a apetecível e onipotente secretária particular de M, concedeu-lhe um sorriso animador, e êle atravessou as portas du-



plas. No mesmo instante acendeu-se a luzinha verde no alto da parede da sala de onde êle saíra, M não devia ser perturbado enquanto a luz estivesse acesa.

Um quebra-luz de vidro formava um poço de claridade em cima da tampa de couro vermelho da ampla escrivaninha. O resto da sala estava imerso na penumbra provocada pela bruma do lado de fora das janelas.

— Bom dia, 007. Deixe-me dar uma olhada na mão. É. Não está mal. De onde tiraram a pele?

— Do alto do antebraço.

— Hum. Os cabelos agora vão nascer um pouquinho mais grossos. E encaracolados também. Mas o que é que se pode fazer? Por ora parece que está bem. Sente-se.

Bond rodeou a mesa e foi sentar-se na única cadeira que havia de frente de M. Os olhos escuros fitavam-no, indo além dele.

— Descansou bastante?

— Descansei, sim. Muito obrigado.

— Já viu alguma dessas antes?

M tirou qualquer coisa do bolso do colete e atirou-a na mesa na direção de Bond. O objeto emitiu um som metálico abafado ao cair sobre o couro vermelho. Era uma moeda de ouro, de uma polegada de diâmetro, e reluzia intensamente.

Bond apanhou-a, examinou-a de um lado e de outro, sopesou-a na palma da mão.

— Não. Vale talvez umas cinco libras.

— Quinze para um colecionador. É uma *rose noble* de Eduardo IV.

M enfiou outra vez a mão no bolso do colete e atirou mais outras resplendentes moedas de ouro em cima da mesa diante de Bond. E à medida que as arremessava ia identificando uma por uma.

— *Double excellente*, espanhola, Fernando e Isabel, 1510; *écu au soleil*, francesa, Carlos IX, 1574; *double écu d'or*, francesa, Henrique IV, 1600; *double ducat*, espanhola, Felipe II, 1560; *ryder*, holandesa, Carlos d'Egmond, 1538; *quadruple*, Gênova, 1617; *duple louis, à la mèche courte*, francesa, Luís XIV, 1644. Fundidas, valem muito dinheiro. Valem muito mais para os colecionadores, dez a vinte libras cada uma. Reparou numa coisa comum a todas elas?

Bond refletiu:

— Não senhor.

— Todas cunhadas antes de 1650. Morgan, o pirata sanguinário, foi governador e comandante supremo da Jamaica de 1674 a 1683. A moeda inglesa é o curinga da coleção. Remetida provavelmente para pagar a guarnição da Jamaica. Mas por isso e pelas datas, é possível que elas provenham de qualquer outro tesouro reunido pelos grandes piratas... L'Ollonais, Pierre le Grand, Sharp, Sawkins, Barba Negra. No estado em que estão, e nisto Spinks e o Museu Britânico estão de acordo, é quase certo fazerem parte do tesouro de Morgan.

M fez uma pausa para encher e acender o cachimbo. Não convidou Bond a acender um cigarro e Bond não o faria sem ser convidado.

— E deve ser um tesouro fantástico. Até o momento quase mil des-sas e de outras semelhantes apareceram nos Estados Unidos nos últimos meses. E se o Departamento de Investigação do Tesouro e o FBI chegaram a registrar mil, quantas mais não foram fundidas ou encaminhadas para as coleções particulares? E continuam circulando. Surgem nos bancos, nas mãos dos negociantes de ouro e prata em barras, dos antiquários e principalmente dos agiotas, é óbvio. O FBI está numa sinuca danada. Se incluir essas moedas nos avisos policiais de objetos roubados, a fonte secará. Serão fundidas em barras de ouro e canalizadas para o mercado negro. Sacrificariam o valor delas como raridades, mas o ouro iria direto para os negócios clandestinos. Ao que tudo indica, alguém está se servindo dos negros. . . carregadores, cabineiros de carros-dormitórios, motoristas de caminhão. . . e espalhando o dinheiro por todo o território dos Estados Unidos. Gente completamente ingênua. Aqui está um caso típico — M abriu uma pasta marrom, que trazia a estrela vermelha dos documentos extremamente sigilosos, e retirou de dentro uma folha de papel. Pelo avesso, Bond pôde ler o cabeçalho impresso: “Departamento de Justiça. Bureau Federal de Investigação”. M começou a ler o papel:

— “Zachary Schmidt, trinta e cinco anos, negro, membro da Associação dos Cabineiros de Carros-Dormitórios, residente à Rua West 126, n.º 90b, na Cidade de Nova York”. — M levantou a vista. — Harlem — informou. — “O depoente foi identificado por Arthur Fein, de Fein Jewels, Inc., Lennox Avenue, 870, que declarou ter o depoente oferecido à venda, no dia 21 de novembro último, quatro moedas de ouro dos séculos XVI e XVII, conforme especificação anexa. Fein ofereceu cem dólares, que foram aceitos. Inquirido posteriormente, Smith declarou que as moedas lhe tinham sido vendidas no Seventh Heaven Bar-B-Q (bem conhecido bar do

Harlem), pela importância de vinte dólares cada uma, por um negro que nunca vira antes, nem voltou a ver desde então. Dissera o vendedor que cada uma delas valia cinquenta dólares no estabelecimento de Tiffany, mas que ele, vendedor, necessitava urgentemente de dinheiro e, no fim de contas, Tiffany era muito longe. Smith comprou uma por vinte dólares e, ao descobrir que um agiota da vizinhança oferecia-lhe vinte e cinco dólares por ela, voltou ao bar e comprou as três restantes por sessenta dólares. No outro dia de manhã foi oferecê-las no estabelecimento de Fein. O depoente não registra antecedentes criminais.”

M recolocou o papel dentro da pasta marrom.

— É sempre assim — comentou. — Diversas vezes eles têm apanhado o elo seguinte da cadeia, o intermediário que as adquiriu um pouco mais barato, e descobrem que ele comprou um punhado delas, cem, de uma feita, a outro homem que se presume tê-las comprado ainda mais barato. Todas as transações de maior vulto têm-se realizado no Harlem ou na Flórida. Sempre tem acontecido que o homem seguinte no elo da cadeia é um negro desconhecido; em todos os casos, é um funcionário de escritório, próspero, educado, que diz ter imaginado que as moedas provinham de um tesouro sem dono, o tesouro do Barba Negra. Essa história do Barba Negra resistiria à maioria das investigações — prosseguiu M — porque há razão para acreditar que parte de seu tesouro foi desenterrado no dia de Natal de 1928, num lugarejo chamado Plum Point. É uma faixa estreita de terra em Beaufort County, Carolina do Norte, onde um riacho denominado Bath Creek deságua no rio Pamlico. Não pense que sou entendido no assunto — sorriu. — Você pode ler a respeito de tudo isso no dossiê. Portanto, em teoria, é perfeitamente razoável que esses felizardos caçadores de tesouros tenham escondido o espólio até que a história fosse esquecida e depois lançaram as moedas no mercado. Ou então podem ter vendido tudo de uma vez na época, ou algum tempo depois, e só agora o comprador resolveu ganhar dinheiro com sua mercadoria. Seja como fôr, está tudo muito bem calculado, menos em dois pontos.

M deteve-se um instante para reacender o cachimbo.

— Primeiro, Barba Negra operou aí por volta de 1690 a 1710, e é improvável que nenhuma de suas moedas tenha sido cunhada depois de 1650. Além disso, como já salientei, é pouco verossímil que seu tesouro contivesse *rose nobles* de Eduardo IV, uma vez que não consta que algum carregamento de dinheiro inglês tenha sido capturado a caminho da Ja-

maica. Os Irmãos da Costa não se apossariam da carga. Esses navios andavam fortemente escoltados. Para os que navegavam naquele tempo havia lucros mais fáceis “na escrituração da pilhagem”, como se dizia então. Em segundo lugar — e M olhou para o teto e depois de novo para Bond — eu sei onde está o tesouro. Pelo menos estou convencido disso. E não está na América. Está na Jamaica, e é de Morgan. Imagino que é um dos mais valiosos tesouros abandonados da história.

— Santo Deus! — exclamou Bond. — E como. . . e onde o encontraremos?

M levantou a mão.

— Você achará todos os pormenores aqui dentro. — Deixou cair a mão sobre a pasta marrom. — Em síntese, a Estação C tem andado no encalço de um iate Diesel, o Secatur, que vive navegando de uma ilhota na costa norte da Jamaica para uma cidade chamada São Petersburgo, passando pelas ilhas Keys da Flórida, no Golfo do México. São Petersburgo é uma espécie de estação de veraneio, perto de Tampa, Costa Ocidental da Flórida. Com a ajuda do FBI conseguimos descobrir que o dono do iate e da ilha é um homem chamado Mr. Big, um gangster negro. Mora no Harlem. Já ouviu falar nele?

— Não — respondeu Bond.

— E o que é curioso — a voz de M tornou-se mais baixa e tranqüila — é que uma cédula de vinte dólares que um dos tais negros tinha pago por uma moeda de ouro e cujo número êle havia anotado para fazer uma fêzinha no Peaka Peow, o jogo dos números, foi paga por um dos prepostos de Mr. Big. E foi paga — M apontou o tubo do cachimbo para Bond — por informação transmitida a um agente do FBI, que é também membro do partido comunista.

Bond deu um assovio quase inaudível.

— Em suma — continuou M — suspeitamos que esse tesouro jamaicano esteja sendo usado para financiar a rede de espionagem soviética, ou boa parte dela, na América. E nossa suspeita se converterá em certeza, quando eu lhe disser quem é esse Mr. Big.

Bond esperou, os olhos fitos nos olhos de M.

— Mr. Big — disse M, pesando cada palavra — é provavelmente o mais poderoso criminoso negro do mundo. É — e passou a enumerar cuidadosamente — o chefe da seita vodu *Viúva Negra*, e os que o seguem acreditam que êle é o próprio Barão Samedi. Você encontrará tudo sobre

isso aqui — deu uma palmadinha na pasta — e vai ficar apavorado. É também agente soviético. Por fim, e isto lhe interessa particularmente, é elemento de confiança da SMERSH.

— Ah — disse Bond sem pressa — começo a perceber.

— É um caso e tanto — comentou M, olhando Bond com interesse.

— E que homem, esse Mr. Big!

— Creio que nunca ouvi falar antes de um grande criminoso negro — observou Bond. — Dos chineses, é claro que já, dos homens por trás do mercado de ópio. De alguns figurões japoneses, particularmente no negócio de pérolas e narcóticos. Sei que muitos negros andaram embrulhados no tráfico de diamantes e ouro na África, mas coisas sem grandes pretensões. Não parecem dados aos grandes negócios. Camaradas ordeiros, respeitadores da lei, é o que sempre pensei que eles eram.

— Nosso homem foge um pouco à regra geral — explicou M. — Não é negro puro. Nasceu no Haiti. Boa dose de sangue francês. Treinado em Moscou, também, como você vai ver na ficha. E acontece que as comunidades negras começam agora a produzir gênios em todas as profissões. . . cientistas, médicos, escritores. Já é tempo de que dêem ao mundo um grande criminoso. No fim de contas, existem duzentos e cinquenta milhões de negros em todo o mundo. Quase um terço da população branca. Sobram-lhes inteligência, habilidade e coragem. E eis que Moscou ensinou a um deles a técnica.

— Gostaria de encontrá-lo — disse Bond. Depois acrescentou, sem exaltação: — Gostaria de encontrar qualquer elemento da SMERSH.

— Ótimo, então, Bond. Leve isso com você. — M entregou-lhe a alentada pasta marrom. — Converse com Plender e Damon e esteja pronto para viajar dentro de uma semana. É uma missão conjunta da CIA e do FBI. Pelo amor de Deus, não vá pisar nos pés do FBI . Estão cheios de calos. Boa sorte.

Bond fora direto ao Comandante Damon, chefe da Estação A, um canadense ativo que controlava a ligação com a CIA, serviço secreto norte-americano.

Damon levantou a vista da escrivaninha.

— Estou vendo que você conseguiu — disse êle, olhando para a pasta. — Sabia que ia conseguir. Sente-se — apontou para uma poltrona ao pé da lareira elétrica. — Quando você tiver terminado a leitura, eu preencheri as lacunas.



## UM CARTÃO DE VISITA

E agora, passados dez dias, a conversa com Dexter e Leiter pouco acrescentara, refletiu Bond ao acordar lenta e preguiçosamente em seu quarto no Hotel St. Regis, no dia seguinte ao de sua chegada a Nova York.

Dexter fornecera enorme variedade de informações sobre Mr. Big, mas nada que lançasse nova luz sobre o caso. Mr. Big tinha quarenta e cinco anos, nascera no Haiti, meio magro e meio francês. Em virtude das iniciais de seu fantástico nome de batismo, Buonaparte Ignace Gallia, e de sua desmesurada altura e corpulência, passou a ser chamado, mesmo na juventude, "Big Boy", ou apenas "Big". Tempos depois, o apelido evoluiu para "The Big Man" ou "Mr. Big". Nome e sobrenomes verdadeiros subsistiam agora somente num batistério paroquial do Haiti e no dossiê arquivado no FBI. Não tinha vícios, exceto mulheres, que consumia em grandes quantidades. Não bebia nem fumava. Seu único calcanhar de Aquiles parecia ser um mal crônico do coração que, nos últimos anos, emprestara-lhe à pele um leve matiz acinzentado.

O Big Boy se iniciara no culto vodu quando garoto, ganhara a vida dirigindo caminhão em Pôrto-Príncipe, depois emigrara para os Estados Unidos e fora bem sucedido no trabalho com uma turma de salteadores da quadrilha de Legs Diamond. Com a revogação da Lei Seca, êle se

transferiu para o Harlem e comprou a metade de um cabaré modesto e de uma rede de exploração de prostitutas negras. O sócio foi encontrado num barril de cimento no Rio Harlem em 1938, e Mr. Big tornou-se automaticamente proprietário único do negócio. Foi convocado em 1943 e, devido a seu notável domínio da língua francesa, foi notado pelo escritório do Serviço Estratégico, serviço secreto norte-americano durante a guerra, que o preparou com esmero e o largou em Marselha como agente contrário aos colaboracionistas de Pétain. Com facilidade êle se misturou aos trabalhadores negros africanos das docas e prestou bons serviços, fornecendo ótimas e precisas informações navais. Operava em íntima colaboração com um espião soviético, que fazia idêntico trabalho para os russos. Finda a guerra, foi desmobilizado na França (condecorado pelos norte-americanos e pelos franceses) e depois desapareceu durante cinco anos, provavelmente em Moscou. Regressou ao Harlem em 1950 e logo se tornou, aos olhos do FBI, suspeito de fazer espionagem para a União Soviética. Contudo, nunca se deixou incriminar nem apanhar nas armadilhas preparadas pelo FBI. Comprou três cabarés e uma próspera cadeia de bordéis do Harlem. Parecia dispor de capital ilimitado e pagava a todos os seus testas-de-ferro uma cota fixa de vinte mil dólares por ano. Em vista disso e das depurações mediante assassinato, era servido com perícia e zelo. Sabia-se que tinha fomentado a ereção de um templo clandestino do culto vodu no Harlem e estabelecido as ligações dele com a matriz no Haiti. Tinha surgido o boato de que êle era o Zumbi, ou o cadáver animado do próprio Barão Samedi, o temido Príncipe das Trevas. Encorajara a difusão da história, de modo que agora ela era aceita por todas as camadas mais baixas do mundo negro. Em consequência disso, êle infundia verdadeiro temor, solidamente fundamentado nas imediatas e amiúde misteriosas mortes de todos os que o contrariavam ou lhe desobedeciam as ordens.

Bond tinha inquirido Dexter e Leiter com todo o rigor a respeito da prova da conexão do gigante negro com a SMERSH. A evidência parecia eliminar todas as dúvidas.

Em 1951, ante a promessa de um milhão de dólares em ouro e refúgio seguro após seis meses de trabalho, o FBI chegara a persuadir conhecido agente soviético do MWD a fazer jogo duplo. Tudo correu bem durante um mês, e os resultados ultrapassaram as expectativas mais otimistas. O espião russo ocupava o cargo de perito em questões econômicas na delegação soviética às Nações Unidas. Um sábado êle fora tomar o



trem subterrâneo para a estação de Pensilvânia, a caminho do campo de repouso de fim de semana dos soviéticos na antiga herdade de Morgan em Long Island, Glen Cove.

Um negro descomunal, formalmente identificado através de fotografias como o Big Man, estivera ao lado dele na plataforma quando o trem entrou na estação e fora visto caminhando para o portão de saída antes mesmo que o primeiro vagão parasse sobre os vestígios sangrentos do russo. Ninguém o vira empurrar o homem, mas no ruído ruído isso não teria sido difícil. Espectadores afirmaram que não podia ter sido suicídio. O homem soltara um grito horrível ao cair e (toque melancólico) trazia pendente do ombro um carcás com tacos de golfe. O Big Man, como sempre, tinha um álibi sólido como Fort Knox. Fora detido e interrogado, mas posto em liberdade num abrir e fechar de olhos pelo melhor advogado do Harlem.

Esses indícios eram suficientes para Bond. Mr. Big era o homem talhado para a SMERSH e possuía a competência necessária. A arma inflexível e real do terror e da morte. E que organização esplêndida a sua para manobrar a arraia-miúda do mundo do crime no Harlem e fazer funcionar sem deslizes uma vasta rede de informações — o pavor do vodu e do sobrenatural, milenar e profundamente entranhado no subconsciente dos negros! E que gênio o seu para ter, de partida, todo o sistema de transporte da América sob vigilância: os trens, os carregadores, os motoristas de caminhão, os estivadores! Ter em suas mãos uma legião de homens-chaves que não faziam a menor idéia de que as perguntas que respondiam foram formuladas pela Rússia. Humildes trabalhadores que, se refletissem, imaginariam ter vendido a informação sobre fretes e horários às companhias de transporte rivais.

Não era essa a primeira vez que Bond sentia um calafrio percorrer-lhe a espinha ante a fria e cintilante eficiência da engrenagem soviética e ante o terror da morte e da tortura que a punha em movimento e cujo motor infalível era a SMERSH — SMERSH, o sussurro mesmo da morte.

Agora, em seu quarto no Hotel St. Regis, Bond desembaraçou-se de seus pensamentos e saltou da cama impaciente. Pois bem, um deles estava ali, à mão, pronto para o entrechoque. Em Royale mal entrevira o seu homem. Desta vez, seria cara a cara. O Big Man? Que fosse, então, uma chacina gigantesca, homérica.

Bond foi até à janela e descerrou as cortinas. O quarto dava para o

norte, para o Harlem. Por alguns instantes Bond olhou o horizonte nessa direção, onde outro homem talvez estivesse dormindo ou, quem sabe?, acordado e pensando provavelmente nele, Bond, a quem vira ao lado de Dexter à porta do hotel. Bond contemplou o dia maravilhoso e sorriu. E ninguém, nem mesmo Mr. Big teria gostado da expressão de seu rosto.

Bond deu de ombros e caminhou rápido para o telefone.

— Hotel St. Regis. Bom-dia — atendeu uma linda voz.

— Serviço, por favor — disse Bond. — Serviço? Queria encomendar o café. Suco de laranja duplo, três ovos mexidos com toicinho defumado, café expresso com creme, duplo. Torradas. Geléia de frutas. Entendido?

O pedido foi-lhe repetido. Bond passou para a saleta e apanhou os jornais, que deviam pesar umas cinco libras e que ali tinham sido colocados sem ruído, logo cedinho. Havia também uma pilha de embrulhos em cima da mesa, de que êle não fez caso.

Na tarde anterior Bond tivera de se submeter a um ligeiro processo de americanização, imposto pelo FBI . Viera um alfaiate que lhe tomara as medidas para dois ternos, tipo paletó-saco, de estambre fino azul escuro (Bond se recusara terminantemente a usar qualquer coisa mais vistosa), e um empregado de uma loja de artigos para homens trouxera camisas de nylon desagradavelmente alvas com colarinhos de pontas compridas. Tivera de aceitar ainda meia dúzia de gravatas de fular com estampados fora do comum, meias escuras com pinhas extravagantes, dois ou três lenços para bolso de paletó, camisetas e cuecas de nylon (chamadas camisas-T e shorts), um sobretudo leve e folgado, de pêlo de camelo, com grandes enchimentos nos ombros, um chapéu de feltro ordinário, cinzen-to, de aba curta com fita preta estreita, e dois pares de mocassins pretos, esporte, costurados a mão e cômodos de verdade.

Adquiriu também um prendedor de gravata Swank, com a forma de rebenque, uma carteira de cédulas de couro de crocodilo, de Mark Cross, um isqueiro Zippo sem enfeites, um estôjo Travel-Pax contendo aparelho de barba, escova de cabelo, escova de dentes, óculos de aro de chifre sem grau, várias outras bugigangas e, por fim, uma maleta leve Hartmann Skymale para guardar todas essas coisas.

Permitiram-lhe que conservasse sua Beretta calibre 25 e o boldriê de camurça, mas o resto de seus objetos de uso pessoal devia ser recolhido ao meio-dia e enviado para a Jamaica.

Cortaram-lhe o cabelo à escovinha e instruíram-no para que se fi-

zesse passar por filho da Nova Inglaterra, natural de Boston, que se achava de férias de seu emprego na filial londrina do Banco Guaranty. Indicaram-lhe quais as palavras e expressões americanas que deveria usar em lugar das correspondentes inglesas, recomendaram-lhe que tivesse cuidado especial com o sotaque e (isto partiu de Leiter) sugeriram que evitasse por todos os meios as palavras de mais de duas sílabas. Leiter ainda o aconselhou a ser cauteloso na conversação e a esquecer por completo um ou dois modismos tipicamente ingleses.

Bond olhou com desgosto para o monte de embrulhos que continham sua nova identidade, despiu o pijama pela última vez (— na América quase todo mundo dorme nu, Mr. Bond) e tomou um banho frio de chuveiro. Enquanto fazia a barba, examinou o rosto no espelho. A juba espessa e negra perdera um bocado de sua agressividade, e o cabelo estava bem aparado nas têmporas. Nada se pôde fazer a respeito da cicatriz vertical na face direita, embora o FBI tivesse experimentado aplicar um produto químico, nem dos frios laivos de cólera nos olhos azuis acinzentados. Mas o sangue mesclado da América estava presente nos cabelos negros e nas maçãs salientes, e Bond julgou que poderia arranjar-se — exceto, talvez, com as mulheres.

Nu como estava, Bond foi à saleta e abriu dois ou três embrulhos. Algum tempo depois, de camisa branca e calça azul escura, entrou na sala de estar, puxou uma cadeira para a escrivaninha perto da janela e pôs-se a folhear *The Traveller's Tree*, de Patrick Leigh Fermor, notável livro de viagem que lhe tinha sido recomendado por M.

— Esse sujeito sabe o que diz — observou M. — E não se esqueça de que êle escrevia sobre o que estava acontecendo no Haiti em 1950. Isso não é idiotice de magia negra na Idade Média não. É coisa de todos os dias.

Bond leu ao acaso no capítulo sobre o Haiti:

"O passo seguinte consiste na invocação dos entes maléficos que habitam o panteão vodu — Don Pedro, Kitta, Mondongue, Bakalou e Zandor — com propósitos nocivos como a suposta prática (de origem congolosa) de transformar seres humanos em zumbis, a fim de empregá-los como escravos, a distribuição de feitiços e a destruição de inimigos. A eficácia das bruxarias, cuja forma exterior pode ser a imagem da futura vítima, a miniatura de um ataúde ou um sapo, é reforçada muitas vezes

pelo uso separado de veneno. O Pai Cosme discorreu longamente acerca das superstições que sustentam que certos homens têm poderes para se transformarem em cobras; dos "Loups-Garoups" que voam à noite sob a forma de vampiros e bebem o sangue das crianças; de homens que se reduzem a tamanho infinitesimal e rolam pelas campinas dentro de cabasças. O que pareceu muito mais sinistro foi o grande número de sociedades secretas místico-criminosas de feiticeiros, com nomes apavorantes: "les Mackanda", assim denominada em homenagem às campanhas de envenenamento do herói haitiano; "les Zobop", que eram também ladrões; a "Mazanxa", a "Caporelata" e a "Vlinbindingue". Estas, disse êle, eram as misteriosas associações cujos deuses exigem — ao invés de galo, ou pombo, cabrito, cachorro ou porco, como nos ritos normais de vodu — o sacrifício de um "cabrit sans cornes". Este cabrito sem chifres, significa, evidentemente, um ser humano..."

Bond virou as páginas. Trechos ocasionais combinavam-se para formar em seu espírito um quadro extraordinário de uma religião tenebrosa e de ritos terríveis.

"...Lentamente, do meio do tumulto, da fumarada e do barulho estrçalhante dos tambores, que por instantes esvaziavam nossas mentes de tudo, menos de seu impacto, os pormenores começaram a se destacar...

"...Para trás e para a frente, com grande lentidão, os dançarinos arrastavam os pés, e a cada passo os queixos precipitavam-se para fora e as ancas atiravam-se para cima, enquanto os ombros se sacudiam duas vezes mais depressa. Os olhos estavam semicerrados e daquelas bocas jorravam continuamente as mesmas palavras ininteligíveis, o mesmo verso curto da melopéia, repetido, após cada pausa, meia oitava abaixo. A uma mudança no ritmo dos tambores, eles empertigavam os corpos e, lançando os braços para o ar enquanto reviravam os olhos para cima, começavam a rodopiar...

"...Na orla da multidão deparamo-nos com uma chocinha pouco maior do que um canil: "Le caye Zombi". O clarão de uma tocha mostrou lá dentro uma cruz negra, trapos, correntes e chicotes, acessórios utilizados nas cerimônias Ghédhé, que os etnólogos haitianos associam aos ritos de rejuvenescimento de Osíris, registrados no Livro dos Mor-

tos. Numa fogueira acesa estavam enfiados dois sabres e um grande alicate, cujas partes inferiores o calor tinha avermelhado. Era "le Feu Marinette", consagrado a uma deusa que é o reverso maligno da suave e amorosa Maitresse Erzulie Fréda Dahomin, a Deusa do Amor. Mais além, com a base presa num encaixe de pedra, erguia-se uma alta cruz negra de madeira. Perto da base havia uma caveira pintada de branco e sobre a barra transversal esticavam-se as mangas de um paletó velho. Também via-se aí a aba de um chapéu amassado através de cuja copa projetava-se a ponta da cruz. Este totem, com que todos os peristilos devem estar aparelhados, não é uma caricatura do acontecimento central da fé cristã, mas representa o Deus dos Cemitérios e o Chefe da Legião dos Mortos, Barão Samedi. O Barão é senhor supremo em todas as questões de além-túmulo. Ele é Cérbero e Caronte, bem como Eaco, Radamanto e Plutão...

"... Os tambores mudaram de ritmo, o Houngenikon veio para o solo dançando, trazendo nas mãos um vaso cheio de líquido ardente do qual subiam chamas azuis e amarelas. Quando deu a volta ao pilar e derramou três libações flamejantes, seus passos começaram a vacilar. Depois, dando uma guinada para trás com os mesmos sintomas de delírio que se tinham manifestado em seu antecessor, arremessou ao chão toda a masa em chamas. Os houncis seguraram-no quando êle cambaleou, tiraram-lhe as sandálias, enrolaram-lhe as calças até o meio da perna, enquanto o manto lhe caiu da cabeça e deixou nu seu crânio moço e lanoso. Outros houncis ajoelharam-se, meteram as mãos na lama chamejante e esfregaram-na nas mãos, nos cotovelos e nas faces. O sino e o "açõn" do Houngan, matraquearam solenemente, e o jovem sacerdote ficou sozinho, rodopiando e colidindo no pilar, arremessando-se atarantado pelo chão e caindo entre os tambores. Seus olhos estavam fechados, a testa esticada e o queixo caído. Depois, como se um punho invisível lhe tivesse aplicado um soco violento, êle caiu no chão e lá ficou, a cabeça estirando-se para trás num rito de angústia, até que os tendões do pescoço e dos ombros se intumesceram feito raízes. Uma das mãos agarrava com força o outro cotovelo por trás das costas encovadas como se êle estivesse procurando quebrar o próprio braço, e todo o corpo, do qual o suor escorria, vibrava e estremia como um cachorro num sonho. Embora os olhos estivessem agora escancarados, só o branco deles era visível, com as pupilas sumidas debaixo das pálpebras. A espuma juntava-se nos lábios...

"... Agora o Houngan, dançando a passo lento e brandindo um cute-

lo, afastou-se do fogo, ferindo o ar com a arma e segurando-a pelo cabo. Alguns minutos depois, êle a segurava pelo lado cego da lâmina. Dançando devagar na direção dele, o Houngenikon alcançou-o e agarrou o cabo do cutelo. O sacerdote retirou-se, e o rapazinho, contorcendo-se e pulando, rodopiou de um lado para o outro da "tonelle". O anel de espectadores gingava para trás quando êle se precipitava sobre eles rodando a lâmina por cima da cabeça, os claros entre os dentes arreganhados a lhe comunicarem à cara simiesca um aspecto ainda mais selvagem. Durante alguns segundos a "tonelle" enchia-se de verdadeiro e implacável terror. A cantoria convertera-se num lamento universal, e os tamborileiros, ru-fando e deitando a língua de fora com o furioso e invisível movimento das mãos, perdiam-se num arrebatamento de alarido.

"Deitando a cabeça para trás, o noviço enterrou no estômago o lado cego do cutelo. Os joelhos vergaram, e a cabeça tombou para a frente..."

Soou uma pancada na porta, e um garçom entrou com o café. Bond alegrou-se de poder abandonar a tenebrosa narrativa e regressar ao mundo da normalidade. Mas foram-lhe necessários vários minutos para esquecer a atmosfera carregada de terror e misticismo que o envolvera enquanto lia.

Com o café veio outro pacote, de cerca de trinta centímetros quadrados, caro na aparência, que Bond mandou o mensageiro colocar em cima do bufete. Alguma coisa de que Leiter se lembrou depois, imaginou Bond. Tomou o café com prazer. Entre um bocado e outro olhava pela, janela e refletia sobre o que acabara de ler.

Só depois de ter ingerido o último gole de café e acendido o primeiro cigarro do dia foi que percebeu de súbito um ruídozinho na sala, às suas costas.

Era uma palpitação surda, abafada, compassada, metálica. E vinha do lado do bufete.

— Tique-taque. . . tique-taque. . . tique-taque. . .

Sem hesitar, sem reparar que estava procedendo como um idiota, mergulhou no soalho por trás da poltrona e agachou-se, todos, os sentidos voltados para o ruído procedente do pacote quadrado. — "De pé — disse para si mesmo. — Não seja ridículo. É um relógio." — Mas por que um relógio? Por que devia receber um relógio? Da parte de quem?

Tique-taque... tique-taque... tique-taque...

No silêncio da sala o ruído assumira proporções enormes. Parecia marcar o tempo com as palpitações do coração de Bond. — "Não seja estúpido. Aquela história de vodu de Leigh Fermor acabou com seu sangue frio. Os tambores..."

— Tique-taque... tique-taque... tique...

E de repente, a campainha disparou sua profunda, melodiosa e urgente chamada.

— Tongtongtongtongtongtongtong...

Os músculos de Bond relaxaram-se. Seu cigarro aceso fizera um buraco no tapete. Apanhou-o e colocou-o na boca. As bombas nos despertadores explodem quando o martelo dá a primeira pancada na campainha. O martelo fere um pino numa espoleta, a espoleta inflama o explosivo e *booumm*. . .

Bond levantou a cabeça acima do espaldar da poltrona e observou o pacote.

— Tongtongtongtongtongtongtong. . .

O som abafado da campainha prolongou-se por meio minuto, depois começou a parar.

— Tong... tong... tong... tong... tong... tong... tong...

— C-R-R-R-R-A-K.

Não foi mais estrepitoso do que um cartucho calibre-12, mas no limitado espaço da sala soou como uma explosão razoável.

O pacote, em frangalhos, rolara pelo soalho. Os copos e garrafas tinham-se despedaçado, e havia um borrão negro de fumaça na parede cinza atrás deles. Fragmentos de vidro tilintaram a cair. Forte cheiro de pólvora invadiu o aposento.

Bond ergueu-se devagarinho. Foi à janela e abriu-a. Então discou o número de Dexter. Falou com voz calma.

— Granada de mão... Não, pequena... só alguns copos... Está bem, obrigado... Não, é claro que não... Até.

Contornou os destroços, passou pela saleta e foi até a porta que dava para o corredor, abriu-a, pendurou do lado de fora o aviso de que não queria ser incomodado, trancou-a e encaminhou-se para o quarto de dormir

Quando tinha acabado de vestir-se ouviu uma pancada na porta.

— Quem está aí?

— Dexter. Abra.

Dexter entrou apressado, seguido por um rapaz amarelo que trazia uma caixa preta debaixo do braço.

— Trippe, de Sabotagem — anunciou Dexter.

Deram um aperto de mãos, e o rapaz sem perda de tempo ajoelhou-se junto aos restos carbonizados do pacote.

Abriu a caixa e sacou umas luvas de borracha e um punhado de forceps de dentista. Munido de seus instrumentos, arrancou pacientemente fragmentos de metal e vidro do pacote tostado e espalhou-os numa larga folha de mata-borrão tirada da escrivaninha.

Enquanto trabalhava, perguntava a Bond o que tinha acontecido.

— A campainha tocou cerca de meio minuto? Compreendo. Sim senhor, e isso aqui? — Puxou delicadamente um pequeno recipiente de alumínio do tipo usado para filme exposto. Colocou-o de lado.

Depois de alguns minutos, acorrou-se.

— Cápsula de ácido para meio minuto — informou. — Quebrada pela primeira martelada da campainha. O ácido corrói um fino fio de cobre. Trinta segundos depois, o fio se parte e desprende o embolo na chapeleta disto aqui. — Tinha na mão a base de um cartucho. — Espingarda para elefante calibre 4. Pólvora negra. Sem fumaça. Sem chumbo. Sorte não ser uma granada. Espaço à vontade no embrulho. Teria lhe ferido. Agora vejamos o que é isso.

Apanhou o cilindro de alumínio, desatarraxou-o, arrancou de dentro um rolinho de papel e desdobrou-o com seus forceps.

Aplanou-o com todo o cuidado no tapete, prendendo as extremidades com quatro utensílios saídos da caixa preta. O papel continha três frases datilografadas. Bond e Dexter curvaram-se para ler:

O CORAÇÃO DESTE RELÓGIO PAROU DE BATER. AS BATIDAS DO SEU PRÓPRIO CORAÇÃO ESTÃO NUMERADAS. SEI QUANTAS SÃO E JÁ COMECEI A CONTAR.

A mensagem estava assinada "1234567. . .?"

Levantaram-se.

— Hum — comentou Bond. — Coisa de Lobisomem.

— Mas como diabo êle soube que você está aqui? — perguntou Dexter.



Bond lhe contou o caso do Sedan negro na Rua 55.

— Mas a questão é esta: — disse Bond — como é que êle sabe o que vim fazer aqui? Isso mostra que Washington pra êle não tem segredos. Deve haver em alguma parte um vazamento do tamanho do Grand Canyon.

— Por que em Washington? — perguntou Dexter irritado. — Seja como fôr — controlou-se com um riso forçado — diabo leve tudo isso. Tenho de fazer um relatório à direção geral sobre o que aconteceu. Até mais, Mr. Bond. Estou satisfeito de que nada lhe tenha acontecido.

— Muito obrigado — disse Bond. — Foi só um cartão de visita. Devo responder ao cumprimento.



## O GRANDE PAINEL DE CONTROLE

Quando Dexter e seu colega foram embora, levando os resíduos da bomba, Bond pegou uma toalha úmida e passou a esfregar a parede para eliminar a mancha da fumaça. Em seguida chamou o garçom e, sem maiores explicações, disse-lhe que debitasse os copos quebrados em sua conta e recolhesse as coisas do café. Depois botou o paletó e o chapéu e foi para a rua.

Passou a manhã na Quinta Avenida, andando sem destino, contemplando as vitrinas e observando a multidão de transeuntes. Pouco a pouco assimilou o andar e o aspecto despreocupados do visitante de fora da cidade, e quando pôs-se à prova em algumas lojas e perguntou o caminho a diversas pessoas descobriu que ninguém o olhava duas vezes.

Comeu um almoço americano típico num restaurante chamado Gloriosos Presuntos-Com-Ovos ("Os Ovos que Serviremos Amanhã Ainda Hoje Estão na Granja"), em Lexington Avenue, e depois tomou um táxi com destino ao centro, à Chefatura de Polícia, onde devia encontrar Leiter e Dexter às duas e trinta.

Um certo Tenente Binswanger, da Seção de Homicídios, oficial suspicaz e mal-humorado, já descambando para os cinquenta anos, participou que o Comissário Monahan tinha dito que eles poderiam confiar na

total cooperação do Departamento de Polícia. Em que êle poderia ser-lhes útil? Examinaram a ficha de Mr. Big, que mais ou menos reproduziu as informações de Dexter, e as fichas e fotografias de seus conhecidos cúmplices.

Estudaram os informes da Polícia Marítima a respeito das idas e vindas do iate Secatur e também as anotações da Alfândega, que tinha exercido severa vigilância sobre o barco todas as vezes que êle entrara na doca de São Petersburgo.

Os documentos confirmavam que o iate havia aportado a intervalos irregulares nos seis meses anteriores e que sempre ancorava no cais da Ourobouros Worm & Bait Shippers, Inc., uma empresa de aparência inocente cuja atividade principal era vender isca viva aos clubes de pesca espalhados pela Flórida, pelo Golfo do México e por outras partes mais longínquas. A companhia também desenvolvia lucrativa atividade suplementar com a venda de conchas e corais para decoração de interiores e explorava ainda a venda de peixes tropicais para aquário — em particular espécies raras e venenosas, procuradas pelos departamentos de pesquisa de fundações médicas e químicas.

Segundo o proprietário, grego pescador de esponjas, oriundo das adjacentes Tarpon Springs, o Secatur fazia bons negócios com sua companhia, trazendo carregamentos de búzios e outras conchas da Jamaica e também variedades muito apreciadas de peixe tropical. Essas cargas eram compradas pela Ourobouros, Inc., armazenadas em seus depósitos e vendidas a granel a atacadistas e varejistas em toda a extensão da costa. O nome do grego era Papagos. Passado limpo nos arquivos criminais.

O FBI, com o auxílio do Serviço de Investigação Naval, tentara escutar os radiogramas do Secatur. Mas este se mantinha fora do ar, excepto para transmitir curtas mensagens antes de levantar ferros de Cuba ou da Jamaica, e depois transmitia *en clair* numa linguagem desconhecida e completamente indecifrável. A última anotação na ficha era no sentido de que o operador estava falando em "Linguagem", o idioma vodu secreto, usado apenas pelos iniciados, e que todos os esforços deveriam ser envidados para contratar um especialista no Haiti antes da próxima viagem.

— Mais ouro apareceu nos últimos dias — comunicou o Tenente Binswanger quando regressavam do Bureau de identificação, do outro lado da rua, para o gabinete dêle. — Mais ou menos cem moedas numa

semana, no Harlem e em Nova York apenas. Querem que entremos em ação? Se os senhores têm razão e se se trata mesmo de dinheiro dos comuns, eles devem estar se infiltrando a todo vapor enquanto nós estamos sentados de braços cruzados.

— O chefe recomenda que fiquemos de fora — disse Dexter. — Espero que em breve alguma providência seja tomada.

— Bom, o caso é dos senhores — reconheceu Binswanger de má vontade. — Mas o comissário já está começando a se encher. Por que não o encanamos por sonegação de imposto, violação de correspondência ou estacionamento em frente de um hidrante ou de um reservatório? Por que não o agarramos e damos duro nele? Se os Federais não quiserem tomar a iniciativa, nós faremos esse favor com todo prazer.

— Quer provocar um conflito racial? — objetou Dexter irritado. — Não há nada contra êle. Você sabe disso e nós também sabemos. Se êle não fosse solto em meia hora por aquele seu chicaneiro, os atabaques do vodu começariam a bater daqui até o extremo sul. Quando eles se embriagam com esse troço nós sabemos o que acontece. Lembra-se de 35 e 43? Precisou que vocês apelassem para a milícia. Não fomos nós que pedimos pra tomar conta do caso. O Presidente é que o passou pra nós e o jeito é agüentá-lo.

Estavam outra vez no gabinete incolor de Binswanger. Apanharam os chapéus e sobretudos.

— De qualquer maneira, grato pela ajuda, Tenente — disse Dexter com forçada cordialidade enquanto se despediam. — Foi das mais valiosas.

— Não há de que — disse Binswanger com frieza. — Elevador à direita — e fechou a porta atrás deles com força.

Leiter piscou o olho para Bond pelas costas de Dexter. Desceram em silêncio até à entrada principal em Centre Street. Na calçada, Dexter virou-se para os dois.

— Recebi instruções de Washington hoje de manhã — disse êle, impassível. — Parece que tenho de cuidar da coisa no Harlem, e vocês dois irão a São Petersburgo amanhã. Leiter tratará de descobrir o que fôr possível e depois irá para a Jamaica em sua companhia, Mr. Bond. Isto é — acrescentou — se quiser tê-lo a seu lado. É seu território.

— Com o maior prazer — replicou Bond. — Eu já ia mesmo perguntar se êle podia vir comigo.

— Ótimo — disse Dexter. — Então vou dizer a Washington que está tudo arranjado. Há mais alguma coisa que possa fazer pelo senhor? Comunicações com o FBI, Washington, naturalmente. Leiter tem os nomes do nosso pessoal na Flórida, conhece os sinais convencionados e tudo o mais.

— Se Leiter topasse e o senhor não fizesse objeção — disse Bond — eu gostaria de dar um pulo no Harlem hoje de noite, só para dar uma espiada por lá. Isso me ajudaria a formar uma idéia por alto do terreiro de Mr. Big.

Dexter refletiu um instante.

— Está certo — concordou finalmente. — Não há maior inconveniente, eu creio. Mas não se mostrem muito. E tomem cuidado — acrescentou. — Não há ninguém lá para socorrê-los. E não vão arranjar encrenca pra nós. Esse caso ainda não está no ponto. Até lá, nossa política com Mr. Big. é "viva e deixe viver".

Bond lançou um olhar irônico para o Capitão Dexter.

— No meu ofício — disse êle — quando eu tenho pela frente um homem como esse, meu lema é outro. É "viva e deixe morrer".

Dexter deu de ombros.

— Pode ser — disse êle — mas aqui quem dá ordens sou eu, Mr. Bond, e ficaria muito alegre se o senhor as acatasse.

— Não tenha dúvida — disse Bond. — E muito obrigado pelo auxílio. Espero que o senhor seja feliz na sua missão.

Dexter fez sinal para um táxi. Apertaram-se as mãos.

— Até, companheiros — disse Dexter lacônico. — Alerta, hem! O táxi partiu, metendo-se na fila de carros que subiam para a cidade.

Bond e Leiter sorriram um para o outro.

— Cara competente, não acha? — disse Bond.

— São todos assim lá onde êle trabalha — explicou Leiter. — Um pouquinho metidos a sebo. Muito ciosos de seus direitos. Sempre discutindo com a gente ou com a polícia. Mas imagino que vocês na Inglaterra têm o mesmo problema.

— Ah, sim, é claro — assentiu Bond. — Estamos sempre irritando o MI 5. E o pessoal dele também vive pisando nos calos da Scotland Yard — explicou. — Mas que tal irmos ao Harlem hoje de noite?

— Topo — disse Leiter. — Deixo você no St. Regis agora e vou apa-

nhá-lo às seis e trinta. No King Cole Bar, térreo. Acho que você quer dar uma olhada em Mr. Big — e mostrou os dentes num sorriso. — E eu também, mas não valia a pena dizer isso a Dexter. — Chamou um táxi amarelo.

— Hotel St. Regis. Rua 55, cinco.

Pularam para dentro da lata superaquecida e cheirando a fumaça velha de charuto. Leiter baixou o vidro de uma janela.

— Que é isso, chefe? — perguntou o chofer por cima do ombro. — Quer que eu pegue uma pneumonia?

— Isso mesmo — retrucou Leiter. — Só assim a gente consegue escapar desta câmara de gás.

— Sabidinho, hem? — disse o chofer, arrancando um som metálico de suas engrenagens.

Tirou da orelha a ponta mascada de um charuto e ergueu-a na mão.

— Três por vinte e cinco cents — explicou com um lamento na voz.

— Por vinte e quatro já é caro — disse Leiter.

O resto da corrida passou em silêncio. Separaram-se à porta do hotel, e Bond subiu para seu apartamento. Eram quatro horas. Pediu à telefonista que o chamasse às seis. Por algum tempo olhou pela janela do quarto de dormir. À esquerda o Sol se punha, em chamas. Nos arranha-céus as luzes iam surgindo, transformando a cidade inteira num favo de mel dourado. Lá embaixo as ruas eram como rios de néon, carmesim, azul, verde. O vento soprava de leve lá fora, no crepúsculo aveludado, emprestando a seu quarto mais calor, segurança e conforto. Cerrou as cortinas e acendeu as lâmpadas que espalharam uma claridade tênue sobre a cama. Depois tirou a roupa e pulou para debaixo dos finos lençóis de percal. Pensou no tempo desagradável que estava fazendo nas ruas de Londres, no relutante refúgio da sibilante lareira a gás de seu gabinete de trabalho, no menu, escrito a giz, no bar em que estivera em seu último dia em Londres: "Sapo Gigante & 2 Veg."

Espichou-se preguiçosamente e em pouco tempo conseguiu adormecer.

Lá em cima, no Harlem, diante do grande painel de controle, o Co-chicho dormitava curvado sobre um programa de corridas. Todas as linhas estavam inativas. De repente uma lâmpada brilhou à direita do painel — uma lâmpada importante.

— Pronto, patrão — sussurrou êle no fone de cabeça. Mesmo que desejasse falar mais alto não poderia. Nascera no "Bloco do Pulmão", na Sétima Avenida, Rua 142, onde a tuberculose causa um número de mortes duas vezes mais elevado que em qualquer outro setor de Nova York. Agora restava-lhe apenas parte de um pulmão.

— Avise a todos os olheiros — disse uma voz lenta e profunda — que estejam alerta a partir de agora. Três homens. — Seguiu-se breve descrição de Leiter, Bond e Dexter: — Talvez venham hoje de noite ou amanhã. Diga-lhes que estejam atentos sobretudo da Primeira à Oitava Avenidas e nas outras também. Os clubes noturnos, caso não apareçam nas ruas. Não devem ser molestados. Me chame quando tiver uma informação segura. Entendido?

— Entendido, patrão — respondeu o Cochicho, respirando forte.

A voz calou-se. O operador agarrou todas as tomadas, e em poucos segundos o grande painel fervilhava com o pisca-pisca das lâmpadas. Baixinho, apressado, o Cochicho ia murmurando pela noite adentro.

Às seis horas Bond foi despertado pelo zumbido do telefone. Tomou um banho frio, de chuveiro, e vestiu-se com apuro. Botou uma espalhafatosa gravata de listra e permitiu-se usar um lenço com as pontas para fora no bolso do paletó. Colocou o boldrié de camurça por cima da camisa, de modo a tê-lo a três polegadas debaixo da axila esquerda. Acionou o mecanismo da Beretta até que todas as oito balas caíram em cima da cama. Depois recolocou-as no pente, carregou a arma, levantou o registro de segurança e enfiou a pistola no coldre.

Levantou do chão o par de mocassins esporte, apalpou-lhes o bico e sopesou-os. Depois meteu a cabeça debaixo da cama e puxou um par de sapatos que tivera o cuidado de deixar fora da maleta, cheia de seus pertences, que o FBI mandara buscar de manhã.

Calçou-os e sentiu-se melhor aparelhado para enfrentar a noite.

Por baixo do couro, as pontas de seus sapatos estavam forradas de aço.

Às seis e vinte e cinco desceu para o King Cole Bar e escolheu uma mesa perto da entrada e encostada na parede. Leiter apareceu poucos minutos depois. Bond quase não o reconheceu. A sua grenha côr de palha virara azeviche, e êle trajava um terno azul brilhante, camisa branca e uma gravata de bolinhas brancas e pretas.



Leiter sentou-se sorridente.

— De repente resolvi levar esse pessoal a sério — explicou. — Isso é só por esta noite. De manhã desaparecerá. Assim espero — acrescentou.

Leiter pediu martini seco, com uma rodela de limão. Exigiu gim House of Lords e Martini Rossi. O gim americano, de teor alcoólico mais alto do que o inglês, pareceu desagradável a Bond. Refletiu que devia ter cuidado com o que bebesse naquela noite.

— Temos de estar alerta no lugar pra onde vamos — disse Felix Leiter, como se estivesse pensando em voz alta. — O Harlem anda meio turbulento. Já não se vai lá como se ia antes. Terminar a noite no Harlem era, antes da guerra, o mesmo que ir a Montmartre em Paris. Eles apreciavam o dinheiro da gente. Podia-se ir ao Savoy e dar uma volta no salão de dança. Talvez até arranjar uma garota e arriscar um consultório médico depois. Agora tudo está mudado. O Harlem já não quer ser visto. Os melhores pontos estão fechados, e nos outros você é apenas tolerado. Muitas vezes é arrastado para fora pela orelha. E não conta com a simpatia da polícia, tampouco.

Leiter tirou do copo a rodela de limão e pôs-se a mascar pensativamente. O bar estava ficando cheio. Era acolhedor e sociável — a grande distância, imaginou Leiter, da atmosfera carregada, inimiga dos bares do Harlem onde estariam bebendo mais tarde.

— Pessoalmente — continuou Leiter — eu gosto dos negros. Escrevi umas notas sobre jazz Dixieland para o *Amsterdam News*, um dos jornais locais. Fiz uma série para a Associação de Imprensa da América do Norte sobre o teatro negro, na época em que Orson Welles montou seu Macbeth com elenco negro, no Lafayette. Conheço o Harlem como a palma da minha mão.

Acabaram a bebida, e Leiter pediu a conta.

— Há naturalmente muito mau caráter por lá — disse êle. — Como em qualquer parte. O Harlem é a capital do mundo negro. Em meio milhão de pessoas de qualquer raça você encontra uma multidão de calhordas. A dificuldade com o nosso amigo Mr. Big é que êle tem uma tarimba danada, graças ao que aprendeu durante a guerra e em Moscou. E deve ser muito bem organizado.

Leiter pagou.

— Vamos — disse êle. — Tratemos de nos divertir e sair de lá inteiros. Afinal, é para isso que somos pagos. Vamos pegar um ônibus na Quin-

ta Avenida. São poucos os táxis que querem ir lá depois que escurece.

Deixaram o hotel e encaminharam-se para o ponto do ônibus na Avenida.

Chovia. Bond levantou a gola do sobretudo e esprou o olhar pela Avenida à sua direita, por Central Park e pela escura cidadela que alojava o Big Man.

As narinas de Bond dilataram-se ligeiramente. Ele estava sôfrego por acossar o inimigo. Sentia-se forte, sólido e confiante. A noite esperava-o, para ser aberta e lida, página por página, palavra por palavra.

Diante de seus olhos a chuva caía em pingos rápidos e oblíquos — texto itálico atravessando a capa negra, fechada, que escondia as horas incertas, estendidas à sua frente.

## SÉTIMA AVENIDA

No ponto de ônibus situado na esquina da Quinta Avenida e Cathedral Parkway, três negros estavam de pé, calados, sob a claridade do poste de iluminação. Pareciam ensopados e amolados. E estavam. Vinham observando o tráfego na Quinta Avenida desde que chegara o aviso às quatro e meia.

— Tu, agora, Gordão — falou um deles quando o ônibus se aproximou na chuva e parou com um suspiro dos possantes freios de ar.

— Tou lombado — disse o gorducho do impermeável. Mas puxou o chapéu para cima dos olhos e pulou para dentro. Enfiou suas moedas pela ranhura da caixa coletora e caminhou para o fundo do ônibus, correndo os olhos pelos passageiros. Pestanejou ao ver os dois brancos, deu alguns passos para a frente e foi sentar-se imediatamente atrás de ambos.

Examinou-lhe as nuças, os sobretudos, os chapéus e os perfis. Bond estava sentado junto à janela. O negro viu o reflexo da cicatriz na vidraça escura.

Ergueu-se e passou para a frente do ônibus sem olhar para trás. Na primeira parada, saltou e foi direto para a drogaria mais próxima. Fechou-se na cabina.

Cochicho fêz-lhe algumas perguntas apressadas, depois cortou a

ligação. Em seguida, introduziu a tomada num furo à direita do painel.

— Sim? — atendeu a voz profunda.

— Patrão, um deles acaba de aparecer na Quinta Avenida. O inglês da cicatriz. Vem com um amigo, que não parece combinar com a informação sobre os outros dois. — O Cochicho transmitiu uma descrição minuciosa de Leiter. — Vêm para o norte, ambos. — Deu o número e o provável horário do ônibus.

Houve uma pausa.

— Perfeito — disse a voz tranqüila. — Convoque todos os olheiros nas outras avenidas. Previna os cabarás de que um deles já chegou e diga o seguinte a Tee-Hee Johnson, McThing, Blabbermouth Foley, Sam Miami e Flannel. . .

A voz falou durante cinco minutos.

— Pegou tudo? Repita.

— Lá vai, patrão — respondeu Cochicho.

Olhou para o bloco de notas taquigrafadas e sussurrou fluentemente e sem uma pausa no bocal do fone.

— Exato.

A linha silenciou.

Os olhos brilhando, Cochicho agarrou um punhado de tomadas e começou a falar para a cidade.

Desde o instante em que Bond e Leiter se acharam sob o toldo do cabaré de Sugar Ray na Sétima Avenida, Rua 123, havia um grupo de homens e mulheres que os observavam ou aguardavam a vez de os observar, comunicando-se em voz baixa com o Cochicho através do grande painel do Riverside Exchange e encaminhando-os para o lugar do encontro. Num mundo em que eles eram naturalmente o foco da atenção geral, nem Bond nem Leiter pressentia a engrenagem oculta, nem percebiam a tensão que os envolvia.

No famoso clube noturno, os tamboretas ao longo do balcão estavam apinhados, mas uma das cabinas junto da parede estava desocupada. Bond e Leiter deslizaram furtivamente para as duas cadeiras separadas por uma mesinha estreita.

Pediram uísque e soda — Haig & Haig, garrafa de bolso. Bond passou a vista pela multidão. Era quase toda de homens. Havia dois ou três brancos, apreciadores de boxe ou repórteres das colunas esportivas dos

jornais de Nova York, na opinião de Bond. A atmosfera era mais cordial e vulgar do que no centro comercial da cidade. As paredes estavam cobertas de fotografias de pugilistas, principalmente de Sugar Ray Robinson e de cenas de suas grandes lutas. Era um lugar animado e fazia bom movimento.

— Sujeito esperto, esse Sugar Ray — disse Leiter. — Esperemos que nós dois saibamos parar quando chegar a hora. Êle armazenou o que pôde e agora está aumentando o pé-de-meia com esse negócio de cabaré. Seu quinhão nos lucros deste lugar é uma bolada razoável, e êle possui imóveis na redondeza. Continua dando duro, mas não no tipo de trabalho que termina deixando o sujeito cego ou provocando uma hemorragia cerebral. Êle largou enquanto ainda tinha forças.

— É provável que vá financiar um espetáculo na Broadway e perca tudo — disse Bond. — Se eu largasse agora e fosse cuidar de um pomar em Kent, é bem possível que topasse pela proa com o inverno mais rigoroso desde o congelamento do Tâmis e ficasse completamente liso. A gente não pode planejar tudo.

— Pode-se tentar — objetou Leiter. — Mas eu sei o que você quer dizer. . . é melhor ficar na frigideira que você conhece do que saltar no fogo desconhecido. A vida não é má quando consiste em ficar sentado num bar agradável bebericando bom uísque.

Esvaziaram os copos, e Bond chamou o garçom.

— Hoje corre tudo por minha conta — disse êle. — Tenho de me desfazer de um bocado de dinheiro e trouxe comigo trezentos dólares para gastar.

— Conte comigo — disse Leiter, que estava a par dos mil dólares que tinham sido entregues a Bond.

Quando o garçom ia buscar o troco, Leiter perguntou-lhe bruscamente:

— Sabe onde o Big Man está operando esta noite?

O garçom mostrou o branco do olho. Curvou-se e golpeou a mesa de leve com o guardanapo.

— Tenho mulher e filhos, chefe — sussurrou pelo canto da boca.

Empilhou os pratos na bandeja e voltou para o balcão.

— Mr. Big tem a melhor de todas as proteções — disse Leiter. — O medo.

Saíram para a Sétima Avenida. A chuva tinha passado, mas "Haw-

kins", o vento do norte, que enregela os ossos e que os negros saúdam com um reverente "Hawkins chegou", estava ali para livrar as ruas das multidões habituais. Leiter e Bond encontraram poucos casais na calçada, e os olhares que recebiam eram na maioria dos casos insolentes ou francamente hostis. Um ou dois homens cuspiram na sarjeta quando eles passaram.

Bond sentiu de imediato a força do que Leiter tinha dito. Eles eram intrusos e indesejáveis. Bond voltou a sentir a apreensão que conhecera tão bem durante a guerra, quando teve de trabalhar algum tempo por trás das linhas inimigas. Com um meneio dos ombros afastou o mal-estar.

— Vamos comer no Ma Frazier, mais acima na Avenida — disse Leiter. — Melhores pratos do Harlem. Pelo menos já foram.

Enquanto caminhavam, Bond observava as vitrinas.

Chamou-lhe a atenção o grande número de barbearias e salões de beleza. Todos anunciavam os mais variados produtos para espichar o cabelo — "Apex Glossatina, aplicação com ferro quente", "Silky Strate, não avermelha, não queima" — e drogas para alvejar a pele. Pela ordem de frequência, seguiam-se as camisarias e lojas de artigos masculinos, que expunham fantásticos sapatos de couro de cobra, camisas com desenhos de aviões, calças-funiz de listras largas, ternos "amigo da onça". Todas as livrarias estavam repletas de literatura educativa — como aprender isto, como fazer aquilo — e de histórias em quadrinhos. Diversas casas eram especializadas em magia e ocultismo — *As Sete Chaves do Poder*, "O mais estranho livro de todos os tempos", com subtítulos como estes: "O que deve fazer para se livrar do mau-olhado", "Entoe os seus desejos na Língua Silenciosa", "Enfeitice Alguém, em Qualquer Lugar", "Faça qualquer pessoa Amá-lo". Entre os sortilégios figuravam "High John, a Raiz do Triunfo", "Óleo Mágico do Enriquecimento", "Sachê em Pó, Contra o Azar", "Incenso Vencedor da Urucubaca" e a "Liamba da Boa Sorte, que Protege do Mal, Confunde e Atrapalha os Inimigos".

Bond ponderou que não era de surpreender que o Big Man encontrasse no culto vodu uma arma tão poderosa sobre mentalidades que ainda se enchiam de pavor ao verem uma pena de galinha branca ou gravetos cruzados na estrada — e isto no centro da cintilante metrópole do mundo ocidental.

— Estou satisfeito de ter vindo — disse Bond. — Começo a entender melhor o nosso Mr. Big. Não se pode ter o menor indício dessa coisa

num país como a Inglaterra. Também temos lá as nossas superstições... principalmente os celtas, mas aqui a gente só falta ouvir os tambores.

Leiter resmungou.

— Queria é que já chegasse a hora de ir pra cama — disse êle. — Mas precisamos fazer uma idéia do nosso amigo antes de resolvermos chegar até onde êle está.

A animação do restaurante de Ma Frazier contrastava com a frieza das ruas. Comeram um excelente jantar: mexilhões e galinha frita Maryland com toicinho e milho verde.

— Temos de prová-lo — disse Leiter. — É o prato nacional.

No restaurante acolhedor a atmosfera era refinada. O garçom demonstrou alegria por vê-los e apontou várias personalidades, mas quando Leiter deixou escapar uma pergunta acerca de Mr. Big, êle fez que não houve. Manteve-se à distância até que os dois homens pediram a conta.

Leiter repetiu a pergunta.

— Desculpe, chefe — respondeu o garçom lacônico. — Acho que nunca ouvi falar de ninguém com esse nome.

Eram dez e meia quando saíram do restaurante, e a Avenida estava muito menos movimentada. Tomaram um táxi até o Savoy Ballroom, pediram um uísque com soda e puseram-se a olhar os pares que dançavam.

— A maioria das danças modernas foram inventadas aqui — explicou Leiter. — Daí todo esse cartaz. O Lindy Hop, Truckin, o Susie Q, o Shag. Todos esses passos de danças foram criados nesse soalho. As grandes orquestras americanas de que você já ouviu falar orgulham-se de terem tocado aqui alguma vez. . . Duke Ellington, Louis Armstrong, Cab Calloway, Noble Sissle, Fletcher Flenderson. É a Meca do jazz.

Estavam numa mesa perto do varão que rodeava o enorme salão de danças. Bond sentiu-se enfeitado. Muitas das garotas lhe pareciam bonitas. O ritmo da música invadiu-o de tal forma que êle quase esqueceu o que viera fazer ali.

— Apodera-se da gente, não é mesmo? — comentou Leiter por fim. — Eu podia passar a noite toda aqui. Mas é melhor irmos andando. Quero lhe mostrar Small's Paradise. E depois iremos a uma das baiúcas de Mr. Big. Vou ao banheiro enquanto você paga a conta. Pode ser que eu consiga saber onde podemos encontrá-lo esta noite. Não me agrada termos de ir a todos os seus lugares.

Bond pagou a conta e foi encontrar-se com Leiter embaixo, no es-

treito saguão da entrada.

Leiter puxou-o para fora, e os dois subiram a rua à procura de um táxi.

— Custou-me vinte pratas — disse Leiter, mas diz o cara que êle estará no Boneyard. Um boteco em Lenox Avenue. Perto de seu centro de operações. O mais animado strip tease da cidade. Uma pequena chama-da G-G Sumatra. Toma-se um trago no Yeah Man e ouve-se um pouco de piano. Às doze e trinta a gente sai para o Boneyard.

O grande painel de controle, agora a poucos blocos de distância, estava quase quieto. Os dois homens tinham sido seguidos em sua passagem por Sugar Ray, Ma Frazier e o Savoy Ballroom. À meia-noite foram vistos entrando no Yeah Man. Às doze e trinta veio a última chamada, e depois o painel ficou em silêncio.

Mr. Big ligou o telefone e falou primeiro com o chefe dos garçons.

— Dois brancos vão entrar em cinco minutos. Dê-lhes a mesa Z.

— Certo, patrão — disse o chefe dos garçons, e caminhou apressado pela pista de dança até uma mesa da direita, oculta do resto da sala por uma coluna. Ficava quase na entrada de serviço, mas oferecia uma boa visão da pista e da orquestra no lado oposto.

Estava ocupada por dois casais.

— Perdão, pessoal — disse o chefe dos garçons. — Houve um engano. A mesa está reservada. Jornalistas que vêm da cidade.

Um dos homens ensaiou um protesto.

— Cai fora, mano — disse o chefe dos garçons com energia. — Lof-ty, leve esse pessoal para a mesa F. A bebida é por conta da casa. Sam — acenou para outro garçom. — Limpe a mesa. Serviço para dois.

Os dois casais afastaram-se dóceis, apaziguados pela perspectiva da bebida gratuita. O chefe dos garçons colocou um letreiro "Reservado" em cima da mesa Z, inspecionou-a e voltou a seu posto na escrivaninha alta, com a planta das mesas, ao lado do cortinado da entrada.

Enquanto isto, Mr. Big fizera mais duas chamadas. Uma delas para o mestre-de-cerimônias.

— Apague todas as luzes ao terminar o ato de G-G.

— Pois não, patrão — disse o mestre-de-cerimônias com entusiasmo.

A outra chamada foi para quatro homens que jogavam dados no



subsolo. Foi uma chamada longa, com instruções minuciosas.



## MESA Z

Às doze e quarenta e cinco Bond e Leiter pagaram o táxi e passaram debaixo do letreiro que anunciava o Boneyard em néon violeta e verde.

O ritmo surdo e o cheiro agridoce assaltaram os dois homens quando eles atravessaram as pesadas cortinas do lado de dentro da porta de vaivém. Os olhos das pequenas do vestiário reluziram com um sinal de sobressalto.

— O senhor fez reserva de mesa? — perguntou o chefe dos garçons.

— Não — disse Leiter. — Podemos ficar mesmo no balcão.

O chefe dos garçons consultou a planta das mesas. Parecia estar tomando uma decisão. Afinal apontou firmemente o lápis para um quadrado na extremidade do cartão.

— Essa turma não veio. Acho que não posso manter a reserva a noite inteira. Acompanhem-me, por favor.

— Suspendeu o cartão acima da cabeça e conduziu-o, contornando a pequena e apinhada pista de dança. Arrastou uma das duas cadeiras e retirou o letreiro "Reservado".

— Sam — chamou o garçom que estava do outro lado. — Atenda a esses senhores — e afastou-se.

Leiter e Bond pediram uísque com soda e sanduíches de presunto. Bond farejou o ar.

— Maconha — observou.

— Quase todos os verdadeiros fans de jazz apreciam o baseado — explicou Leiter. — este é dos poucos lugares onde podem fumar à vontade.

Bond olhou em volta. A música tinha parado. O conjunto, composto de clarinete, contrabaixo, violão elétrico e bateria, deixava o canto oposto do salão. Os dez ou doze pares que tinham estado dançando retornavam, alguns ainda saracoteando, para suas mesas, e debaixo do soalho de vidro da pista a luz vermelha apagou-se. No lugar dela acenderam-se no forro as lâmpadas da grossura de um lápis, cujos feixes de luz incidiam nos coloridos globos de vidro, maiores do que bolas de futebol, dependurados com alguma simetria ao longo das paredes. Os globos eram de cores variadas, ouro, azul, verde, violeta, vermelho. Quando alcançados pelos feixes luminosos, incandesciam-se como sóis multicores. As paredes, de um preto lustroso, espelhavam seus reflexos como fazia o suor nas caras de ébano dos homens. Algumas vezes um homem sentado entre dois focos de luz revelava faces de cores diferentes, uma verde, digamos, e a outra vermelha. A técnica de iluminação impossibilitava distinguir as feições de uma pessoa a mais de um metro de distância. Algumas luzes enegreciam o batom nos lábios das moças; outras imprimiam-lhes num dos lados do rosto um brilho intenso e cálido, dando ao outro perfil a luminosidade de um corpo afogado.

Todo o quadro era macabro e lívido, como se El Greco houvesse pintado ao clarão da Lua um cemitério exumado numa cidade em chamas.

O salão não era espaçoso; media uns cento e poucos metros quadrados. Havia umas cinqüenta mesas, e os fregueses estavam atulhados como azeitonas num jarro. Estava quente, e o ar carregado de fumaça e do cheiro doce e selvagem de duzentos corpos negros. O barulho era infernal — o murmúrio da tagarelice dos negros que se divertiam sem reservas, entrecortado pelas agudas explosões de algazarra, gritos e gargalhadas, quando chamavam uns aos outros em voz alta através da sala.

— Ai meu Bom Jesus! Repara só quem está aqui!

— Bolas! E você por onde tem andado?

— Deus do céu! É Pinkus. . . Olá, Pinkus!

— Deixa. . . Deixa. . . Deixa, estou te dizendo! (Ruído de tapa.)

— Onde está G-G? Vamos, G-G. Mostra que és a maior!

De vez em quando um rapaz ou uma moça aparecia em plena pista e improvisava um solo desenfreado. Os amigos batiam as mãos marcando o ritmo. Estouravam vaías e assovios. Se era uma moça que sapateava, vinham logo os gritos: — Queremos um strip! Strip! Manda brasa, boneca! Remexe! Mais! Mais! Então aparecia o mestre-de-cerimônias e dispersava os dançarinos no meio de gemidos de protestos e brados de zombaria.

O suor começou a borbulhar na testa de Bond. Leiter curvou-se para o companheiro e pôs as mãos em concha:

— Três saídas. Frente. Porta de serviço atrás da gente. E por trás da orquestra.

Bond balanceou a cabeça afirmativamente. Naquele momento tinha a impressão de que isso não era muito importante. Para Leiter o espetáculo não era novo, mas para Bond era uma visão plena da matéria-prima em que trabalhava o Big Man, o barro que amassava nas mãos. A noite pouco a pouco dava carne e sangue aos documentos que havia lido em Londres e Nova York. Se a noite acabasse naquele instante, sem proporcionar uma observação mais apurada do próprio Mr. Big, ainda assim Bond acreditava que seu conhecimento de todo o caso estaria quase completo. Sorveu um gole demorado de seu uísque. Explodiram os aplausos. O mestre-de-cerimônias, um negro alto, envergando um fraque imaculado com um cravo vermelho na lapela, assomara à pista de dança. Estava de pé, com as mãos para o alto, no centro de um foco de luz. O resto da sala imergira na escuridão.

Fêz-se silêncio.

— Pessoal — anunciou o mestre-de-cerimônias mostrando num lampejo o ouro e o branco dos dentes. — Aqui está.

Ouviram-se palmas entusiásticas.

Voltou-se para a esquerda, do outro lado do lugar em que se achavam Leiter e Bond. Estendeu a mão direita. Acendeu-se outro refletor.

— Mr. Jungles Japhet e sua bateria.

Aplausos estrepitosos, vaías, assovios.

Quatro negros de dentes arreganhados, camisas cômicas de fogo e calças-funil brancas foram focalizados, escanchados em quatro barris fusiformes com membranas de couro cru. Os tambores eram de tamanhos diferentes. Os negros eram todos ossudos e compridos. O que cavalaria o

bombo ergueu-se um pouco e agitou as mãos com os dedos entrelaçados para os espectadores.

— Atabaqueiros haitianos — cochichou Leiter.

Fêz-se silêncio. Com as pontas dos dedos os quatro homens deram início a um toque lento, entrecortado, um leve bamboleio de rumba.

— E agora, amigos — bradou o mestre-de-cerimônias, ainda voltado para os tambores — G-G — fêz uma pausa — Sumatra.

A última palavra foi berrada a plenos pulmões. Pôs-se a bater palmas. Instalou-se o pandemônio no salão, com aplausos frenéticos. A porta por trás dos tambores escancarou-se, e dois negros enormes, de tanga, correram para o centro da pista, carregando, pendurada nos ombros de ambos, uma figurinha envolta da cabeça aos pés em penas pretas de avestruz e usando meia-máscara preta nos olhos.

Depositaram-na no soalho e fizeram profunda reverência até tocar com a testa no chão. Ela deu dois passos para a frente. Fora do foco do refletor, os dois negros fundiram-se nas sombras e desapareceram pela porta.

O mestre-de-cerimônias tinha sumido. O silêncio seria absoluto, não fosse a surda palpitação dos tambores.

A jovem levou a mão à garganta, e o manto de penas pretas desprendeuse da frente de seu corpo e espalhou-se, tomando a forma de um leque de um metro e meio. Ela enrodilhou-o às costas devagarinho até transformá-lo numa espécie de rabo de pavão. Estava nua, excetuando-se um miúdo V de renda preta, uma estrela de lantejoula também preta em cada seio e a meia-máscara nos olhos. O corpo era pequeno, rijo, bronzeado, belo. Untado levemente, cintilava sob o foco luminoso.

O auditório estava cheio. Os tambores começaram a apressar o andamento das batidas. O bombo mantinha-se no compasso do pulso humano.

O ventre nu da moça pôs-se lentamente a girar seguindo o ritmo. Ela arrastou as penas pretas de um lado para o outro e novamente deixou-as atrás de si, enquanto as cadeiras passavam a mexer-se acompanhando as batidas do bombo. O busto estava imóvel. As penas rodaram outra vez, e agora os pés e os ombros agitavam-se. Os tambores soavam com mais força. Cada parte do corpo da jovem parecia obedecer a um compasso próprio. Os lábios estavam entre abertos. As narinas começavam a inchar. Os olhos ardiam através das fendas da máscara. Era uma cara de cadeli-

nha sensual — *chienne* foi a única palavra em que Bond pôde pensar.

Os tambores ressoavam cada vez mais rápidos num complexo entrelaçamento de ritmos. A jovem atirou o grande leque fora da pista e ergueu os braços sobre a cabeça. Todo o corpo começou a tremer. Os movimentos do ventre eram mais velozes, em círculo e para dentro e para fora. As pernas distanciavam-se uma da outra. As cadeiras rodopiavam num círculo amplo. Súbito, ela arrancou a estrela de lantejoulas do seio direito e atirou-a nos assistentes, que se manifestaram pela primeira vez com um resmungo abafado. Depois calaram-se. Ela arrancou a outra estrela. Novamente o resmungo e depois o silêncio. Os tambores estrondavam. O suor escorria nos corpos dos bateristas, cujas mãos adejavam como pedaços de flanela cinzenta nas membranas amarelas. Os olhos deles dilatavam-se, distantes, e as cabeças inclinavam-se de leve para um lado como se estivessem à escuta. Quase não olhavam para a moça. Os espectadores ofegavam compassadamente, os olhos líquidos injetados e revirados.

O suor reluzia nela agora, por todo o corpo. Os seios e o ventre cintilavam. Ela rebentava em grandes espasmos. A boca aberta emitia gritinhos sufocados. As mãos deslizavam em coleios pelas ilhargas. De repente ela arrancou a tira de renda e jogou-a aos espectadores. Restava agora apenas uma tanga sumária. Os tambores desencadeavam tempestuoso ritmo sexual. Ela proferiu outros gritinhos abafados e depois, os braços estendidos para diante, pôs-se a mover o corpo para cima e para baixo, cada vez mais depressa. Bond podia perceber a tensão elétrica que percorria o salão. Suas mãos se agarravam à toalha da mesa. A boca estava seca.

Os espectadores começaram a gritar.

— Vamos, G-G. Joga isso fora, boneca. Vamos com isso. G-G. Remexe, remexe.

Ela caiu de joelhos e, à medida que o ritmo se extinguia, entregava-se a uma sucessão de espasmos, miando molemente.

Os tambores caíram num tantã arrastado e lento. Os espectadores mugiam e de todos os lados do salão vinham estridentes obscenidades.

O mestre-de-cerimônias apareceu na pista, sob um foco de luz.

— Está bem, está bem, pessoal.

— O suor inundava-lhe o queixo. Levantou os braços, vencido.

— G-G *concorda!*

Um grunhido de satisfação encheu a sala. Agora ela ia ficar comple-

tamente nua:

— Joga isso fora, G-G. Vamos! Mostra o que tens! Vamos, boneca!  
Os tambores prosseguiram no tanta monótono, entrecortado.

— Mas, meus amigos — berrou o mestre-de-cerimônias ela exige...  
luzes *apagadas*!

Ouviu-se um gemido de frustração no auditório, e toda a sala mergulhou na escuridão.

— Deve ser uma pilhéria antiga — pensou Bond com seus botões.  
De súbito, todos os seus sentidos estavam alerta.

O grunhido da multidão desaparecia com rapidez. Ao mesmo tempo, sentiu o ar frio no rosto, Era como se estivesse afundando.

— Ei! — bradou Leiter. Sua voz estava perto mas parecia ôca.

— "Deus do céu!" — pensou Bond.

Ouviu o estalo de algo que se fechava repentinamente acima de sua cabeça. Pôs as mãos para trás. Tocou numa parede que se movia a poucos centímetros de suas costas.

— Luz — disse uma voz calma.

Ao mesmo tempo seus braços foram agarrados. Forçavam-no a sentar-se na cadeira.

Defronte dele, ainda à mesa, estava Leiter, a quem um negro enorme segurava pelos cotovelos. Estavam numa celinha quadrada. À direita e à esquerda, dois negros, em roupas comuns, apontavam-lhes seus revólveres.

Escutaram o silvo agudo de um elevador hidráulico de garagem, e a mesa assentou tranqüilamente no chão. Bond levantou a vista. A pouco mais de um metro de sua cabeça divisou a junta de uma larga porta de alçapão. Nenhum ruído a atravessava.

Um dos negros arreganhou os dentes.

— Calma, gente. Gostaram do passeio?

Leiter soltou um palavrão. Bond relaxou os músculos, à espera.

— Qual é dos dois o inglês? — perguntou o negro que tinha falado.

Parecia ser o encarregado. O revólver que êle apontava preguiçosamente para o coração de Bond era muito fantasiado. Havia um brilho de madre pérola entre os dedos que seguravam a coronha, e o comprido cano octogonal era finamente trabalhado .

— Acho que é esse aqui — disse o negro que segurava os braços de Bond. — Tem a cicatriz.



A força com que o homem segurava o braço de Bond era tremenda. Este tinha a sensação de estar sendo apertado por dois terríveis torniquetes. Suas mãos estavam quase dormentes.

O homem do revólver fantasiado aproximou-se da mesa e encostou a boca da arma na barriga de Bond. O cão tinha sido puxado para trás.

— Dessa distância não pode errar o alvo — disse Bond.

— Cala o bico — disse o negro.

Revistou Bond com jeito de entendido, usando a mão esquerda: as pernas, as coxas, as costas, a cintura. Desencavou a arma de Bond e entregou-a ao companheiro que também estava armado.

— Essa daí você entrega ao patrão. Tee-Hee — disse êle. — Levante o inglês. Você vai com êle. O outro cara fica comigo.

— Sim senhor — disse o homem chamado Tee-Hee, um negro pançudo, de camisa chocolate e calças-funil côr de lavanda.

Ergueram Bond. Êle tinha um pé enganchado na perna da mesa. Puxou com vontade. Houve um choque de copos e bandejas. Ao mesmo tempo, Leiter deu um coice na perna da cadeira onde estava sentado. Houve uma confusão razoável quando seu calcanhar bateu na canela do homem que o segurava. Bond tentou o mesmo golpe, mas errou. Por um instante registrou-se uma tentativa de barafunda, mas nenhum dos guardas afrouxou o punho. O guarda de Leiter tirou-o da cadeira como se fosse uma criança, virou-lhe o rosto contra a parede e jogou-o contra êle. Quase esmagou o nariz de Leiter. Depois deu-lhe uns safanões. O sangue começou a correr-lhe pelo rosto.

As duas armas continuavam firmemente voltadas para eles. O esforço fora inútil, mas por uma fração de segundo tinham retomado a iniciativa e apagado a surpresa da captura.

— Não percam tempo com isso — disse o negro que dava ordens. Leve o inglês. — Dirigiu-se ao guarda de Bond: — Mr. Big está esperando. — Virou-se para Leiter: — Pode dizer adeus a seu companheiro. Acho que vocês não vão se ver mais.

Bond sorriu para Leiter.

— Por sorte a gente marcou encontro aqui com a polícia às duas horas — disse êle. — Até já, então.

Leiter retribuiu o sorriso, com os dentes vermelhos de sangue:

— O comissário Monahan vai gostar de ver essa cambada. Até já.

— Conversa! — disse convicto o negro. — Vai andando. O guarda

de Bond puxou-o violentamente para um lado e empurrou-o contra uma parte da parede, que se abriu e girou sobre um eixo, dando passagem para um corredor comprido e vazio. O homem chamado Tee-Hee passou por eles e tomou a dianteira. A porta fechou-se por trás deles.

## MISTER BIG

Os passos ecoavam pelo corredor de pedra, no fim do qual havia uma porta. Passaram para outro corredor comprido, iluminado por lâmpadas esparsas que pendiam do teto. Outra porta, e eles se acharam num imenso armazém. Caixas e fardos amontoavam-se em pilhas arrumadas. Havia trilhos para guindastes suspensos. As marcas nos fardos indicavam que se tratava de um depósito de bebidas. Enveredaram por uma passagem que levava a uma porta de ferro. O homem chamado Tee-Hee apertou o botão de uma campainha. O silêncio era absoluto. Bond imaginou que deviam ter andado um quarteirão desde o cabaré.

Ouviu-se o som metálico de ferrolhos, e a porta abriu-se. Um negro em traje a rigor e com um revólver na mão deu um passo para o lado, e eles entraram numa saleta alcatifada.

— Pode entrar, Tee-Hee — disse o homem do traje a rigor.

Tee-Hee bateu na porta diante deles, abriu-a e entrou na frente.

Sentado numa cadeira de espaldar alto, por detrás de luxuosa escrivaninha, Mr. Big fitou-os tranqüilamente.

— Bom-dia, Mr. James Bond. — A voz era profunda e calma. — Sente-se.

O guarda de Bond conduziu-o pelo espesso tapete a uma poltrona

baixa de couro e aço tubular. Largou os braços de Bond, e este sentou-se e encarou o Big Man do outro lado da larga escrivaninha.

Foi um grande alívio ver-se livre das duas mãos que o espremiavam como se fossem um torno. Todas as sensações tinham abandonado os braços de Bond. Ele os deixou cair e recebeu com alegria a vaga impressão de dor surgida quando o sangue voltou a circular.

Mr. Big observava-o, a cabeça imensa encostada no espaldar da cadeira alta. Nada dizia.

Bond reconheceu desde logo que as fotografias nada revelavam deste homem, da força e da inteligência que pareciam emanar dele, das feições descomuns.

A cabeça era uma enorme bola de futebol, duas vezes maior do que o normal e quase totalmente redonda. A pele era preta acizentada, tensa e brilhante como o rosto de um cadáver que passou uma semana dentro do rio. Não tinha cabelo algum, exceto uma ou outra penugem grisalha acima das orelhas. Nada de sobrancelha nem pestana, e os olhos eram tão afastados um do outro que não podiam ser focalizados simultaneamente, mas só um de cada vez. O olhar era firme e penetrante. Quando pousava em alguma coisa, parecia devorá-la, cingi-la por completo. Os olhos eram ligeiramente empapuçados, e a íris dourada em volta da pupila negra que agora estava dilatada. Olhos de animal, não de gente, e pareciam arder em chamas.

O nariz largo não era negróide típico. As narinas não se escancaravam. Os beiços eram só levemente revirados, mas grossos e escuros. Abriam-se apenas quando o homem falava, e nesses momentos arreganhavam-se, deixando ver os dentes e as gengivas cor-de-rosa.

Poucas dobras ou rugas cortavam-lhe o rosto, mas havia duas covas profundas acima do nariz; eram os vincos da concentração. Mais acima a testa avultava um pouco antes de se diluir no cocuruto calvo e polido.

O curioso é que nada havia de desconforme naquela cabeça monstruosa. Era carregada por um pescoço grosso e curto, implantado nos ombros de um gigante. Pela ficha policial Bond sabia que o Big Man media pouco menos de dois metros de altura e pesava cento e cinquenta quilos, e que muito pouco desse volume era gordura. Mas a impressão final infundia medo, terror mesmo, e Bond chegou a imaginar que um ser tão desajustado havia de ter sido forçado desde a infância a voltar-se contra o destino e contra o mundo que odiava porque era por ele temido.

O Big Man vestia um smoking. Havia uma insinuação de vaidade nos diamantes que resplandeciam no peitilho e nos punhos. Suas mãos possantes descansavam meio fechadas em cima da mesa diante dele. Não havia sinais de cigarro nem cinzeiro, e o cheiro da sala era neutro. Na escrivaninha havia apenas um grande interfone com cerca de vinte chaves e, sem nenhum propósito aparente, um rebenque com cabinho de marfim e longa e fina correia branca.

Mr. Big olhava em silêncio e profunda concentração para Bond do outro lado da escrivaninha. Por seu turno, após inspecioná-lo à vontade, Bond passeou o olhar pela sala, que era espaçosa, repousante, sossegada, lotada de livros como a biblioteca de um milionário.

A janela alta por cima da cabeça de Mr. Big era o único ponto vago nas paredes entulhadas de estantes. Bond voltou-se na cadeira. Mais estantes, abarrotadas de livros. Não havia nem sinal de porta, mas deveria haver algumas portas escondidas por trás das estantes. Os dois negros que o tinham trazido para a sala estavam de pé junto à parede atrás de sua cadeira e davam sinais de desassossêgo. Os brancos dos olhos apareciam. Eles não olhavam para Mr. Big, mas para uma curiosa efígie em cima de uma mesa à direita, quase atrás do patrão. Mesmo com seus conhecimentos superficiais do culto vodu, Bond foi capaz de identificar a imagem pela descrição que havia lido no livro de Leigh Fermor.

Uma cruz branca de madeira, de cerca de um metro e meio, erguia-se num elevado pedestal branco. Os braços da cruz estavam enfiados nas mangas de uma empoeirada sobrecasaca preta cujas abas pendiam para o chão por detrás da mesa. Acima da gola da sobrecasaca, um chapéu-côco roto parecia encará-lo, a copa perfurada pela barra vertical da cruz. Alguns centímetros abaixo da orla do chapéu, em volta do colo da cruz e firmado na barra transversal, via-se um colarinho duro de clérigo.

Na base do pedestal branco, sobre a mesa, estava um par de luvas velhas, da côr de limão. Uma bengala de junco, pequena, com castão de ouro, apoiava-se no ombro esquerdo da efígie, a ponteira de ferro quase tocando as luvas. Via-se também sobre a mesa uma cartola preta já gasta pelo uso.

Esse espantalho funesto dominava a sala — Deus dos Cemitérios e Chefe da Legião dos Mortos, Barão Samedi. Mesmo para Bond parecia transmitir uma pavorosa mensagem pelas órbitas vazias.

Bond desviou o olhar para a volumosa cara pardacenta do outro

lado da escrivaninha. Mr. Big falou.

— Preciso de você, Tee-Hee — os olhos moveram-se. — Você pode ir, Miami.

— Sim senhor, patrão — disseram ambos ao mesmo tempo.

Bond ouviu uma porta abrir-se e fechar-se.

Voltou o silêncio. A princípio os olhos de Mr. Big tinham convergido atentamente para Bond, estudando-o com vagar. Agora Bond reparava que embora continuassem fixos nele, tinham-se tornado quase opacos. Contemplavam-no, mas era como se não o vissem. Bond teve a impressão de que o cérebro que os comandava estava ocupado com outra coisa em outro lugar.

Bond estava decidido a não se deixar desconcertar. As mãos tinham recuperado o sentido do tato, e êle moveu-se, tocando o corpo à procura do cigarro e do isqueiro.

Mr. Big falou.

— Pode fumar, Mr. Bond. Caso o senhor tenha quaisquer outras intenções, tenha a bondade de curvar-se e inspecionar o buraco de fechadura na gaveta desta escrivaninha, exatamente defronte de sua cadeira. Estarei preparado para o senhor num segundo.

Bond curvou-se. Era um buraco de fechadura bastante grande. De fato, calculou Bond, uns cinco centímetros de diâmetro. Disparado, pensou, por meio de uma chave acionada pelo pé. Que homenzinho pra gostar de truque! Infantil. Infantil? Talvez, no fim de contas, não tão desprezível assim. Os artifícios — a bomba, a mesa que desaparecia — tinham funcionado bem, sem falhas. Não tinham sido apenas fantasias ocas, planeadas para causar impressão. Pensando bem, nada havia de absurdo na idéia dessa arma. Um pouco caprichosa, era forçoso admitir, mas tecnicamente perfeita.

Acendeu um cigarro e deu com prazer profunda tragada, que lhe inundou os pulmões de fumaça. Não se sentia demasiado preocupado com sua situação. Recusava-se a acreditar que lhe adviria algum dano pessoal. Seria prova de inabilidade fazê-lo sumir dois dias depois de ter chegado da Inglaterra, a menos que um acidente capaz de afastar todas as suspeitas tivesse sido maquinado. E teriam de se desfazer também de Leiter. Isso encheria as medidas de dois Serviços, FBI e CIA, e Mr. Big não o ignorava. Preocupava-o, porém, a situação de Leiter, nas mãos daqueles macacos canhestros.

Os beijos de Mr. Big desprenderam-se devagar, mostrando-lhe os dentes.

— Faz muitos anos, Mr. Bond, que não vejo um representante do Serviço Secreto. Desde a guerra. Seu Serviço comportou-me muito bem durante a guerra. Vocês têm lá alguns homens capazes. Amigos meus me informaram que o senhor ocupa boa posição em seu Serviço. Já fez jus a dois zeros, creio eu. . . 007, se a memória não me falha. Disseram-me que esses zeros querem dizer que o senhor teve de matar um homem no curso de certa missão. Não pode haver muitos dois zeros num Serviço que não emprega o assassinato como arma. A quem é que o senhor foi encarregado de matar aqui, Mr. Bond? Não a mim, quero crer.

A voz era macia e plana, sem expressão. Havia uma leve mistura de sotaques americano e francês, mas o fraseado era correto, quase pedante, sem o menor vestígio de gíria.

Bond ficou em silêncio. Presumiu que Moscou havia fornecido uma descrição sua.

— É necessário que o senhor responda, Mr. Bond. O destino do senhor e de seu companheiro depende disso. Confio nas minhas fontes de informação. Sei muito mais do que disse. Facilmente descubro uma mentira.

Bond acreditou no que êle dizia. Escolheu uma história que pudes-se defender e que correspondesse aos fatos.

— Há moedas inglesas circulando na América. *Rose nobles* de Eduardo IV — disse êle. — Algumas foram negociadas no Harlem. O Tesouro dos Estados Unidos solicitou cooperação nas investigações, uma vez que elas devem proceder de fonte britânica. Vim ao Harlem para fazer minhas averiguações, com um representante do Tesouro americano, que espero esteja agora a salvo, a caminho de seu hotel.

— Mr. Leiter é representante da CIA, não do Tesouro — corrigiu Mr. Big sem emoção. — Sua situação neste momento é extremamente precária.

Fêz uma pausa e pareceu refletir. O seu olhar foi além de Bond.

— Tee-Hee.

— Sim senhor, patrão.

— Amarre Mr. Bond na cadeira. Bond fêz menção de levantar-se.

— Não se mexa, Mr. Bond — disse a mesma voz mansa. — O senhor terá alguma probabilidade de sobreviver se ficar onde está.

Bond olhou para o Big Man, para seus olhos dourados, impassíveis.

Acomodou-se de novo em sua cadeira. Quase no mesmo instante foi envolvido por uma correia que logo foi afivelada. Duas correias menores enlaçaram-lhe os pulsos e foram amarradas aos braços de couro e metal da cadeira. Outras duas prenderam-lhe os tornozelos. Ele poderia arrojarse ao chão com a cadeira, mas para qualquer outra coisa seria impotente.

Mr. Big baixou um interruptor do interfone.

— Mande entrar Miss Solitaire — disse êle, e repôs o interruptor no centro.

Houve uma pausa breve e em seguida abriu-se uma parte da estante colocada à direita da escrivaninha.

Uma das mais belas mulheres que Bond já vira entrou a passo lento e fechou a porta. Sem se aproximar, pôs-se a olhar para Bond, examinando-o com vagar e minuciosamente, da cabeça aos pés. Quando terminou essa inspeção demorada, voltou-se para Mr. Big.

— Sim? — inquiriu sem nenhuma emoção.

Mr. Big não mexeu a cabeça. Dirigiu-se a Bond.

— Eis uma mulher extraordinária, Mr. Bond — disse êle na mesma voz tranqüila e mansa — e vou-me casar com ela porque considero-a inigualável. Encontrei-a num cabaré no Haiti, onde ela nasceu. Trabalhava num número de telepatia que eu não pude entender. Examinei-o e mesmo assim não fui capaz de compreender. Nada tinha de compreensível. Era telepatia.

Fêz uma pausa.

— Estou-lhe dizendo isso para que o senhor se previna. Ela é minha inquisidora. Tortura é sinônimo de confusão e perda de tempo. Os que são submetidos a ela falam só para obter a mitigação da dor. Com esta jovem é desnecessário apelar para métodos ineptos. Ela pode adivinhar a verdade nas pessoas. É por isso que ela vai se tornar minha mulher. É preciosa demais para continuar em liberdade. E — continuou brandamente — será interessante ver como serão nossos filhos.

Mr. Big virou-se para ela e contemplou-a impassível.

— Por enquanto ela é difícil. Não quer nada com os homens. Por isso é que no Haiti deram-lhe o nome de "Solitaire".

— Puxe uma cadeira — disse para ela. — Diga-me se este homem está mentindo. Não fique na frente da arma — acrescentou.



A moça nada respondeu, mas arrastou uma cadeira igual à de Bond e colocou-a diante dele. Ao sentar-se quase tocou o joelho direito do homem. Encarou-o nos olhos.

Seu rosto tinha a palidez das famílias brancas que viveram muito tempo nos trópicos. Mas não continha nenhum indício da habitual exaustão que os trópicos conferem à pele e ao cabelo. Os olhos eram azuis, brilhantes e desdenhosos, mas quando fitaram os dele com ligeiro toque de humor, Bond compreendeu que lhe traziam certa mensagem pessoal. O cabelo era negro azulado e caía abundante sobre os ombros. As maçãs do rosto eram salientes, e a boca larga e sensual revelava uma ponta de crueldade. A linha do maxilar era graciosa e delicadamente desenhada. Manifestava decisão e vontade férrea que eram reiteradas pelo nariz reto e afilado. Parte da beleza do rosto residia na inexistência de qualquer sombra de submissão. Era um rosto nascido para dar ordens. O rosto da filha de um colono francês proprietário de escravos.

Ela usava um vestido longo branco, de seda fosca, cuja linha clássica era quebrada pelas fundas pregas que caíam dos ombros e mostravam a metade superior dos seios. Trazia pingentes de diamante e um bracelete estreito, também de diamante, no punho esquerdo. Não usava anéis e as unhas eram curtas, sem esmalte.

Contemplou os olhos dele que estavam fixos nela e despreocupadamente juntou as mãos no regaço, de modo que se tornou mais profundo o vale entre os seios.

A mensagem era inconfundível, e uma cálida resposta devia ter surgido no rosto frio e contraído de Bond, porque de repente o Big Man agarrou o rebenque de cabo de marfim que estava a seu lado na escrivaninha e brandiu-o na direção da moça. O chicote silvou, cortando o ar, e foi pousar nos ombros dela, mordendo-lhe cruelmente a pele.

Bond estremeceu, mais do que ela, cujos olhos chispavam um instante e depois tornaram-se opacos.

— Endireite-se — disse o Big Man sem alterar a voz. — Esqueça-se de você mesma.

Devagarinho ela empertigou-se na cadeira. Tinha nas mãos um baralho e começou a traçá-lo. Depois, talvez por pura bravata, enviou a Bond outra mensagem — de cumplicidade, ou mais do que isso.

Com o baralho nas mãos, virou de face para cima o valete de copas; depois, a dama de espadas. Conservou no regaço as duas metades do

baralho de modo que as duas figuras olhavam uma para a outra. Juntou então as duas metades até que as figuras se beijaram. Feito isto, cruzou as ponta das cartas e embaralhou-as de novo.

Em momento algum dessa pantomina a moça olhou para Bond, e tudo se encerrou num instante. Mas Bond experimentou uma ardência e uma aceleração do pulso. Tinha um aliado no campo inimigo.

Está preparada, Solitaire? — perguntou o Big Man.

— Sim, as cartas estão prontas — retrucou a jovem em voz baixa e fria.

— Mr. Bond, olhe nos olhos desta moça e repita o motivo que o senhor acaba de me dar de sua presença aqui.

Bond olhou-a nos olhos. Não havia mensagem. Os olhos dela não estavam concentrados nos dele; olhavam através dele.

Bond repetiu o que tinha dito. Por um momento sentiu um frêmito misterioso. Podia a moça descobrir a verdade? Se ela pudesse, falaria contra ou a favor dele? Durante alguns segundos houve total silêncio na sala. Bond tentou bancar o indiferente. Olhou para o teto — e logo, de volta para ela.

Os olhos da moça tornaram a encará-lo, por um instante só. Depois desviaram-se dele para Mr. Big.

— Ele fala a verdade — disse ela friamente.

## NENHUMA SENSAÇÃO

Mr. Big refletiu. Parecia decidir. Afinal, calçou um botão do interfone.

— Blabbermouth?

— Pronto, patrão.

— Você está aí com esse americano, esse tal de Leiter?

— Estou, patrão.

— Aplique-lhe uma sova boa, depois leve-o de carro até o Hospital Bellevue e jogue-o nas imediações. Entendeu?

— Entendi, patrão.

— Tome cuidado para não ser visto.

— Tomo sim, patrão.

Mr. Big soltou o botão.

— Ora vá pro diabo que o carregue! — vociferou Bond. — A CIA não o deixará impune depois disso.

— Esquece o senhor, Mr. Bond, que a CIA não tem nenhuma jurisdição na América. O Serviço Secreto Americano não pode agir na América; só no exterior. E o FBI não está em boas relações com a CIA. Tee-Hee. venha cá.

— Pois não, patrão — Tee-Hee aproximou-se da escrivaninha.

Mr. Big olhou para Bond.

— Qual é o dedo que o senhor usa menos, Mr. Bond?

A pergunta espantou Bond e perturbou-lhe o raciocínio.

— Pensando bem, acho que o senhor dirá que é o dedo mínimo da mão esquerda — continuou a voz mansa. — Tee-Hee, quebre o dedo mínimo da mão esquerda de Mr. Bond.

— Hi, hi, hi — riu o negro em voz de falsete, justificando o apelido. — Hi, hi, hi. ,

Tee-Hee deu um passo rápido em direção a Bond, que se agarrou desesperadamente aos braços da cadeira. O suor começou a porejar em sua testa. Tentou imaginar a dor para melhor suportá-la.

Lentamente o negro pôs-se a desconjuntar o dedo de Bond, que continuava agarrado ao braço da cadeira. Segurando a ponta entre o polegar e o indicador, Tee-Hee foi puxando o dedo para trás, um riso alvar estampado na cara.

Bond contorcia-se e arquejava na tentativa de virar a cadeira, mas Tee-Hee colocou a outra mão no espaldar para firmá-la na posição. O rosto de Bond estava inundado de suor, os dentes trincavam-se numa contração involuntária. Por entre as dores cada vez mais violentas Bond podia entrever os olhos da moça fixos nele a boca vermelha ligeiramente aberta.

O dedo, que já tinha sido arrastado até ficar na vertical, começou a curvar-se e a inclinar-se para o pulso. De repente cedeu, produzindo um estalido.

— Chega — disse Mr. Big.

Tee-Hee largou a contragosto o dedo desconjuntado. Bond deu um gemido surdo e desfaleceu.

— O cara não sentiu nada — comentou Tee-Hee.

Solitaire recostou-se molemente na cadeira e fechou os olhos.

— Estava armado? — indagou M. Big.

— Estava.

Tee-Hee tirou do bolso a Beretta de Bond e empurrou-a para o outro lado da escrivaninha. O Big Man apanhou-a e examinou-a com um olhar de entendido. Sopesou-as, correndo os dedos pela armação. Depois despejou as cápsulas na escrivaninha, certificou-se de que a câmara também tinha sido esvaziada e empurrou a arma de volta para Bond.

— Acorde-o — disse, olhando para o relógio, que marcava três ho-

ras.

Tee-Hee colocou-se atrás da cadeira e cravou as unhas nos lóbulos das orelhas de Bond.

Bond gemeu e levantou a cabeça. Pousou os olhos em Mr. Big e soltou uma enfiada de impropérios.

— Dê graças a Deus não estar morto — disse Mr. Big sem emoção. — A dor, por pior que seja, é preferível à morte. Aqui está seu revólver. As balas estão comigo. Tee-Hee, devolva-lhe a arma.

Tee-Hee tirou-a da escrivaninha e enfiou-a de novo no coldre de Bond.

— Vou explicar-lhe em poucas palavras — prosseguiu o Big Man — porque é que o senhor não está morto, porque lhe foi permitido experimentar a sensação de dor ao invés de ir aumentar a poluição do rio Harlem nas dobras do que se chama por aí, em tom de pilhéria, sobretudo de cimento.

Fêz uma pausa curta.

— Mr. Bond, o tédio me consome. Sou uma presa do que os primitivos cristãos denominavam "acídia", a letargia mortal que se apodera daqueles que estão saciados, daqueles que já não têm mais desejos. Atingi, sem nenhuma dúvida possível, a proeminência na profissão que abracei. Confiam em mim todos aqueles que de uma forma ou de outra empregam meu talento, e me temem e obedecem incontinenti aqueles a quem eu mesmo emprego. Positivamente, não me restam mundos por conquistar dentro da órbita que escolhi. Ai de mim, se é demasiado tarde em minha vida para trocar essa órbita por outra e desde que o poder é a meta de toda a ambição, é improvável que em outra esfera eu possa granjear maior poder do que já possuo nesta.

Uma parte da mente de Bond escutava, a outra já começara a traçar planos. Ele sentia a presença de Solitaire, mas evitava olhar para ela. O objeto de sua atenção estava do outro lado da escrivaninha; era a enorme cara cinzenta com seus vigilantes dourados.

A voz continuou:

— Mr. Bond, atualmente regozijo-me apenas na qualidade artística, no acabamento, no toque sutil que posso imprimir a minhas operações. Já se tornou para mim uma verdadeira mania isso de conferir precisão absoluta e extrema elegância à realização dos meus negócios. Cada dia, Mr. Bond, estabeleço e procuro alcançar padrões sempre mais altos de

sutileza e perfeição técnica, de modo que cada um dos meus feitos pode ser considerado uma obra de arte, que leva minha assinatura tão legível como as criações de Benvenuto Cellini, digamos. Contento-me, por enquanto, em ser meu único juiz, mas acredito piamente, Mr. Bond, que a mestria com que executo minhas operações não passará despercebida na história de nosso tempo.

Mr. Big deteve-se. Bond notou que os olhos dêle se dilatavam, como embebidos em visões. É um megalomaniaco frenético, pensou Bond, e por isso mesmo perigoso ao extremo. O erro da maioria das mentes criminosas é terem como único impulso a cobiça. A mente concentrada era coisa bem diferente. Esse homem não era um facínora. Era uma ameaça. Bond estava fascinado e aterrado.

— Aceito o anonimato por dois motivos — continuou a voz murmurante. — Porque a natureza de minhas operações assim o exige e porque admiro a humildade do artista anônimo. Modéstia à parte, vejo-me às vezes como um daqueles notáveis pintores egípcios de afrescos, que consagraram suas vidas à produção de obras-primas nos túmulos dos monarcas, sabendo que os olhos dos vivos jamais os contemplariam.

Os olhos grandes fecharam-se por um instante.

— Entretanto, voltemos ao nosso caso. O motivo, Mr. Bond, pelo qual não o matei nesta madrugada é que não me causaria nenhum prazer estético estourar uma bala em sua barriga. Com esta máquina — indicou a arma apontada para Bond através da gaveta da escrivaninha — já abri muitos rombos em muitas barrigas. Por isso estou plenamente satisfeito com o perfeito funcionamento de meu brinquedinho mecânico. Além disso, como o senhor pode, sem dúvida, justificadamente conjecturar, seria maçante para mim ver isto aqui fervilhar de intrometidos a fazerem perguntas acerca do seu desaparecimento e do de seu amigo Mr. Leiter. Simplesmente maçante. Mas por diversas razões desejo dedicar-me no momento a outras questões. Assim — Mr. Big consultou seu relógio — resolvi deixar meu cartão com cada um dos senhores e fazer-lhes mais uma solene advertência. O senhor deve abandonar o país hoje, e Mr. Leiter deve trocar de tarefa. Minhas preocupações são bastante numerosas para que eu ainda tenha de agüentar um magote de agentes vindos da Europa e agregados ao enorme corpo de bisbilhoteiros locais com que tenho de lidar. É o que tenho a dizer — concluiu. — Se eu o vir outra vez, o senhor morrerá da maneira mais engenhosa e apropriada que eu puder

arquitetar na ocasião. Tee-Hee, leve Mr. Bond para a garagem. Diga a dois dois homens que o conduzam a Central Park e joguem-no dentro do lago. Poderão machucá-lo, mas não matá-lo, caso ele resista. Entendido?

— Sim senhor, patrão — disse Tee-Hee, dando uma risadinha em falso.

Desamarrou os tornozelos e depois os punhos de Bond. Em seguida puxou-lhe a mão ferida para as costas e torceu-a. Então, com a outra mão, desafivelou a correia que prendia a cintura e forçou Bond a levantar-se.

— Levanta — ordenou Tee-Hee.

Bond encarou uma vez mais a enorme cara cinzenta.

— Os que merecem morrer. . . têm a morte que merecem. Anote isso — recomendou Bond. — É um pensamento original.

Depois fitou Solitaire, que conservava os olhos baixos contemplando as mãos largadas no regaço. Ela não levantou a vista.

— Vamos andando — disse Tee-Hee, que obrigou Bond a virar-se para a parede e andar, torcendo-lhe de tal forma o punho que quase deslocava o antebraço. Bond soltou um gemido realista e cambaleou. Pretendia fazer crer a Tee-Hee que estava intimidado e submisso. Desejava apenas obter ligeiro afrouxamento da pressão que lhe torturava o braço esquerdo. Tal como estava, qualquer movimento brusco quebraria o braço.

Tee-Hee estendeu a mão por cima do ombro de Bond e apertou um dos livros nas estantes compactas. Uma ampla seção da biblioteca girou sobre um eixo. Depois de passar com Bond pela abertura, o negro deu um pontapé na estante, fazendo-a retornar à posição primitiva. Ao fechar-se, ouviu-se um duplo estalo. Pela grossura da porta Bond calculou que devia ser à prova de ruídos. Estavam diante de um pequeno corredor alcatifado que desembocava numa escada. Bond gemeu.

— Está me quebrando o braço — disse ele. — Olhe aí, vou desmaiar.

Cambaleou de novo, tentando avaliar a posição exata do negro às suas costas. Lembrou-se da recomendação de Leiter: — Canelas, virilha, barriga e garganta. Se os atingir em qualquer outra parte do corpo, arrisca-se a quebrar a mão.

— Cala essa boca — disse o negro, mas baixou a mão de Bond alguns centímetros.

Era suficiente. Estavam a poucos passos da descida da escada. Bond

cambaleou mais uma vez, o que fêz com que o negro tropeçasse nele. Isto lhe deu a noção de distância e direção de que necessitava.

Curvou-se um pouco e jogou a mão direita, estendida e espalmada, para trás, com toda a força de que era capaz. E sentiu que atingira em cheio o alvo. O negro deu um guincho como um coelho ferido e largou o braço esquerdo de Bond. Virando-se rápido, Bond sacou o revólver vazio com a mão direita. O negro, vergado, com a mão entre as pernas, arquejava e soltava gritos esganiçados. Bond bateu duro com a arma na nuca encarapinhada e ouviu um ruído seco como se tivesse batido numa porta. Mas o negro gemeu e caiu sobre os joelhos, estendendo as mãos à procura de apoio. Bond pôs-se atrás dele e, juntando toda a força que pôde na biqueira do sapato, aplicou vigoroso pontapé por baixo do traseiro côm de lavanda das calças do negro.

O homem deu um último guincho e precipitou-se para o primeiro degrau da escada. A cabeça bateu na quina do corrimão de ferro, e, braços e pernas rodopiando no ar, todo o corpo transpôs o corrimão numa cambalhota e mergulhou no vazio. Houve uma colisão quando êle carambolou em algum obstáculo, uma pausa ligeira, depois um baque surdo quando chegou ao chão. Afinal, fêz-se silêncio.

Bond enxugou o suor das pálpebras e ficou à escuta. Introduziu a mão ferida no sobretudo. Latejava de dor e a inchação duplicara-lhe o tamanho. Segurando a arma na mão direita, caminhou para a escada e começou a descer devagarinho, pisando cautelosamente com os calcanhares.

Havia apenas um pavimento entre êle e o corpo de braços abertos e pernas estendidas lá embaixo. Quando chegou ao patamar parou outra vez e escutou. Pôde ouvir, muito próximo, o som agudo de alguma coisa que lembrava um transmissor. Notou que vinha do outro lado de uma das duas portas do patamar. Devia ser o centro de comunicações de Mr. Big. Teve vontade de dar uma batida rápida no quarto. Mas sua arma estava vazia e êle não tinha idéia de quantas pessoas encontraria ali dentro. Sem dúvida foi só por estarem com os fones nos ouvidos que os operadores não perceberam o barulho da queda de Tee-Hee. Continuou a descer.

Tee-Hee ou estava morto ou agonizava, de papo para o ar, braços abertos e pernas estendidas. A gravata listrada cruzava-lhe o rosto como uma víbora esmagada. Bond não sentiu remorso. Revistou o corpo à procura de uma arma e encontrou uma no bolso do cós da calça côm de la-



vanda, agora manchada de sangue. Era um Colt calibre 38, usado pelos detetives, de cano serrado. As câmaras estavam carregadas. Bond reintroduziu a inútil Berretta no coldre, acomodou a arma enorme na palma da mão e fez uma careta sombria.

Havia uma porta à sua frente, fechada com trinco. Bond encostou o ouvido e escutou o ruído abafado de um motor. Devia ser a garagem. E o motor ligado àquela hora da madrugada? Mordeu os lábios. Era evidente. Mr. Big devia ter avisado pelo interfone que Tee-Hee iria trazê-lo. Os homens provavelmente estavam matutando a respeito da demora, e com certeza espionavam para a porta, aguardando a entrada do negro.

Bond refletiu um pouco. Levava a vantagem da surpresa. Se pelo menos os trincos estivessem bem oleados. . .

Sua mão esquerda era quase inútil. Com o Colt na mão direita, pôs à prova o primeiro trinco, usando o punho da mão ferida. Conseguiu abri-lo com facilidade. Fez a mesma coisa com o segundo. Restava apenas rodar para baixo a maçaneta. Rodou-a com cuidado e puxou suavemente a porta para si.

A porta era grossa, e o barulho do motor aumentou quando a abertura se alargou. O carro devia estar do lado de fora. Qualquer outro movimento da porta iria denunciá-lo. Abriu-a de repelão e colocou-se de viés, de modo a oferecer o menor alvo possível. Tinha recuado o cão da arma.

Um Sedan negro estava parado, de frente para a entrada da garagem, o motor em funcionamento. Lâmpadas de arco voltaico iluminavam a lustrosa carroçaria de vários outros automóveis. Um negro enorme achava-se ao volante, tendo outro ao lado, encostado na porta traseira. Ninguém mais estava à vista.

Ao verem Bond os negros embasbacaram. O cigarro caiu da boca do homem que estava ao volante. No mesmo instante, ambos procuraram sacar as armas.

Instintivamente Bond alvejou primeiro o que estava de pé, sabendo que ele sacaria com maior rapidez. O tiro ressoou na garagem. O negro segurou a barriga com ambas as mãos, deu dois passos cambaleantes na direção de Bond e prostrou-se de cara no chão; o revólver escapuliu-lhe da mão e caiu com estardalhaço no concreto.

O homem do volante deu um berro quando se viu sob a mira de Bond. Atrapalhada pelo volante, a mão do negro ainda estava dentro do sobretudo. Bond fez pontaria para a boca aberta, e a cabeça do homem

foi jogada de encontro à janela.

Bond correu para o carro e abriu a porta. O corpo do negro escorregou para fora. Bond tirou-lhe o revólver, atirou-o na boléia e empurrou o resto do corpo para o chão. Procurou evitar o sangue. Sentou-se, bateu a porta, descansou a mão ferida à esquerda do volante e empurrou para a frente a alavanca de marcha.

O freio de mão estava ligado. Abaixou-se para soltá-lo com a mão direita. Foi uma pausa perigosa. Quando o pesado carro partiu, soou um tiro e uma bala bateu na carroçaria. Bond rodou o volante para a direita, e soou outro tiro que passou acima do carro. Do outro lado da rua veio o ruído de uma vidraça de janela que se estilhaçava.

Pelo clarão, o disparo parecia vir do chão, e Bond imaginou que o primeiro negro tinha conseguido apoderar-se da arma.

Não houve mais tiros e nenhum ruído veio das fachadas vazias dos edifícios. Quando engrenava nova marcha, viu apenas pelo espelho retrovisor a extensa barra luminosa clareando a rua escura e vazia.

Bond não sabia onde estava nem para onde se dirigia. Era uma rua larga, sem características especiais. Continuou por ela e de repente descobriu que seguia pelo lado esquerdo. Imediatamente derivou para o lado direito da rua. A mão doía muito, mas o polegar e o indicador ajudavam a firmar o volante. Tentava manter seu lado esquerdo longe do sangue derramado na porta e na janela. A rua interminável era povoada apenas pelos tênues fantasmas de vapor que adejavam acima das tampas dos poços cavados no asfalto para permitir o acesso à rede de aquecimento encanado da cidade. A feia capota do carro exterminava-os um a um, mas pelo espelho retrovisor Bond podia vê-los renascer num quadro cada vez menor de espectros brancos gesticulando mansamente.

Manteve-se numa velocidade de oitenta quilômetros. Chegou a um cruzamento e não respeitou o sinal vermelho. Novos quarteirões escuros e por fim uma avenida iluminada. Havia tráfego, e êle parou à espera do sinal verde. Dobrou a esquerda e foi beneficiado com uma sucessão de sinais verdes, cada um deles afastando-o sempre mais do inimigo. Deteve-se num cruzamento e leu as tabuletas. Estava na esquina de Park Avenue com a Rua 116. Parou outra vez na rua seguinte. Era a 115. Estava portanto dirigindo-se para o centro, para longe do Harlem. Seguiu. Dobrou na Rua 60. Estava deserta. Parou o motor e abandonou o carro defronte de um hidrante. Tirou a arma da boléia, meteu-a no bolso da calça e cami-

nhou de volta para Park Avenue.

Minutos depois acenou para um táxi e daí a pouco subia os degraus do Hotel St. Regis.

— Recado para o senhor, Mr. Bond — disse o porteiro. Bond ocultou seu lado esquerdo e abriu o papel com a mão direita. O recado era de Felix Leiter e fora recebido às quatro horas. — Ligue pra mim logo que chegar — dizia o recado.

Bond encaminhou-se para o elevador e foi transportado para seu pavimento. Entrou no 2000 e passou direto para a sala de estar.

Então ambos estavam vivos! Bond caiu numa poltrona junto do telefone.

— Deus do céu! — exclamou com profunda gratidão. — Que parada!



## VERDADEIRO OU FALSO?

Bond olhou para o telefone, depois ergueu-se e foi até ao bufete. Colocou um punhado de cubos de gelo num copo comprido, derramou uns cinco centímetros de Haig and Haig e balançou a mistura no copo. Depois bebeu de um gole quase a metade. Colocou o copo em cima do bufete e tirou o paletó. A mão esquerda estava tão inchada que mal pôde passar pela manga. O dedo mínimo continuava deitado para trás, e a dor foi quase insuportável ao roçar pela fazenda. O dedo estava quase todo negro. Puxou a gravata para baixo e desabotoou o colarinho. Depois apanhou o copo, tomou outro gole e voltou ao telefone.

Leiter atendeu no mesmo instante.

— Graças a Deus — disse Leiter realmente aliviado. — Qual é a avaria?

— Dedo quebrado — replicou Bond. — E você?

— Porretadas. Nocaute. Nada de grave. Eles começaram bolando toda a espécie de castigo. Resolveram engatar em mim a bomba de ar comprimido da garagem. Queriam começar pelos ouvidos e depois passar para outras partes. Mas como Mr. Big não mandou nenhuma instrução, eles se chatearam, e eu comecei a discutir jazz com Blabbermouth, o cara do revólver fantástico. Falamos de Duke Ellington e concordamos em que

preferíamos que os chefes dos nossos conjuntos tocassem instrumentos de percussão e não de sopro. Concordamos em que o piano ou a bateria mantém a banda mais unida do que qualquer outro instrumento solista... Jelly-Roll Morton, por exemplo. A propósito de Duke Ellington, contei a piada a respeito do clarinete, "um instrumento defeituoso que ninguém conserta soprando". Blabbermouth quase rebentou de tanto rir. Nessa altura já éramos amigos. O outro cara, Flannel, irritou-se. Então Blabbermouth disse que Flannel podia ir embora e que êle sozinho cuidaria de mim. Foi depois disso que o Big Man telefonou.

— Eu estava lá — disse Bond. — Não pareceu nada agradável .

— Blabbermouth ficou aperreado como diabo. Começou a passear pela sala pra cima e pra baixo, falando sozinho. De repente me deu uma porretada e eu perdi os sentidos. Quando acordei, estávamos na altura do Hospital Bellevue. Eram três e meia. Blabbermouth me pediu milhões de desculpas e se lamentou por ter feito o que fez. Me pediu que não o denunciasse. Me disse que ia informar ao patrão que tinha me deixado meio morto. É claro que prometi espalhar por minha vez umas histórias bem sinistras. Separamo-nos como bons amigos. Recebi uns curativos na enfermaria do Pronto-Socorro e vim para casa. Estava preocupado pra burro com você, mas logo o telefone tocou. Era da Polícia e do FBI. Parece que o Big Man apresentou queixa contra um inglês louco que andou hoje de madrugada no Boneyard, atirou em três de seus homens, dois choferes e um garçom, veja só, roubou um de seus carros e escapuliu, deixando o sobretudo e o chapéu no vestiário. O Big Man está exigindo ação pronta. Eu pus os rapazes e o FBI a par da coisa, naturalmente, mas eles estão danados da vida, e nós temos de sair da cidade agora mesmo. Os matutinos não publicarão nada, mas de tarde a notícia tomará conta das manchetes dos vespertinos, do rádio e da TV. Além disso, Mr. Big vai procurá-lo por todas as partes. Bom, eu já fiz meus planos. Agora é a sua vez de falar, e sinceramente estou contente de ouvir a sua voz.

Bond fez um relato circunstanciado de tudo o que lhe tinha acontecido. Nada omitiu. Quando acabou, Leiter deu um assovio.

— Puxa! — disse êle com admiração. — Você bem que conseguiu quebrar umas pecinhas na engrenagem do Big Man. Mas teve sorte! Essa moça, Solitaire, parece que salvou a sua pele. Acha que podemos usá-la?

— Podemos, mas o difícil é chegarmos até ela — disse Bond. — Acho que êle a conserva debaixo de sete chaves.

— Pensaremos nisso em outra oportunidade — disse Leiter. — Agora, o melhor é não perdermos tempo. Vou desligar. Chamarei você de novo daqui a pouco. Primeiro vou-lhe mandar o médico da polícia. Ele estará aí dentro de uns quinze minutos. Depois falarei com o Comissário para sondar os pontos de vista da polícia. Ela vai ganhar tempo descobrindo o carro. O FBI terá de dar um jeito nos rapazes da imprensa e do rádio para que pelo menos possamos manter seu nome fora disso e cortar toda essa história em torno de você. De outra forma, o embaixador inglês será arrancado da cama, e só Deus sabe as perguntas que terá de responder — Leiter reprimiu uma risadinha. — É melhor que dê uma palavrinha com seu chefe em Londres. Lá deve ser dez e meia agora. Talvez você precise de proteção. Posso cuidar da CIA, mas o FBI teve um daqueles acessos pavorosos de autoritarismo hoje de madrugada. Você precisa de outras roupas. Vou providenciar. Mantenha-se acordado. Poderemos dormir à vontade no túmulo. Até já.

Desligou. Bond sorriu. Ouvir a voz alegre de Leiter e saber que tudo estava sendo providenciado tinham apagado a exaustão e as lembranças desagradáveis.

Agarrou o aparelho e falou com a telefonista do centro internacional. Ela pediu que aguardasse dez minutos.

Bond passou para o quarto de dormir e conseguiu tirar a roupa. Tomou uma ducha quente e depois outra fria, quase gelada. Barbeou-se e vestiu camisa e calças limpas. Colocou novo pente de balas na Beretta, embrulhou o Colt na camisa que acabara de tirar e colocou-o na mala. Estava terminando de arrumar a mala quando o telefone tocou.

Escutou o zumbido e o eco na linha, a conversa de telefonistas distantes, fragmentos das mensagens em Morse dos aviões e navios, bruscamente interrompidas. Pôde ver o grande edifício cinzento perto de Regents Park e imaginar o atarefado painel de controle, as xícaras de chá e uma moça que atendia com um "Sim, Exportadora Universal", o endereço que Bond solicitara, um dos disfarces usados pelos agentes nas chamadas de emergência efetuadas nas linhas do exterior. A moça avisava ao Supervisor, que se encarregaria da chamada.

— Ligação efetuada — informou a telefonista internacional. — Pode falar. Nova York chamando Londres.

Bond ouviu a tranqüila voz inglesa: — Exportadora Universal. Quem está falando, por favor?

— Posso falar com o Superintendente? — perguntou Bond. — Aqui é o sobrinho dele, James, falando de Nova York.

— Um momento, por favor. — Bond pôde imaginar a chamada a Miss Money Penny e vê-la calcar o botão do interfone. — Ligação de Nova York — diria ela. — Penso que é 007. — Ponha-me em contato com êle — dizia M.

— Alô — disse a voz imperturbável que contava com a estima e a obediência de Bond.

— Aqui é James — disse Bond. — Eu posso precisar de alguma ajuda para resolver um negócio complicado.

— Pode dizer — falou a voz.

— Ontem de noite fui visitar o nosso melhor cliente — disse Bond. — E quando eu estava lá três de seus melhores homens adoeceram.

— Coisa grave? — indagou a voz.

— Gravíssima — informou Bond. — A gripe está grassando por aqui.

— Espero que você não tenha sido atingido.

— Apanhei só um resfriado tolo — disse Bond. — Nada que possa causar apreensões. Eu lhe escreverei sobre isso. O problema é que com toda essa epidemia de gripe, os Federados acham que o melhor pra mim é sair da cidade. — Bond conteve o riso ao imaginar o sorriso largo de M. — Por isso devo partir já com Felícia.

— Quem? perguntou M.

— Felícia — Bond soletrou o nome. — A nova secretária que trouxe de Washington.

— Ah, sim.

— Achei que devia procurar aquela fábrica que o senhor me aconselhou, em San Pedro.

— Boa idéia.

— Mas os Federados podem ter outras idéias, e eu queria contar com o apoio do senhor.

— Compreendo perfeitamente — disse M. — Gomo vai o negócio?

— Promissor. Só que um pouco pesado. Felícia baterá hoje meu relatório completo.

— Ótimo — disse M. — Mais alguma coisa?

— Não. Por ora é só. Muito obrigado pelo apoio.

— De nada. Cuidado com a saúde. Adeus.

— Adeus.



Bond colocou o telefone no gancho. Riu divertido. Podia imaginar M chamando o ajudante-de-ordens e dizendo: — 007 já se meteu numa embrulhada com o FBI. O louco foi ao Harlem ontem à noite e liquidou três dos homens de Mr. Big. Parece que está ferido, mas não muito. Agora tem de sair da cidade com Leiter, o representante da CIA. Vai para São Petersburgo. É melhor prevenir A e C. É possível que ainda hoje escutemos Washington. Recomende a A para dizer que eu compreendo perfeitamente, mas que 007 goza de minha inteira confiança e que estou certo de que êle agiu em legítima defesa, que isso não voltará a acontecer, etcetera. Entendido?

Bond sorriu de novo ao pensar na irritação de Damon por ter de tratar desse incidente com Washington quando provavelmente tinha tantas outras dificuldades anglo-americanas a solucionar .

O telefone tocou. Era Leiter outra vez.

— Escute — disse êle. — O pessoal está mais calmo agora. Parece que você deu as contas de um trio perigoso: Tee-Hee Johnson, Sam Miami e um homem chamado McThing. Todos enquadrados e procurados. O FBI está lhe dando cobertura, a contragosto, evidentemente, e a Polícia está estrilhando feito louca. Os chefões do FBI já tinham pedido ao meu chefe que tratasse de recambiar você... chegaram a tirar o homem da cama para isso... mas conseguimos um arranjo. Eu e você temos de deixar a cidade imediatamente. Já está resolvido. Não podemos sair juntos; de modo que você pega o trem e eu o avião. Tome nota.

Bond prendeu o aparelho entre o ombro e o ouvido enquanto procurava papel e lápis:

— Pode dizer.

— Estação Pensilvânia. Plataforma 14. Dez e trinta da manhã. O Fantasma de Prata. De trem para São Petersburgo, via Washington, Jacksonville e Tampa. Reservei uma cabina para você. De luxo. Vagão 245. Cabina H. A passagem você apanha no trem, com o condutor. Está no nome de Bryce. Vá ao Portão 14 e de lá para o trem, então direto para a cabina e fique trancado nela até o trem partir. Eu vou pegar o avião dentro de uma hora, linha Leste. Assim, você vai estar sozinho de agora por diante. Se houver qualquer galho, telefone para Dexter, mas não se espante se êle lhe passar uma descompostura. O trem chegará amanhã, por volta de meio-dia. Tome um táxi e vá para Cabanas Everglades, Gulf Boulevard West, em Sunset Beach. Isso fica num local chamado Ilha do

Tesouro, onde estão todos os hotéis da praia. Ligado por rodovia a São Petersburgo. O chofer do táxi sabe onde fica. Estarei aguardando a sua chegada. Anotou tudo? Pelo amor de Deus, tenha muito cuidado. Estou falando sério. O Big Man não o deixará escapar, se puder pegá-lo, e uma escolta policial no trem só faria chamar a atenção sobre você. Tome um táxi e faça tudo para não ser visto. Vou-lhe mandar outro chapéu e um capote militar. Não se preocupe com a conta do hotel. Isso é tudo. Alguma pergunta?

— Parece que está tudo perfeito — disse Bond. — Conversei com M e ele se encarregará de ajustar as contas com Washington, se houver necessidade. Tenha muito cuidado com você mesmo também — acrescentou. — Seu nome está na lista, logo depois do meu. Amanhã nos encontraremos. Até.

— Cuidarei de mim — disse Leiter. — Até.

Eram seis e meia. Bond descerrou as cortinas da sala de estar e contemplou a aurora que começava a se espalhar sobre a cidade. Ainda estava escuro nas cavernas lá embaixo, mas as pontas das grandes estalagmites de concreto eram róseas, e o Sol clareava as janelas, andar por andar, como se um batalhão de zeladores tivesse começado a faina diária pelos últimos pavimentos dos edifícios.

O médico da polícia chegou, demorou-se uns quinze minutos fazendo os curativos e foi embora.

— É uma fratura simples — dissera ele. — Leva uns dias pra normalizar. Como é que foi isso?

— Numa porta — disse Bond.

— É bom você evitar as portas — comentou o cirurgião. — São objetos perigosos. Devia haver uma lei proibindo você andar perto delas. Foi sorte não ter essa lhe pegado o pescoço.

Quando o médico saiu, Bond terminou de arrumar a maleta. Estava pensando se seria cedo demais para pedir o café quando o telefone soou.

Bond esperava ouvir alguma voz áspera da Polícia ou do FBI. Em vez disso, uma voz feminina, abafada e pressurosa, indagou por Mr. Bond.

— Quem deseja falar com ele? — perguntou Bond, procurando ganhar tempo.

Ele sabia a resposta.

— Sei que é você — continuou a voz, e Bond compreendeu que ela estava bem juntinho do bocal. — Aqui é Solitaire — o nome foi sussurrado

de modo quase inaudível.

Bond aguardou, com todos os sentidos voltados para o que poderia estar ocorrendo na outra extremidade da linha. Estaria a mulher sozinha? Estaria ela falando no telefone de casa, a cujas extensões outros ouvidos estariam calculada e atentamente colados? Ou estaria ela numa sala sob o olhar cuidadoso de Mr. Big, que com um lápis e um bloco de notas ao alcance da mão soprava as perguntas que deviam ser feitas?

— Escute — disse a voz. — Não tenho muito tempo. Você precisa confiar em mim. Estou numa farmácia, mas tenho de voltar imediatamente pra casa. Por favor, acredite no que lhe digo.

Bond tinha tirado o lenço do bolso e falava através dele:

— Se eu encontrar Mr. Bond, o que devo dizer a êle?

— Ah, vá para o diabo! — exclamou a moça com o que parecia ser um toque verdadeiro de histeria. — Juro por minha mãe, pelos filhos que ainda vou ter. Preciso sair daqui. E você também. Você tem de me levar. Eu o ajudarei. Sei de uma porção de segredos dele. Mas ande depressa. Estou arriscando minha vida nesta conversa. — Deu um soluço de irritação e pânico. — Pelo amor de Deus, confie em mim. Você tem de confiar. Tem de confiar!

Bond não respondeu logo. Seu cérebro trabalhava furiosamente.

— Ouça — falou ela de novo, mas desta vez com um tom apático, desesperado. — Se você não me levar, eu me matarei. Agora mesmo, está ouvindo? Você quer me matar?

Se era encenação, era, sem dúvida, perfeita. Era ainda um risco imperdoável, mas Bond tomou uma decisão. Falou diretamente no telefone, em voz baixa.

— Se tudo isso fôr traição, Solitaire, hei de pegá-la e matá-la, mesmo que isso me custe a vida. Tem lápis e papel?

— Um instante — disse a moça, emocionada. — Pronto. Pode falar.

Se tivesse sido uma armadilha, refletiu Bond, o lápis e o papel estariam à mão.

— Esteja na Estação Pensilvânia às dez e vinte em ponto. O Fantasma de Prata para... — hesitou — ... para Washington. Vagão 245, Cabina H. Diga que é a mulher de Mr. Bryce. O condutor estará com a passagem, caso eu não tenha chegado ainda. Vá direto para a cabina e me espere lá. Anotou tudo?

— Tudo — disse a moça — e muito obrigada.

— Não se deixe ver — recomendou Bond. — Use um véu ou coisa semelhante.

— Claro — respondeu a moça. — Prometo. Prometo de verdade. Tenho de ir embora. — Desligou

Bond encarou o receptor mudo, depois colocou-o no gancho.

— Bem — disse em voz alta — isso altera tudo. Levantou-se e estirou os braços. Foi até à janela e olhou para fora, mas não viu nada. Os pensamentos corriam velozes. Depois deu de ombros e voltou ao telefone. Consultou o relógio. Eram sete e meia.

— Serviço, bom-dia — atendeu a mesma linda voz do dia anterior,

— Café, por favor — disse Bond. — Suco de abacaxi, duplo. Flocos de cereais e creme de leite. Ovos quentes e tocinho. Café expresso duplo. Torradas e geléia de frutas.

— Pois não, senhor — disse a moça e repetiu o pedido. — Vai já.

— Muito obrigado.

— De nada.

Bond sorriu. — "O condenado encomendou um café abundante" — pensou. Sentou-se perto da janela e contemplou o céu límpido, perscrutando o futuro.

Lá em cima, no Harlem, diante do enorme painel de controle, o Cochicho falava outra vez para todo o bairro, fornecendo novamente a todos os olheiros uma descrição de Bond: — Todas as ferrovias e aeroportos. Quinta Avenida e Rua 55, entrada do Hotel St. Regis. Mr. Big diz que é bom vigiar também as rodovias, mas principalmente as ferrovias e todos os aeroportos. . .

## O FANTASMA DE PRATA

Com a gola do novo capote levantada até às orelhas, Bond não foi visto quando deixava a entrada da farmácia St. Regis na Rua 55, que tinha uma porta de comunicação com o hotel.

Esperou na entrada e pulou para um táxi, prendendo a porta aberta com o polegar da mão ferida e atirando a maleta à sua frente no assento do carro. O táxi quase não havia parado. O negro que segurava a caixa coletora de donativos para os Veteranos Negros da Coréia e seu colega, que remexia debaixo do capuz erguido de seu carro parado, continuaram em suas ocupações até que, muito tempo depois, deram por terminada a tarefa ao ouvirem duas fonfonadas breves e uma longa de um automóvel que passou por eles.

Mas Bond foi reconhecido assim que saltou do táxi na entrada de automóveis na Estação Pensilvânia. Um negro de andar indolente, que carregava uma cesta de vime, meteu-se rápido numa cabina telefônica. Eram dez e quinze.

Faltavam ainda quinze minutos, e, no entanto, no momento mesmo em que o trem ia dar partida, um dos garçons do carro-restaurante deu parte de doente e foi substituído às pressas por um homem que recebera pelo telefone instruções completas e minuciosas. O cozinheiro protestou

contra essa mudança, que lhe pareceu suspeita, mas o recém-chegado lhe disse uma ou duas palavras que lhe fizeram mostrar o branco do olho e calar a boca, enquanto às ocultas tocava a figa pendurada no pescoço.

Bond atravessara velozmente o amplo corredor envidraçado, depois avançara pelo portão 14 e entrara no trem.

A composição, um quarto de quilômetro de vagões prateados, espichava-se em silêncio na penumbra da estação subterrânea. Sob as lâmpadas elétricas nuas, as faixas horizontais verde, vermelha e amarela, cores da Seaboard Air Line Railroad, fulgiam suntuosamente nas locomotivas aerodinâmicas. O maquinista e o foguista, que conduziram o trem nos trezentos quilômetros da primeira etapa da viagem em direção ao sul, refestelavam-se no interior da imaculada cabina de alumínio, examinando o amperímetro e o mostrador de pressão atmosférica, preparados para a partida.

Tudo estava quieto na gigantesca gruta de cimento debaixo da cidade, e cada ruído ecoava.

Os passageiros não eram muito numerosos. A maioria deveria subir em Newark, Philadelphia, Wilmington, Baltimore e Washington. Bond caminhou uns cem metros, os pés ressoando na plataforma vazia, até encontrar o vagão 245, quase na retaguarda do comboio. Deparou-se à porta com um cabineiro de Pullman. Usava óculos, o rosto enfatiado mas amistoso. Abaixo das janelas do vagão, gravado em letras marrom e ouro, estava escrito "Richmond, Fredericksburg e Potomac" e mais abaixo "Bellesylvania", o nome do vagão. Uma tênue corrente de vapor erguia-se das juntas do aquecimento central perto da porta.

— Cabina H — disse Bond.

— Mr. Bryce? É aqui mesmo. Sua senhora já entrou. No fundo do carro.

Bond subiu e enveredou pelo corredor, de um verde oliva embaciado e grossa alcatifa. Sentiu o cheiro de fumaça de charuto, habitual nos trens americanos. Leu o aviso: 'Precisa de outro travesseiro? Para qualquer necessidade extra, chame o cabineiro. Seu nome é' o nome estava impresso num cartão: "Samuel D. Baldwin".

A cabina H ficava quase no fundo do vagão. Na cabina E viu um casal de aparência respeitável; as demais cabinas estavam desocupadas. A porta da H estava fechada. Bond tentou abrir e notou que estava fechada à chave.

— Quem é? — perguntou uma voz feminina apreensiva.

— Sou eu — disse Bond.

A porta abriu-se. Bond entrou, largou a maleta num canto e voltou-se para trancar a porta.

Ela trajava um vestido negro. Um véu largo de renda pendia da aba de um pequenino chapéu de palha. Levara à garganta a mão enluvada, e através do véu Bond notou que o rosto estava lívido e os olhos arregalavam-se de medo. Havia em sua beleza um quê de francês.

— Ah, graças a Deus! disse ela.

Bond deu uma olhadela pelo quarto. Abriu a porta do lavatório e espiou. Vazio.

Uma voz na plataforma gritou: "Partida!" Ouviu-se um som metálico quando o funcionário recolheu a escadinha dobradiça de ferro e fechou a porta. Então o trem começou a rodar tranqüilamente pelos trilhos. Uma campainha ressoou monótona quando o comboio passou pelos sinais automáticos. As rodas produziram algum estardalhaço ao cruzarem os desvios e, depois disso, a composição ganhou velocidade. Estavam a caminho, para o que desse e viesse.

— Qual o assento que prefere? — perguntou Bond.

— Qualquer um — respondeu ela aflita. — Escolha.

Bond deu de ombros e sentou-se de costas para a locomotiva. Êle preferia olhar para a frente.

Ela sentou-se nervosa, a encará-lo. Estavam ainda no comprido túnel que conduz as linhas de Pensilvânia para fora da cidade.

Tirou o chapéu, desprende o véu e colocou-os a seu lado no assento. Retirou os grampos da nuca e sacudiu a cabeça, soltando a cabeleira negra e densa. Sombras azuladas agrupavam-se sob suas pálpcbras, e Bond calculou que ela também devia ter passado a noite sem dormir.

Havia urna mesinha entre eles. De súbito ela inclinou-se para a frente e puxou para si a mão direita dele. Segurou-a entre as suas, curvou-se e beijou-a. Bond franziu a sobancelha e procurou retirar a mão, mas ela segurou-a alguns momentos, apertando-a com força.

Levantou a vista e seus grandes olhos azuis fitaram os dele com candura.

— Obrigada — disse ela. — Obrigada por confiar em mim. Foi difícil para você. — Solto a mão dele e recostou-se.

— Estou alegre por isso — disse Bond impropriamente. Seu espírito

esforçava-se por desvendar o mistério dessa mulher. Introduziu a mão no bolso à procura do cigarro e do isqueiro. Era um maço novo de Chesterfield, e com a mão direita êle esgravatou o envoltório de papel celofane.

Ela tirou-lhe o maço da mão, cortou-o com a unha do polegar, tirou um cigarro, acendeu-o e passou-o para êle. Bond recebeu-o e sorriu para ela, sentindo a marca de batom que ficara no cigarro.

— Fumo uns três maços por dia — disse êle. — Você vai estar atarefada.

— Ajudarei só a abrir os maços fechados — disse ela. — Não tenha medo que eu o importune durante a viagem até São Petersburgo.

Bond apertou os olhos e parou de sorrir.

— Você não vai pensar que eu acreditei que íamos só até Washington — disse ela. — Você não foi muito natural no telefone hoje de manhã. E afinal Mr. Big está certo de que você vai para a Flórida. Ouvi quando êle deu instruções ao pessoal a seu respeito. Falou com um homem chamado Robber numa ligação interurbana. Recomendou que ficasse de olho no aeroporto de Tampa e nos trens. Talvez a gente deva saltar do trem antes, em Tarpon Springs ou alguma outra estaçõzinha da costa. Eles viram quando você tomou o trem?

— Não que eu saiba — respondeu Bond. Seus olhos estavam sossegados novamente. — E você? Encontrou alguma dificuldade?

— Hoje eu devia ter lição de canto. Êle queria fazer de mim uma cantora de cabaré. Queria me apresentar no Boneyard. Um de seus homens levou-me à escola como sempre, e devia ir me apanhar de novo ao meio-dia. Não ficou surpreso com a hora da minha aula. Muitas vezes tomo café com meu professor para me ver longe de Mr. Big, que quer que eu faça todas as minhas refeições com êle. — Ela consultou o relógio, e êle observou com certo desdém que era um relógio caro, diamante e platina, talvez. — Vão dar pela minha falta dentro de mais ou menos uma hora. Eu esperei até que o carro desaparecesse; depois saí de novo e telefonei para você. Peguei um táxi e fui para o centro. Comprei uma escova de dentes e outras bugigangas numa farmácia. Se não tivesse feito isso, teria agora somente as minhas jóias e o dinheiro que conservo sempre escondido dele. Uns cinco mil dólares. Como vê, não serei uma carga financeira para você. — Sorriu: — Sempre acreditei que um dia surgiria uma oportunidade para mim. — Fêz um gesto para a janela: — Você me deu vida nova.



O trem corria pelas campinas áridas e rudes e pelos charcos que separam Nova York e Newmark. Não era uma paisagem atraente. Lembra a Bond alguns trechos da Ferrovia Transiberiana de antes da guerra. A diferença estava nos imensos e solitários cartazes anunciando os espetáculos da Broadway e nos ocasionais depósitos de ferro-velho e carros usados.

— Espero que possa encontrar para você algo melhor do que isso — observou êle sorrindo. Mas não me agradeça. Estamos quites agora. Você me salvou a vida ontem à noite. Quer dizer — completou êle, encarando-a curioso — se você realmente tem o dom de ler os pensamentos dos outros.

— Tenho, sim — disse ela — tenho. Ou alguma coisa que se pareça com isso. Muitas vezes posso ver o que está para acontecer, principalmente a outras pessoas. Naturalmente enfeito a coisa. E quando fazia isso para viver, lá no Haiti, era fácil transformar o negócio num bom ato de variedade. Lá eles estão saturados de vodu e superstições e achavam que eu era feiticeira. Mas juro que quando eu o vi naquela sala compreendi que você tinha sido enviado para me salvar. Eu. . . — corou — eu vi a espécie de coisa.

— Que coisa, por exemplo?

— Ah, não sei assim — disse ela alegremente. — Coisas. De qualquer maneira, veremos. Mas vai ser difícil — acrescentou com seriedade — e perigoso. Para nós dois. Deteve-se um instante. Você cuidará de nós?

— Farei o possível — retrucou Bond. — A primeira coisa que temos de fazer é tirarmos uma boa soneca. Tomemos um gole, comamos uns sanduíches de galinha e depois chamemos o cabineiro e peçamos a êle que faça nossas camas. Não precisa ficar embaraçada — acrescentou ao ver a relutância nos olhos dela. — Estamos juntos nisto. Temos de passar vinte e quatro horas num quarto de casal, juntos, e não adianta ficar melindrada. Afinal, você é Mrs. Bryce. — Sorriu. — E deve comportar-se como tal. Até certo ponto, convenhamos — êle completou.

Ela riu. Seus olhos tinham uma expressão meditativa. Não disse nada, mas apertou o botão da campainha debaixo da janela.

O condutor apareceu ao mesmo tempo que o cabineiro. Bond pediu duas doses de Old Fashioned, preparado com Old Grand-Dad, sanduíches de galinha e café Sanka decafeinado, para não tirar o sono.

— Tenho de extrair outro bilhete em seu nome, Mr. Bryce — disse

o condutor.

— Naturalmente — disse Bond.

Solitaire fez um gesto em direção à sua bolsa.

— Não é preciso, querida — disse Bond, sacando a carteira. — Não se lembra que me deu seu dinheiro para guardar quando saímos de casa?

— A madame vai precisar de um bocado para comprar vestidos de verão — disse o condutor. — As lojas de São Petersburgo cobram caro pra chuchu. E é danado de quente lá também. Já estiveram antes na Flórida?

— Vamos sempre nesta época do ano — disse Bond.

— Boa viagem, então — disse o condutor.

Quando a porta se fechou atrás do homem, Solitaire abriu numa gargalhada franca.

— Você não pode me embaraçar — disse ela. — Inventarei uma coisa realmente fantástica, se você não tiver cuidado. Para começar, vou lá dentro — apontou para a porta por trás da cabeça de Bond. — Devo estar com uma cara horrorosa.

— Discordo — disse Bond quando ela saiu.

Bond voltou os olhos para a janela e contemplou as casas que deslizavam por eles à proporção que o trem se aproximava de Trenton. Gostava de viajar de trem, e encarou com otimismo o resto da viagem.

O trem diminuía a marcha. Os ramais estavam apinhados de vagões de carga desocupados, que levavam os nomes de quase todos os Estados da União — "Delaware, Lackawanna & Western", "Chesapeake & Ohio", "Leigh Valley", "Scaboard Fruit Express" e o cantante "Atchinson, Topeka & Santa Fé" — nomes que conservavam todo o fascínio das estradas de ferro americanas.

Ferrovias inglesas? pensou Bond. Suspirou e dirigiu seus pensamentos para a aventura que estava vivendo.

Para o que desse e viesse, êle resolvera aceitar Solitaire, ou melhor, conforme sua maneira fria de encarar as coisas, tirar o máximo proveito dela. Havia muitas questões a ser respondidas, mas agora não era o momento de as formular. Tudo o que o interessava de mais imediato era o fato de que outro golpe fora assestado em Mr. Big — e onde lhe seria mais doloroso, em sua vaidade.

Quanto à moça, Bond refletiu que ia ser engraçado passar o tempo a provocá-la e a ser por ela provocado, e estava contente de que ambos já houvessem penetrado as fronteiras da camaradagem e até mesmo da

intimidade.

Seria verdade o que tinha dito Mr. Big, que ela não tinha nada a ver com os homens? Duvidava. Ela parecia aberta ao amor e ao desejo. De qualquer forma, sabia que ela não estava fechada para êle. Queria que ela voltasse e se sentasse diante dele novamente para que pudesse contemplá-la, divertir-se com ela e desvendá-la pouco a pouco. Solitaire. Era um nome simpático. Não admirava que assim a tivessem batizado nos cabarés vagabundos de Porto Príncipe. Mesmo agora, na promessa de se mostrar cordial para com êle, havia muita coisa nela que era inatingível e misteriosa. Bond pressentia no passado dela uma infância solitária numa fazenda decadente, uma casa-grande arruinada e usurpada pela vegetação luxuriante dos trópicos. Imaginou os pais mortos e a venda da propriedade. A camaradagem de uma ou duas servas e uma existência equívoca nas casas de cômodos da capital. A beleza, que era seu único bem, e a luta contra as propostas escusas para que se tornasse "governante", "dama de companhia", "secretária", que no fim de contas significavam apenas um convite à prostituição respeitável. Em seguida, os passos incertos, duvidosos, no mundo dos espetáculos. A tarefa noturna no cabaré, o misterioso ato que, entre pessoas dominadas pela magia, deve tê-la transformado numa pessoa desconhecida e temida. E então, certa noite, o gigante de rosto cinzento, sentado sozinho a uma mesa. A promessa que teria feito de levá-la para a Broadway. A oportunidade de vida nova, de fuga do calor, da imundície, da solidão.

Bond afastou-se bruscamente da janela. Um quadro romântico, talvez. Mas com toques de verdade.

Ouviu o ruído da porta que se abria. A moça voltou e sentou-se outra vez diante dele. Parecia revigorada e bem disposta. Examinou-o demoradamente.

— Você andou cismando a meu respeito — disse ela. — Senti isso logo que o vi. Não se preocupe. Não há nada de muito ruim para descobrir. Eu lhe contarei tudo algum dia, quando tivermos tempo. Agora quero esquecer o passado. Vou apenas lhe dizer meu verdadeiro nome. É Simone Latrelle, mas pode me chamar como quiser. Tenho vinte e cinco anos e agora estou feliz. Adoro este quartinho. Mas estou com fome e com sono. Qual a cama que você prefere?

Bond sorriu àquela pergunta. Refletiu.

— Não é muito gentil da minha parte — disse êle — mas acho que

prefiro a de baixo. Gostaria de ficar mais perto do chão. . . para alguma emergência. Não que precisemos ficar preocupados — acrescentou, vendo-a franzir a testa — mas Mr. Big parece ter um braço muito comprido, particularmente no mundo negro. E nesse mundo estão incluídas as estradas de ferro. Você se incomoda?

— É claro que não — ela respondeu. — Eu ia até sugerir. E você não poderia subir para a de cima com a mão nesse estado.

Chegou a refeição deles, trazida do carro-restaurante por um garçom negro apreensivo. Parecia ansioso por receber o dinheiro do almoço e voltar ao trabalho.

Quando acabaram de comer, Bond chamou o cabineiro. Êle também dava a impressão de estar perturbado e evitava olhar para Bond. Demorou-se muito para fazer as camas e procurou com espalhafato deixar bem patente a falta de espaço para se mover dentro da cabina.

Final, pareceu tomar coragem.

— Talvez a madame queira sentar-se na outra cabina enquanto arrumo esta daqui — disse êle olhando por cima da cabeça de Bond. — O compartimento de junto vai ficar vazio até São Petersburgo.

Tirou a chave do bolso e abriu a porta de comunicação sem esperar pela resposta de Bond.

A um gesto de Bond, Solitaire aceitou a sugestão. Êle ouviu-a trancar a porta que dava para o corredor. O negro bateu a porta de comunicação, fechando-a.

Bond aguardou um instante. Lembrou-se do nome do negro.

— Tem alguma coisa em mente, Baldwin? — perguntou.

Aliviado, o cabineiro voltou-se e encarou-o.

— Tenho, sim, Mr. Bryce. Tenho, sim senhor.

Uma vez que tinha começado a falar, as palavras saíam em borbo-tões:

— Não devia lhe contar isso, Mr. Bryce, mas vai haver muita confusão neste trem durante a viagem. O senhor tem um inimigo neste trem, Mr. Bryce. Tem no duro. Tenho ouvido coisas que não me agradam. Não posso falar muito. Senão me meterei também em camisa de onze varas. Mas é bom que o senhor veja bem por onde anda. Alguém tá lhe marcando e o cara não é sopa não. É melhor que o senhor fique com isto aqui.

Meteu a mão no bolso e puxou dois calços de madeira para janela.

— É para enfiar debaixo das portas — disse êle. — Não posso fazer

mais do que isso. Senão me cortam o pescoço. Mas não gosto de palhaçada com os viajantes de meu vagão. De jeito nenhum, Mr. Bryce.

Bond recebeu os calços:

— Mas. . .

— Não posso lhe ajudar mais do que isso, Mr. Bryce — disse o negro, encerrando o assunto e já com a mão na porta. — Se o senhor tocar a campainha, eu lhe trago o jantar. Não deixe ninguém mais entrar na cabina.

Estirou a mão para receber a nota de vinte dólares. Agarrou a cédula, dobrou-a e colocou-a no bolso.

— Farei o que puder — disse êle. — Mas eles me pegarão, se eu não tiver muito cuidado. Pegam na certa.

Foi embora e fechou a porta.

Bond pensou um momento, depois abriu a porta de comunicação. Solitaire estava lendo.

— Pronto. Já acabou a arrumação — disse êle. — Levou muito tempo nisso. Queria me contar a vida dele toda, ainda por cima. Vou ficar longe enquanto você sobe para o seu ninho. Quando estiver pronta, me chame.

Sentou-se na cabina desocupada, no lugar em que ela estivera, e observou os subúrbios sombrios de Philadelphia que exibiam suas feridas, como mendigos, ao comboio rico que passava.

Não valia a pena assustá-la antes do tempo. Mas a nova ameaça chegara mais cedo do que êle esperava, e o perigo que ela corria, caso sua identidade fosse descoberta pelo espião do trem, seria tão grande como o dele.

Ela chamou, e êle entrou na cabina. O quarto estava iluminado apenas pela lâmpada da cabeceira da cama dele, que ela tinha acendido.

— Durma bem — disse ela.

Bond tirou o paletó. Sem fazer ruído, enfiou os calços debaixo de ambas as portas. Depois estirou-se preguiçosamente, sobre seu lado direito, na cama confortável e, sem pensar no futuro, mergulhou num sono profundo, embalado pelo pesado galope do trem.

Alguns vagões adiante, no carro-restaurante deserto, um garçom negro relia o que tinha escrito numa fórmula do telégrafo e aguardava a parada de dez minutos em Philadelphia.



## ALLUMEUSE

O imponente comboio varava a tarde luminosa em sua trovejante marcha para o sul. Pensilvânia e Maryland tinham ficado para trás. Na longa parada em Washington, Bond ouviu por entre sonhos o compassado retintim das campainhas de alarma das locomotivas em manobra e o rumorejo do equipamento de alto-falantes da estação. Dali partiu para Virgínia, onde o ar já era mais temperado e o crepúsculo, a cinco horas da aragem límpida e glacial de Nova York, estava impregnado de um aroma quase primaveril.

Os negros, que em grupos regressavam aos lares após um dia de trabalho nos campos, perceberam o ribombo distante na vibração silenciosa dos carris prateados. Um deles sacou o relógio, consultou-o e anunciou: "Aí vem o Fantasma". Seis horas. Acho que meu relógio está certo. — Não há dúvida — disse outro no instante mesmo em que se tornava mais próxima a cadência possante dos motores Diesel e os vagões iluminados riscavam a paisagem em direção à Carolina do Norte.

Bond e Solitaire acordaram pelas sete horas ao tilintar apressado da campainha de alarma de uma passagem de nível, quando o trem deixava os campos e abria caminho através dos subúrbios de Raleigh. Bond retirou os calços das portas, acendeu a lâmpada e chamou o cabineiro.

Pediu dois martinis secos, e ao ver as duas garrafinhas, com os copos e o gelo, achou-as tão insuficientes que tratou logo de encomendar mais quatro.

Discutiram o cardápio, que apregoava peixe em "Talhadas Finas de Filé Tenro e Sem Espinhas" e galinha "Frita à Francesa, Dourada e Desossada".

— Bobagem — disse Bond, e eles terminaram por pedir ovos mexidos, toicinho e salsichas, salada e um pouco do Camembret nacional, que é uma das surpresas mais agradáveis dos cardápios americanos .

Eram nove horas quando Baldwin veio recolher os pratos. Perguntou se desejavam mais alguma coisa.

Bond, que estivera matutando por alguns instantes, perguntou:

— A que horas chegaremos em Jacksonville?

— Aí pelas cinco da manhã.

— Não há lá uma passagem de rodovia por baixo da estrada de ferro?

— Há, sim senhor. Este vagão pára bem em cima.

— Você podia abrir a porta e baixar a escadinha só por um minuto?

O negro riu:

— Posso sim. Deixe comigo.

Bond estendeu-lhe uma cédula de dez dólares.

— É só para o caso de eu não ver você quando chegarmos a São Peterburgo — disse êle.

O negro mostrou os dentes num sorriso largo.

— É muita bondade sua, Mr. Bryce. Muito obrigado. Boa-noite para o senhor. Boa-noite, madame.

Saiu e fechou a porta.

Bond ergueu-se e introduziu os calços firmemente debaixo das duas portas.

— Estou vendo agora — disse Solitaire. — Quer dizer que precisamos tomar essas precauções.

— É verdade — confirmou Bond. — Infelizmente. — E contou a ela o aviso que tinha recebido de Baldwin.

— Não me surpreende — disse a moça quando êle acabou. — Eles devem ter visto você entrar na estação. Mr. Big tem uma legião de espiões chamados "olheiros". Quando eles se põem a trabalhar é quase impossível iludi-los. Gostaria de saber quem é que êle botou no trem. Pode estar



certo de que é um negro, ou um cabineiro ou alguém do carro-restaurant. Ele consegue tudo o que quer desse pessoal.

— Pelo menos é o que parece — disse Bond. — Mas como é que funciona? Que poder tem sobre eles?

Ela olhou pela janela para o túnel de treva que o comboio ia iluminando em sua passagem tonitruante. Depois encarou, no outro lado da mesa, os olhos grandes, azuis e acinzentados do agente inglês. E pensou: — "Como é possível explicar a alguém tão imbuído de certezas, tão dominado pelo bom senso, criado com roupas e sapatos, em casas acolhedoras e ruas iluminadas? Como explicar a alguém que nunca viveu a dois passos do misterioso coração dos trópicos, à mercê de seus acessos de cólera, de suas dissimulações, de seus venenos; que nunca sentiu na pele o fascínio dos tantãs, os rápidos efeitos da magia e o terror mortal que ela inspira? Que pode ele saber de catalepsia, de transmissão de pensamento, do sexto sentido dos peixes, dos pássaros, dos negros; do significado fatal de uma pena de galinha branca, de gravetos cruzados no meio da estrada, de um saquinho de couro cheio de ossos e ervas? Que sabe ele de bruxarias, de feitiços para fazer desaparecer a sombra das pessoas, de morte por inchação e morte por definhamento?"

Ela sentiu um arrepio, e recordações sombrias a envolveram. Acima de tudo, lembrou-se da primeira vez que foi levada ao Houmfor pela babá negra. Era uma garotinha. — Não vai fazer mal nenhum. Sinhazinha pode beber sem susto, que é para ser feliz a vida toda. — O velho asqueroso e a beberagem imunda que ele lhe deu. A babá, apertando-lhe os maxilares, forçou-a a abrir a boca e ingerir até a última gota. Depois, uma semana sem dormir, estirada na cama, choramingando a noite inteira; a ansiedade da babá, até que por fim pôde dormir bem. Uma noite, semanas depois, mexendo no travesseiro, dera com aquela coisinha endurecida, um embrulhinho de estreme. Jogara-o pela janela, mas de manhã não pudera encontrá-lo. Continuou a dormir bem e sabia que a babá o tinha encontrado e escondido entre as frinchas do soalho.

Anos depois, descobrira a composição da bebida: rum, pólvora, barro de túmulo e sangue de gente — usada no culto vodú. Tivera ânsias de vômito quando o gosto lhe subiu outra vez à boca.

Que sabia este homem dessas coisas ou de sua meia-crença nelas?

Levantou a vista e deparou com os olhos de Bond, que a fitavam zombeteiramente.

— Você imagina que não posso compreender — disse êle.

— E tem razão até certo ponto. Mas eu sei o que o medo pode fazer às pessoas e sei que o medo pode ser provocado por muitas coisas. Li muito sobre vodu e acredito que êle funciona. Não creio que tenha algum efeito em mim, porque desde a infância deixei de temer a escuridão. Além disso, não sou uma cobaia fácil para a sugestão ou o hipnotismo. Mas estou a par do jargão do culto e não pense que me rio dele. Os cientistas e médicos que escreveram os livros não riram.

Solitaire sorriu.

— Está bem — disse ela. — Então tudo o que eu preciso lhe dizer é que eles acreditam que o Big Man é o zumbi do Barão Samedi. Por sua própria natureza, os zumbis são bastante perversos. São cadáveres animados que foram ressuscitados de entre os mortos e obedecem às ordens da pessoa que os comanda. O Barão Samedi é o espírito mais pavoroso em todo o culto vodu. É o espírito da treva e da morte. Assim, a idéia de que o Barão Samedi governa seu próprio zumbi é uma concepção das mais aterrorizantes. Você sabe que aspecto tem Mr. Big. É enorme e cinzento e possui imensa força psíquica. Não é difícil para um negro acreditar que êle é um zumbi e dos mais terríveis. O passo seguinte, que é ser o próprio Barão Samedi, é simples. Mr. Big encoraja essa crença conservando à mão o feitiço do Barão. Você o viu na sala dele.

— Fêz uma pausa e continuou depois, arrebatada e quase sem fôlego:

— E eu posso lhe dizer que funciona, que quase não existe um negro, que o tenha visto e ouvido a história, que não acredite nela e que não o encare com absoluto e irreprimível pavor. E eles têm razão — acrescentou. — Você concordaria nisso também, se soubesse como êle trata aqueles que não se submetem a seus caprichos, como os tortura e mata.

— E onde Moscou entra na história? — perguntou Bond. — é verdade que êle é agente da SMERSH?

— Não sei o que é SMERSH — disse a moça — mas sei que êle trabalha para a Rússia. Pelo menos ouvi-o falar russo com pessoas que chegam de vez em quando. Em certas ocasiões êle me leva para a sala e me pergunta depois o que penso dos visitantes. Na maioria dos casos, acho que êles falam a verdade, embora não entenda o que dizem. Mas não se esqueça de que eu o conheço apenas há um ano e que êle é tremendamente reservado. Se Moscou o emprega, está empregando um

dos homens mais poderosos da América. Ele pode descobrir quase tudo que precisa saber, e quando não consegue o que quer, alguém paga com a vida por isso.

— Po que não o matam? — indagou Bond.

— Não se pode matá-lo — disse ela. — Ele já está morto. É um zumbi.

— Ah sim, entendo — disse Bond lentamente. — É um estratagema fantástico. Você tentaria?

Ela olhou pela janela e depois para ele.

— Em último recurso — admitiu de má vontade. — Não esqueça, eu venho do Haiti. A razão me diz que eu poderia matá-lo, mas — fez um gesto de desalento com as mãos — o instinto me diz que não.

Sorriu com docilidade para ele.

— Você deve me julgar uma perfeita idiota — disse ela.

Bond pensou um pouco.

— Não, depois de ter lido todos aqueles livros — admitiu. Estirou a mão direita na mesa e segurou as dela. — Quando chegar o momento — disse sorrindo — gravarei uma cruz na minha bala. Isso dava resultado nos velhos tempos.

Ela ficou pensativa.

— Acredito que se alguém pode fazê-lo, você pode — disse ela. — Você o feriu fundo ontem de noite em troca do que ele lhe fez.

Tomou a mão dele nas dela e apertou-a:

— Agora me diga o que devo fazer.

— Ir para a cama — disse Bond.

Consultou o relógio. Eram dez horas.

— Temos de dormir cedo. Escapuliremos do trem em Jacksonville e faremos o possível para que não nos vejam. Depois acharemos outro meio de chegarmos à costa.

Levantaram-se. Contemplaram um ao outro, de pé, na cabina oscilante.

De súbito, Bond acercou-se e segurou-a com o braço direito. Ela enlaçou-lhe o pescoço, e eles se beijaram apaixonadamente. Ele encostou-a à parede instável e apertou-a. Ela tomou o rosto dele nas mãos e afastou-o ligeiramente, ofegante. Seus olhos brilhavam, ardentes. Então aproximou de novo os lábios dele dos dela e beijou-o longa e voluptuosamente, como se ela fosse o homem e ele a mulher.

Bond amaldiçoou a mão quebrada que o impedia de explorar o corpo dela. Libertou a mão direita, colocou-a entre seus dois corpos e apalpou os seios duros, sentindo em cada um o aguçado estigma do desejo. Deslizou a mão pelas costas dela, até alcançar a fenda na base da espinha, e pousando-a aí, manteve o centro do corpo dela apertado contra o seu durante todo o tempo em que se beijaram.

Por fim ela desenlaçou-lhe o pescoço e afastou-o um pouco.

— Sempre esperei um dia beijar assim um homem — disse ela. — E logo que o vi compreendi que você era esse homem.

Os braços caídos ao longo do corpo, ali estava ela, ofertando-se, pronta para recebê-lo.

— Você é linda — disse Bond. — Seu beijo é mais espetacular do que o de qualquer garota que eu conheço.

Baixou os olhos para as ataduras da mão esquerda.

— Braço desgraçado — continuou. — Por causa dele não posso agarrá-la direito nem acariciá-la. A dor é insuportável. É outra coisa por que Mr. Big vai ter de pagar.

Ela riu. Depois tirou um lenço da bolsa e apagou as marcas de batom da boca de Bond. Em seguida, afastando a ponta de cabelo que cobria a testa dele, beijou-o de leve, com ternura.

— Não faz mal — disse ela. — Há muitas outras coisas que ocupam nosso espírito.

O balanço do trem atirou-o de novo contra ela.

Êle colocou a mão no seio esquerdo dela e beijou-lhe o pescoço e depois a boca. Sentiu que as palpitações do sangue diminuía. Tornou-a pela mão e arrastou-a para o centro da cabina. Sorriu.

— Talvez você tenha razão — disse êle. — Quando chegar o momento eu quero estar só com você, com o tempo todo à nossa disposição. Aqui há pelo menos um homem que pretende perturbar a nossa noite. E teremos de estar de pé às quatro da manhã. Assim, não há tempo para a gente começar a amar agora. Prepare-se para ir para a cama. Eu irei depois e direi boa-noite com um beijo.

— Beijaram-se mais uma vez, demoradamente. Depois, êle afastou-se.

— Vamos ver se temos companhia na outra cabina — disse êle.

Arrancou o calço da porta de comunicação e com muito cuidado girou a chave na fechadura. Tirou a Beretta do coldre, soltou com o po-

legar o registro de segurança e através de gestos deu a entender à moça que puxasse a porta com força para si, de modo a ficar escondida. Deu o sinal, e ela escancarou a porta. A cabina vazia bocejou sarcásticamente diante deles.

Bond voltou-se para Solitaire com um sorriso.

— Me chame quando estiver pronta — disse êle, entrando e fechando a porta.

A porta que dava para o corredor estava trancada. A cabina era idêntica à deles. Bond examinou-a com atenção para ver se localizava algum ponto vulnerável. Havia apenas o orifício do ar condicionado no forro, e Bond, que estava disposto a considerar todas as possibilidades, rejeitou a hipótese de emprego de gás na rede. Isso mataria todos os passageiros do vagão. Restava somente o tubo de despejo no pequeno lavatório, e conquanto pudesse ser usado para conduzir alguma substância mortífera nele introduzida por baixo do trem, a operação exigiria um ousado e hábil acrobata. Não havia grade de ventilação no corredor.

Bond deu de ombros. Se quisessem entrar, teriam de passar pelas portas. Êle teria de ficar acordado.

Solitaire chamou-o. O quarto recendia a Vent Vert de Dior. Ela estava reclinada sobre o cotovelo e olhava-o do alto de seu beliche.

Os lençóis envolviam-na até à altura dos ombros. Bond imaginou que ela estava nua. O cabelo preto caía pelo rosto em ondas escuras. Com a lâmpada de cabeceira acesa às costas, o rosto estava imerso em sombras. Bond galgou a escadinha de alumínio e curvou-se sobre ela. Estendendo os braços para êle, os lençóis caíram-lhe dos ombros.

— Louca — disse êle. — Você. . . Ela tapou-lhe a boca com a mão.

— "Allumeuse" é a palavra adequada para isso — disse ela. — É engraçado que eu possa provocar um homem tão forte e taciturno. Você arde com uma chama tão violenta! É o único jogo que eu tenho de fazer com você, e não poderei me divertir durante muito tempo. Quantos dias faltam para que sua mão fique boa?

Bond deu uma mordida na mão suave que lhe fechava a boca. Ela gritou.

— Poucos — disse êle. — E então, um dia, quando você estiver no melhor de seu joguinho, descobrirá que foi apanhada como uma borboleta.

Ela o envolveu com os braços, e eles se beijaram demorada e apai-

xonadamente. Afinal, ela afundou entre os travesseiros.

— Vá embora. Depressa! Vá dormir — disse ela. — Já cansei do meu jogo.

Bond desceu e cerrou as cortinas do beliche superior.

— Procure dormir agora — disse êle. — Amanhã teremos um dia puxado.

Ela murmurou qualquer coisa, mexeu-se para o outro lado e apagou a luz.

Bond certificou-se de que os calços estavam em seus lugares debaixo das portas. Depois tirou o paletó e a gravata e deitou-se no beliche. Apagou sua lâmpada e pôs-se a pensar em Solitaire, enquanto escutava o galope firme das rodas sub sua cabeça e os ruídozinhos agradáveis da cabina, os rangidos ligeiros e os chiados e murmúrios do vagão que tão depressa trazem o sono a quem viaja num comboio noturno.

Eram onze horas, e o trem percorria a longa estrada que vai de Colúmbia a Savannah, Geórgia. Ate Jacksonville seriam mais seis horas, outras seis horas de treva, durante as quais Big Man ordenaria a seu agente que fizesse alguma coisa, enquanto o trem inteiro dormia, e um homem poderia andar pelos corredores sem ser visto.

A imensa composição coleava noite adentro, devorando quilômetros de trilhos através das planícies vazias e dos miseráveis casebres da Geórgia, o lamento raivoso de sua buzina a espriar-se na amplidão da savana e o longo raio de seu único holofote a rasgar o manto negro da noite.

Bond tornou a acender a luz e tentou ler, mas as preocupações não o abandonaram. Pouco depois, abandonou a leitura e apagou a lâmpada. Pensava em Solitaire, no futuro, no que o esperava em Jacksonville e São Petersburgo e em rever Leiter.

Muito mais tarde, por volta de uma hora da madrugada, estava cochilando e na fronteira do sono, quando um leve ruído metálico, bem próximo de sua cabeça, despertou-o, fazendo-o levar a mão ao revólver.

Havia alguém na porta do corredor, experimentando o buraco da fechadura.

Bond pôs-se de pé instantaneamente e caminhou descalço. Puxou com cuidado o calço da porta que levava à cabina contígua, com o mesmo cuidado puxou o ferrêlho e abriu a porta. Atravessou a cabina e pôs-se a abrir a porta que dava para o corredor.

Não pôde impedir o estalido do trinco. Abrindo a porta bruscamen-

te, precipitou-se para o corredor, a tempo de ver um vulto alcançar a parte dianteira do vagão.

Se pudesse usar ambas as mãos, teria alvejado o homem, mas para abrir as portas precisava de guardar a arma no bolso da calça. Bond sabia que era inútil perseguir o fugitivo. Havia inúmeras cabinas desocupadas em que o homem podia penetrar e fechar-se por dentro. Bond previra tudo isso. Sabia que a única probabilidade de êxito era a surpresa e um tiro à queima-roupa ou a rendição do homem.

Deu alguns passos para a cabina H. Um pedacinho de papel projetava-se no corredor.

Deu meia-volta e entrou em sua cabina, trancando todas as portas por onde passava. Procurando não fazer barulho, acendeu a lâmpada de cabeceira de seu beliche. Solitaire dormia. O resto da folha de papel estava no tapete, debaixo da porta. Apanhou o papel e sentou-se na beira da cama.

Era uma folha de bloco barato, pautado, onde alguém escrevera algumas linhas irregulares em tinta vermelha e toscas maiúsculas. Bond manuseava-a com extremo cuidado, sem muita esperança de que ela produzisse impressões digitais. Esse povo não cairia nisso. Leu:

*Ó Feiticeira, não me mates;*

*Poupa-me. Dele é o corpo.*

*O divino tamboreiro anuncia que*

*Ao levantar-se com a aurora*

*Rufará seus tambores para ti no amanhecer.*

*Cedo, muito cedo, muito cedo, muito cedo.*

*Ó Feiticeira que matas os filhos dos homens antes que eles amadureçam plenamente,*

*Ó Feiticeira que matas os filhos dos homens antes que eles amadureçam plenamente,*

*O divino tamboreiro anuncia que*

*Ao levantar-se com a aurora*

*Rufará seus tambores para ti no amanhecer.*

*Cedo, muito cedo, muito cedo, muito cedo.*

*Nós nos dirigimos a ti E tu entenderás.*

Bond estendeu-se no leito e pôs-se a refletir. Depois dobrou o papel e colocou-o na carteira. Deitou-se de costas, fitou o vazio e esperou a aurora.





## EVERGLADES

Eram cerca de cinco horas da manhã, quando eles escapuliram do trem de Jacksonville.

Ainda estava escuro, e as plataformas nuas do grande entroncamento ferroviário da Flórida eram mal iluminadas. A entrada da passagem inferior ficava a poucos metros do Vagão 245, e não havia sinal de vida no comboio adormecido quando eles desceram os degraus. Bond tinha pedido ao cabineiro que conservasse a porta de seu compartimento trancada e os estores abaixados, depois que eles tivessem partido. Acreditava que havia a possibilidade de só darem pela ausência deles depois que o trem tivesse chegado a São Petersburgo.

Pela passagem chegaram à estação. Bond informou-se de que o próximo expresso para São Petersburgo era o Meteoro de Prata, irmão do Fantasma, esperado às nove horas. Reservou dois lugares no Pullman. Depois tomou Solitaire pelo braço e ambos deixaram a estação, saindo para a rua escura e morna.

Havia dois ou três restaurantes abertos. Empurraram a porta do que anunciava "Boas Refeições" no néon mais berrante. Era a usual e inconsciente máquina de vender comida — duas garçonetes exaustas atrás de um balcão de zinco lotado de cigarros, bombons, brochuras e revistas

em quadrinhos. Havia uma enorme máquina de fazer café e uma fileira de anéis de gás butano. Uma porta, com o letreiro "Quarto de Repouso", ocultava terríveis segredos ao lado de outra com a tabuleta "Privativo", que era possivelmente a entrada dos fundos. Homens encapotados, sentados em volta de uma das doze mesas, levantaram a vista quando Bond e Solitaire entraram, e logo retornaram à conversa em voz baixa. Turmas de revezamento dos motores Diesel, imaginou Bond.

Havia quatro reservados estreitos à direita, na entrada, e Bond e Solitaire enfiaram-se em um deles. Olharam sem interesse para a cartolina suja do cardápio.

Algun tempo depois, uma das garçonetes aproximou-se devagarinho e encostou-se no tabique, correndo os olhos pelas roupas de Solitaire.

— Suco de laranja, café, ovos mexidos, para dois — disse Bond lacônico.

— Vem já — disse a moça.

Seus sapatos arrastaram-se pelo chão quando ela se afastou com passos letárgicos.

— Os ovos mexidos serão preparados com leite — disse Bond. — Mas não há quem possa comer ovos cozidos na América. São tão repugnantes, sem as cascas, misturados numa xícara de chá, do jeito que eles fazem aqui. Só Deus sabe onde é que aprenderam essa tolice. Dos alemães, suponho. E o café americano ruim é o pior do mundo, pior mesmo do que o da Inglaterra. Acho que eles não estragam muito o suco da laranja. Afinal de contas, estamos na Flórida agora. — De repente sentiu-se deprimido ao pensar nas quatro horas de espera nessa atmosfera imunda, repelente.

— Todo mundo atualmente está ganhando dinheiro fácil na América — disse Solitaire. — Quem paga o pato é o consumidor. Tudo que eles querem é arrancar um dólar da gente por qualquer coisa. Espere até chegarmos à costa. Nesta época do ano, a exploração dos trouxas campeia na Flórida. Na costa leste, eles tiram o couro dos milionários. No lugar pra onde vamos, é o pequeno que é a vítima. É o fim! O coitado vai pra lá para morrer.

— Pelo amor de Deus — disse Bond — que tipo de lugar é esse pra onde vamos?

— Todo mundo está quase morto em São Petersburgo — explicou

Solitaire. — É o Grande Cemitério Americano. Quando o bancário ou o postalista ou o ferroviário chega aos sessenta, recebe a pensão ou a anuidade e vai para São Petersburgo tomar sol antes de morrer. "A Cidade do Sol", é esse o nome que lhe dão. O tempo é tão estável que o vespertino de lá, o *Independent*, circula de graça todas as vezes que o Sol não está brilhando na hora do jornal sair. Como isso acontece apenas três ou quatro vezes por ano, é um excelente golpe publicitário. Todo mundo vai pra cama às nove da noite, e durante o dia os velhos jogam marelas e bridge, aos magotes. Há dois times de beisebol, "Kids" e "Kubs", em que os jogadores são quase oitentões. Ou então jogam boliche, mas a maior parte do tempo eles passam comprimidos, aos bandos, nos chamados "sofás de calçada", filas e filas de bancos de um lado e do outro dos passeios das avenidas. Ficam sentados ao sol, conversando fiado ou cochilando. É um espetáculo deprimente essa exibição de velhos de óculos, aparelhos de surdez e dentaduras chocalhantes.

— Puxa, é um quadro sombrio mesmo — disse Bond. — Mas por que cargas d'água Mr. Big escolheu esse lugar para centro de operações?

— Ora, pra êle vem a calhar — respondeu Solitaire com seriedade. — Lá quase não se dá nenhum crime, a não ser que se chame crime a trapaga no bridge ou na canastra. Por isso, a força policial é insignificante. É verdade que existe a guarnição da Guarda Costeira, com muitos soldados, mas esse pessoal tem a função quase exclusiva de reprimir o contrabando entre Tampa e Cuba ou a pesca de esponjas fora da estação própria, em Tarpon Springs. Na verdade, não sei o que êle faz por lá, exceto que mantém um agente muito importante, chamado Robber. Ligações com Cuba, creio eu — ela acrescentou, pensativa. — Talvez misturadas com comunismo. Acho que Cuba se infiltra no Harlem e espalha agentes vermelhos pelo Caribe. Afinal — continuou — São Petersburgo é sem dúvida a cidade mais pacata da América. Tudo lá é "provinciano", "afável". É verdade que há um lugar chamado "Restorium", centro de recuperação de alcoólatras. Alcoólatras setentões, suponho — fêz um ar de riso — e espero que incapazes de fazer mal a quem quer que seja. Você vai adorar a cidade — sorriu com malícia para Bond. — Com certeza você vai querer ficar lá para o resto da vida e ser um "aposentado" também. Essa é a palavra mais usada por lá. . . "aposentado".

— Deus me livre! — disse Bond com ardor. — Pelo que você diz, parece que estou vendo Bournemouth ou Horquay. Mas um milhão de

vezes pior. Espero que não tenhamos de entrar numa competição de tiro ao alvo com Robber e seus amigos. Isso provavelmente iria provocar uma onda de colapsos cardíacos e apressar a ida de muito aposentado para o cemitério. Será que não há ninguém moço nesse lugar?

— Há, sim — sorriu Solitaire. — Muita gente moça. Todos os moradores, por exemplo, que vivem de tirar o couro dos aposentados. Os proprietários dos hotéis e dos acampamentos de automobilistas. Você podia ganhar dinheiro à beca promovendo bingos. Eu serviria de camelô para você... do lado de fora atraindo os otários. Meu caro Mr. Bond — ela inclinou-se para a frente e apertou-lhe a mão — estará o senhor disposto a casar comigo e ir envelhecer graciosamente em São Petersburgo?

Bond recostou-se e encarou-a como se a estivesse examinando. — Antes disso, eu quero viver desgraciosamente com você um bocado de tempo — disse êle rindo. — Acho que isso assenta mais comigo. Mas me agrada saber que lá eles vão pra cama às nove.

Os olhos dela retribuíram o sorriso. Quando chegou o café, ela afastou a mão que segurava a dele. — Sim — disse. — Você vai pra cama às nove. E eu escapulirei pela porta dos fundos e irei fazer companhia aos Kids e Kubs.

O café era ruim como Bond previra.

Pagaram e foram andando para a sala de espera da estação.

O Sol já tinha saído, e a claridade multiplicava-se em réstias empoeiradas no salão abobadado e vazio. Sentaram-se a um canto, e enquanto aguardavam a chegada do Meteoro de Prata, Bond crivava-a de perguntas acerca do Big Man e de tudo quanto ela pudesse saber a respeito das operações dele.

De vez em quando guardava uma data ou um nome, mas era muito pouco o que ela acrescentava ao que êle sabia. Tivera um apartamento só para ela, no Harlem, no mesmo bloco em que morava Mr. Big, e no ano anterior fora mantida praticamente como prisioneira. Duas negras robustas serviam de "damas de companhia", e ela não tinha permissão de sair desacompanhada.

De tempos em tempos Mr. Big mandava buscá-la para a sala onde Bond o tinha visto. Lá êle pedia que ela dissesse se o homem ou a mulher, geralmente amarrado na cadeira, estava mentindo ou não. As respostas que dava dependiam da impressão de bondade ou maldade que recebia dessas pessoas. Sabia que seu veredicto eqüivalia com freqüência a uma

sentença de morte, mas ficava indiferente ao destino daqueles que julgava serem maus. Dessas pessoas, poucas eram brancas.

Bond ia anotando as datas e os pormenores de todas essas ocasiões.

Tudo quanto ela contava corroborava o retrato de um homem poderoso e ativo, irredutível e cruel, no comando de uma rede imensa de operações.

A propósito das moedas de ouro, tudo o que ela sabia era que tivera mais de uma vez de interrogar os homens para saber quantas tinham passado adiante e por quanto as tinham vendido. Amiúde, eles mentiam sobre a quantidade e o preço, disse ela.

Bond tinha o cuidado de dar a entender o menos possível do que sabia ou conjecturava. Sua simpatia crescente por Solitaire e o desejo que o corpo dela lhe inspirava situavam-se num compartimento que não possuía porta de comunicação com sua vida profissional.

O Meteoro de Prata entrou na estação na hora prevista. Foi um alívio para ambos estarem novamente a caminho e deixarem para trás o mundo melancólico do grande entroncamento ferroviário.

O comboio avançou veloz através da Flórida, de florestas e pântanos, desolados e infestados de barbinos, e quilômetros e quilômetros de laranjais.

Em todo o centro do Estado, o barbino dos charcos emprestava uma aparência entorpecida, espectral, à paisagem. Até mesmo os humildes povoados à margem da estrada tinham uma fisionomia cinzenta, esquelética, com suas casas de madeira muradas e estorricadas. Somente os bosques de laranjeiras carregadas de frutos pareciam verdes e vivos. Tudo o mais dava a impressão de ter sido crestado e ressequido pelo calor.

Contemplando a mataria seca, silenciosa e lúgubre, Bond julgou que nela só poderiam viver morcegos, escorpiões, lagartos e aranhas venenosas.

Quando acabaram de almoçar, o trem começou a correr ao longo do Golfo do México, ladeando manguezais e renques de palmeiras, mótéis e acampamentos de caravanas. Bond captou o aroma da outra Flórida, a Flórida descrita nos cartazes de publicidade, a pátria da "Miss Flor de Laranjeira 1954".

Saltaram do trem em Clearwater, a última parada antes de São Petersburgo. Bond pegou um táxi e deu o endereço da Ilha do Tesouro, a

meia hora de automóvel. Eram duas horas, e o Sol ardia num céu sem nuvens. Solitaire insistiu em tirar o chapéu e o véu. — Está grudando na pele — disse ela. E acho que aqui não há ninguém que me tenha visto antes.

Um negro reforçado, da cara marcada de bexiga, parou seu táxi no mesmo instante em que o deles freava no cruzamento de Park Street e Central Avenue, a avenida que leva à estrada da Ilha do Tesouro, no outro lado das águas rasas da Baía Boca Ciega.

Quando o negro avistou o perfil de Solitaire ficou boquiaberto. Parou o carro no meio-fio e entrou numa farmácia. Ligou para um número em São Petersburgo.

— Aqui é Poxxy — disse êle apressado ao bocal do fone. — Chama aí o Robber, e despressa. Robber? Escuta, acho que o Big Man tá na cidade. O quê? Você falou com êle agora mesmo em Nova York? Mas eu agorinha mesmo vi a garota dele num táxi de Clearwater, um da Stassen. Ia pegar a estrada. No duro. Tenho certeza. Juro. Não ia deixar de reconhecer uma dona boa como ela. Com um sujeito de roupa azul e chapéu cinzento. É. Acho que uma cicatriz na cara. O que é que você me diz? Sigo os dois? Não é possível que se o Big Man estivesse na cidade você deixasse de me dizer. É. Acho melhor verificar direitinho. Deixe comigo. Tá bem. Tá bem. Vou pegar o táxi quando êle voltar, ou então em Clearwater. Tá certo. Tá certo. Não precisa perder a calma. Não fiz nada errado.

O homem chamado Robber estava em comunicação com Nova York cinco minutos depois. Fora avisado a respeito de Bond, mas não podia compreender o que fazia Solitaire nessa história. Quando acabou de falar com o Big Man ainda não compreendia, mas as instruções que recebeu foram bastante claras.

Desligou e sentou-se um instante, tamborilando na escrivaninha. Dez mil pelo serviço. Ia precisar de dois homens. Isso deixaria oito mil para si. Lambeu os beiços e ligou para um salão de sinuca num bar do centro de Tampa.

Bond pagou o táxi em Everglades, um conjunto de chalés de madeira nua, amarela e branca, espalhados pelos três lados de um relvado que desembocava, cinqüenta metros adiante, numa praia branca e depois no mar. Dali, descortinava-se todo o Golfo do México, tranqüilo como um espelho, até à fusão no horizonte do vapor da água com o céu transparente.

Depois de Londres, depois de Nova York, depois de Jacksonville, a transição era brusca demais.

Bond enveredou por uma porta com o letreiro "Escritório", tendo nos calcanhares Solitaire, com ar recatado. Tocou uma campainha onde se lia: "Mrs. Stuyvesant, Superintendente", e uma mulherzinha nanica, magra e de cabelo azulado apareceu com um sorriso nos lábios finos:

— Sim?

— Mr. Leiter?

— Ah sim, o senhor é Mr. Bryce. Cabana Número Um, perto da praia. Mr. Leiter está à sua espera desde a hora do almoço. E. . .? — ela assinalou Solitaire com o "pincez-nez".

— Mrs. Bryce — disse Bond.

— Ah sim — disse Mrs. Stuyvesant, pronta para duvidar. — Tenha a bondade de assinar o livro de registro. Creio que o senhor e Mrs. Bryce estão ansiosos pra repousar depois da viagem. Endereço completo, por favor. Obrigada.

Ela os conduziu para fora e depois por uma calçada de cimento até ao último chalé da esquerda. Bateu na porta e Leiter apareceu. Bond esperava uma recepção calorosa, mas Leiter deu a impressão de cambalear ao vê-lo. Escancarou a boca, e seu cabelo côr de palha, ainda ligeiramente negro na raiz, parecia um monte de feno.

— Acho que ainda não lhe apresentei minha mulher — disse Bond.

— É, não. . . Ah, quero dizer, sim. Muito prazer.

A situação estava acima de suas forças. Esquecendo Solitaire, êle praticamente arrastou Bond para dentro. No último instante, lembrou-se da moça, agarrou-a com a outra mão e puxou-a para dentro também, fechando a porta com o calcanhar, de modo que a frase de Mrs. Stuyvesant "Desejo-lhes uma estada..." foi guilhotinada antes do "agradável".

Uma vez dentro de casa, Leiter ainda não sabia o que fazer. De pé, estatelado, olhava espantado de um lado para outro.

Bond arriou a maleta no soalho da saleta. Havia duas portas. Abriu a da direita e segurou-a para que Solitaire passasse. Era uma pequena sala de estar, da largura do chalé, e que dava para o mar. O mobiliário era simples e atraente: cadeiras de bambu, para praia, com almofadas de espuma de borracha, revestidas de chitão estampado de hibisco vermelho e verde. Esteiras de palma cobriam o soalho. As paredes estavam pintadas de azul claro, e no centro de cada uma via-se um cromo de flores tropicais

numa moldura de bambu. Havia uma mesa grande, de bambu, em forma de tambor, com tampo de vidro, sobre o qual estavam um jarro de flores e um telefone branco. Janelas largas davam para o mar, e à direita delas uma porta abria para a praia. Persianas brancas de plástico, à meia altura das janelas, cortavam o revérbero da areia.

Bond e Solitaire sentaram-se. Bond acendeu um cigarro e atirou o maço e o isqueiro em cima da mesa.

O telefone tocou. Leiter saiu do transe, deixou a porta e pegou o aparelho.

— É êle quem fala — disse êle. — Pois não. Tenenete? Está aqui. Chegou agora mesmo. Não, inteirinho da silva. — Ficou à escuta um momento, depois virou-se para Bond. — Onde você saltou do Fantasma? — perguntou. Bond lhe disse. — Jacksonville — disse Leiter ao telefone. — Sim, direi. Certo. Vou me informar dos detalhes e depois ligo pra aí. O senhor se encarrega de chamar a Seção de Homicídios? Ótimo, eu lhe agradeço. E Nova York. Muito obrigado, Tenente. Orlando 9000. Certo. Obrigado mais uma vez. — Colocou o aparelho no gancho, enxugou o suor da testa e sentou-se diante de Bond. Depois olhou para Solitaire e sorriu como a pedir desculpas.

— Você é Solitaire — disse êle. — Desculpe a recepção um pouco violenta. O dia hoje foi puxado. Pela segunda vez em vinte e quatro horas eu pensei que não ia rever esse cara nunca mais. — Tornou a voltar-se para Bond. — Então, posso tocar pra frente? — perguntou.

— Pode — disse Bond. — Solitaire está do nosso lado agora.

— Ótimo — continuou Leiter. — Você não leu jornal nem ouviu rádio. Então vou-lhe dar só as manchetes. Fizeram o trem parar logo depois de Jacksonville, entre Waldo e Ocala. Metralharam e bombardearam a cabina de vocês, que ficou reduzida a pó. Mataram o cabineiro do Pullman, que estava no corredor, na ocasião. Foi a única vítima. Então começou a balbúrdia. Quem fez isso? Quem é Mr. Bryce e quem é Mrs. Bryce? Onde estão eles? Naturalmente a gente pensou que você tinha sido raptado. A polícia de Orlando está encarregada das diligências. Investigou as reservas feitas em Nova York e descobriu que o FBI as tinha feito. E todo mundo caiu em cima de mim, numa avalanche. E eis que você me aparece de braço com uma linda moça, com o ar mais feliz desse mundo.

Leiter deu uma gargalhada:

— Você devia ter ouvido Washington um minuto atrás. Qualquer



pessoa pensaria que fui eu quem metralhou aquele trem.

Tirou um cigarro de Bond e acendeu.

— Bom — disse êle. — Aí está o resumo. O capítulo das balas eu contarei depois que você me contar a sua parte. Pode falar.

Bond narrou o que acontecera desde o telefonema de Leiter para o Hotel St. Regis. Quando chegou à noite passada no trem, tirou do bolso o pedaço de papel e atirou-a em cima da mesa.

Leiter deu um assovio.

— Vodú — disse êle. — Isso era para ser encontrado no cadáver, supponho. Assassinato ritual, cometido pelos amigos dos homens que você liquidou no Harlem. Assim devia parecer. Eliminaría qualquer suspeita sobre o Big Man. Eles examinam todos os ângulos. Não tenha dúvida. Chegaremos depois àquele sujeito que eles botaram no trem, provavelmente entre o pessoal do carro-restaurant. Deve ter sido êle o homem que descobriu a sua cabina. Acabe de contar. Depois eu lhe direi como é que êle agiu.

— Deixe-me ver — disse Solitaire, e estendeu o braço para apanhar o papel.

Sim — disse ela calmamente, — É um *ouanga*, um talismã vodú. É a invocação à Feiticeira do Tambor. é usado na África pelos Achantis, quando querem matar alguém. Usam uma coisa parecida com essa lá no Haiti. — Devolveu o papel a Bond — Foi uma sorte você não ter me falado nisso — disse ela. — Eu ainda estaria histérica.

— Não dei muita atenção — disse Bond. Mas sabia que significava algo ruim. Felizmente saltamos em Jacksonville. Pobre Baldwin! Devemos muito a êle.

E terminou de contar o resto da viagem.

— Alguém viu quando vocês desceram do trem? — perguntou Leiter.

— Acho que não — respondeu Bond. — Mas o melhor é ocultarmos Solitaire até que possamos tirá-la daqui. Penso que devemos embarcá-la amanhã de avião para a Jamaica. Lá eu tenho quem possa cuidar dela até à nossa chegada.

— Está bem — concordou Leiter. — Fretamos um avião em Tampa, e amanhã, na hora do almoço, ela está em Miami e pode tomar um da KLM ou Pan American e chegar à Jamaica amanhã mesmo, na hora do jantar. Hoje já está muito tarde para fazer qualquer coisa.

— Está bem assim, Solitaire? — Bond perguntou.

A moça estava olhando pela janela, com o olhar distante que Bond já vira antes.

De repente ela estremeceu. Seus olhos encararam Bond. Estirou a mão e tocou na manga da roupa dele.

— Sim — disse ela. Hesitou. — Sim, acho que está.

## A MORTE DE UM PELICANO

Solitaire ergueu-se.

— Vou-me arrumar um pouco — disse ela. — Vocês dois devem ter muito que conversar.

— Ah, desculpa — disse Leiter, dando um pulo da cadeira. — Que cabeça a minha! Você deve estar exausta. Creio que é melhor ficar com o quarto de James. Ele pode ficar no meu.

Solitaire acompanhou-o até à saleta, e Bond ouviu Leiter explicar a distribuição das acomodações.

Pouco depois Leiter estava de volta com uma garrafa de Haig and Haig e gelo.

— Ia esquecendo meu papel de anfitrião — disse êle. — Acho que a gente pode tomar uma lapadinha, não? Junto do banheiro tem um armário, que eu entupi de coisas que a gente pode precisar.

Foi buscar soda, e ambos tomaram um trago.

— Me conta os detalhes agora — disse Bond, refestelando-se na cadeira. — O troço foi pra valer mesmo, não é?

— No duro — concordou Leiter. — Só que não houve muitos cadáveres.

Colocou os pés em cima da mesa e acendeu um cigarro.

— O Fantasma deixou Jacksonville às cinco, mais ou menos — começou êle. — Chegou a Waldo por volta das seis. Logo depois de sair de Waldo, e aqui entram as minhas conjecturas, o agente de Mr. Big vai ao teu vagão, entra na cabina junto da tua e pendura uma toalha entre o estore e a janela. Isso queria dizer. . . e êle deve ter dado uma porção de telefonemas pelas estações por onde ia passando.. . queria dizer "a janela à direita dessa toalha é a tal". O trecho de estrada entre Waldo e Ocala é comprido e reto — continuou Leiter, — e corre entre matas e pântanos. A rodovia estadual acompanha a estrada de ferro. Vinte minutos depois de Waldo, soa o sinal de alarma da locomotiva. O maquinista reduz a velocidade a quarenta. Outro alarma. Mais outro. Três. Emergência! Pára de vez! O maquinista pára sem saber o que diabo é que está havendo. Olha para os trilhos. Tudo em ordem. Sinal verde. Nada à vista. São mais ou menos seis e quinze e o dia está clareando. Parado na rodagem, na altura do meio do trem, um carro velho, caindo aos pedaços — Bond franziu a testa — roubado — explicou Leiter. — Cinzendo, devia ter sido um Buick. Faróis apagados, motor em funcionamento. Saltam três homens. Negros, talvez. Caminham ombro a ombro, sem pressa, pelo gramado que separa a rodovia da estrada de ferro. Os dois das pontas carregam metralhadoras portáteis. O do centro traz um troço na mão. Param a vinte metros do vagão 245. Os caras da metralhadora dão uma bisnagada dupla na tua janela. Está feito o furo para a granada. O do meio atira a granada e os três correm para o carro. Dois segundos pra explodir. O tempo que eles precisam pra chegar no carro. Bum! Fricassê da cabina H, Fricassê do casal Bryce, provavelmente. Na realidade, fricassê do teu Baldwin, que está no corredor, vai saltar e se esconde, quando vê os homens se aproximando do vagão. Nenhuma outra vítima. Só corre-corre, berreiro histérico de um canto a outro do trem. O vagão cai depressa do limpo, onde ainda está e sem dúvida ficará para sempre. Pausa, misturada de gritos, trombadas de gente que corre pra cima e pra baixo. O trem consegue claudicar até Ocala. Desengata o vagão 245 e recebe permissão para continuar a viagem três horas depois. Cena Segunda: O pobre Leiter, sozinho em seu chalé, pensa em seu amigo James, esperando nunca ter dito uma palavra que pudesse ofendê-lo, e pergunta a si mesmo que tipo de guisado Mr. Hoover vai fazer de Mr. Leiter para o jantar desta noite. Acabou, pessoal.

Bond deu uma risada.

— Puxa! Que organização! — disse êle. — Estou convencido de que

a esta altura já está tudo devidamente arranjado e cada um tem o álibi na ponta da língua. Que homem! Êle certamente tem o controle deste país. Felizmente a gente não tem de topiar com êle na Inglaterra. Não é homem pra ser enfrentado à base de cassetete. Bom — concluiu — esta já é a terceira vez que eu consigo sair ileso. Mas a coisa está começando a esquentar mesmo!

— É — disse Leiter pensativo. — Antes de você chegar aqui era possível contar os equívocos de Mr. Big só no polegar. Agora êle já cometeu três sucessivos. Não deve estar gostando disso. A gente vai ter de mandar brasa enquanto êle está zonzo, e depois cair fora. Vou-lhe dizer o que estou pensando. Não há dúvida de que o ouro entra nos Estados Unidos por esta cidade. Temos seguido o Secatur uma porção de vezes, e descobrimos que êle vem direto da Jamaica para São Petersburgo e atraca naquele armazém da. . . Rubberus, ou. . . sei lá como se chama!

— Qurobouros — disse Bond. — O Grande Verme da mitologia. Bom nome para um estabelecimento de iscas de pesca.

Súbito uma idéia lhe veio à mente. Bateu com a mão espalmada no vidro da mesa.

— Felix! Está na cara. Ourobouros. . . Robber. . . Percebe? O homem de Mr. Big aqui em São Petersburgo. Deve ser uma coisa só.

O rosto de Leiter se iluminou.

— Valha-me Deus! — exclamou. — E é mesmo. O grego, que é tido como dono, o homem de Tarpon Springs que figura nos relatórios que Binswanger nos mostrou em Nova York, deve ser só uma figura decorativa. Vai ver que êle nem sabe do embuste. Temos é de ir atrás do gerente da firma aqui. Esse tal de Robber. Êle é que é. . .

Leiter deu um salto da cadeira.

— Vamos. Ponha-se em movimento. Vamos até lá dar uma olhada no local. Eu ia sugerir isso de qualquer maneira, uma vez que é lá que o Secatur sempre atraca. Está em Cuba agora, aliás — acrescentou. — Saiu daqui há uma semana. O pessoal faz uma vistoria bem feita quando êle chega e quando sai. Nunca encontra nada, é claro. Pensaram até que tinha uma quilha falsa e quase que o destruíram. Teve de ir pro estaleiro. E neca! Não encontraram nada. Nem sombra de muamba. Muito menos uma saca de moedas de ouro. Mas de qualquer forma vale a pena a gente farejar aquilo por lá. Ver se topa com o nosso amigo Robber. Eu vou ter de telefonar pra Orlando e Washington e contar o que a gente sabe. Devem

andar à procura do capanga que Mr. Big tinha no trem. Talvez seja muito tarde, agora. Enquanto isso, você vai ver se Solitaire está bem e diz a ela que não dê um passo antes de nós voltarmos. Acho até que é melhor trancá-la no quarto. Vamos levá-la pra jantar em Tampa, no melhor restaurante de toda a costa, Las Novedades, cubano. No caminho paramos no aeroporto e marcaremos o voo dela para amanhã.

Leiter levantou o fone do gancho e pediu longa distância. Bond saiu da sala.

Dez minutos depois estavam a caminho.

Solitaire não tinha querido ficar em casa e se agarrara ao pescoço de Bond.

— Eu quero sair daqui — disse ela, assustada. — Estou com um pressentimento... — não terminou a frase. Bond beijou-a.

— Acalme-se — disse êle. — Dentro de uma hora, mais ou menos, estaremos de volta. Nada pode lhe acontecer aqui. Depois, eu não me separarei mais de você até que tome o avião. Podemos até passar a noite em Tampa e embarcá-la no primeiro voo.

— Ah, faça isso, por favor — disse ela com ansiedade. — Eu queria que fosse assim. Estou apavorada aqui. Me sinto em perigo. Não pense que estou histérica. — Beijou-o. — Vá. Pode ir. Eu só queria mesmo ver você. E volte logo.

Leiter tinha chamado, e Bond fechou a porta com a chave.

Seguiu Leiter até ao carro estacionado na estrada arborizada. Sentia-se ligeiramente inquieto. Não podia conceber que acontecesse algum mal à moça, num lugar aprazível e calmo como aquele, nem que o Big Man soubesse da presença dela em Everglades, que era apenas um entre centenas de balneários do mesmo tipo na Ilha do Tesouro. Mas êle respeitava o extraordinário poder das intuições da moça, e o ataque de nervos que ela ensaiava deixou-o apreensivo.

A visão do carro de Leiter afugentou-lhe as preocupações.

Bond apreciava os carros velozes e gostava de dirigi-los. Detestava a maioria dos carros americanos. Eles careciam de personalidade e de pátina da perícia individual que distingue os carros europeus. Não passavam de "veículos", análogos na forma, na cor e até mesmo no som das buzinas. Produzidos para serem usados um ano e depois dados como entrada de pagamento pelo modelo do ano seguinte. Todo o encanto de dirigir tinha sido suprimido deles com a abolição da mudança mecânica

e as inovações na direção e na suspensão. Todo o esforço fora eliminado, bem como aquele íntimo contato com a máquina e a estrada, que infunde destreza e sangue frio ao volante europeu. Para Bond os carros americanos não eram mais do que confortáveis escaravinhos de metal em que se podia viajar com uma das mãos na direção, o rádio ligado a todo o volume e as janelas fechadas para evitar as correntes de ar.

Mas Leiter arranjara um velho Cord, dos poucos carros americanos de personalidade, e Bond criou ânimo novo ao pular para dentro do automóvel, ouvir a sólida dentada na caixa de mudança e o som viril do grosso cano de escape. Deve ter mais de quinze anos, pensou Bond, e no entanto é ainda um dos carros de aspecto mais moderno que se pode imaginar.

Seguiram pela estrada, margeando a vasta extensão de água tranqüila, que separa os trinta quilômetros da estreita ilhota da grande península que se esparrama por São Petersburgo e seus subúrbios.

Já quando eles subiam a Central Avenue, em marcha lenta através da cidade, e buscavam Yatch Basin, o porto principal e os grandes hotéis, Bond surpreendeu um nadinha da atmosfera que faz da localidade o "Lar da Velhice" na América. Nos passeios toda a gente tinha cabelos brancos, brancos ou azuis, e os famosos "sofás de calçada", de que falara Solitaire, estavam apinhados de velhos, sentados em filas como os estorninhos de Trafalgar Square.

Bond reparou nas bocas miúdas e resmungonas das mulheres, em seus reverberantes pince-nez; nos peitos sumidos e nos braços finos dos homens, expostos ao sol em camisas leves de mangas curtas; nos fofos e ralos tufo de cabelos das mulheres, deixando entrever crânios rosados; nas calvas ossudas e luzidias dos homens. E, por toda parte, a tagarelice amável, o diz-que-diz das notícias e boatos, o ajuste de encontros para as marelas e o bridge, a circulação de cartas dos filhos e netos, a queixa dos preços cobrados nas lojas e nos hotéis.

Não se precisava estar no meio deles para ouvir tudo isso. Adivinhava-se pelos cabeceios e cochichos, pelo alvoroço dos tufo azulados, pelas pancadinhas nas costas e pelo riso abafado dos velhinhos carecas.

— Dá até vontade de pular pra dentro da cova e se cobrir com a tampa — disse Leiter ante as exclamações de horror proferidas por Bond. — Você vai ver uma coisa quando a gente saltar e andar no meio deles. Quando virem a sua sombra atrás deles na calçada vão dar um salto de lado, pensando que é o chefe da seção inspecionando-os por cima do

ombro. Isso me lembra o bancário que chegou em casa inesperadamente ao meio-dia e encontrou a mulher deitada com o presidente do banco. Voltou para o trabalho, e quando terminou de contar a história aos colegas, disse: "Puxa, companheiros! Quase que êle me via!"

Bond deu uma gargalhada.

— Pode-se até ouvir nos bolsos deles o tique-taque dos relógios de ouro que ganharam de presente pelos bons serviços prestados — disse Leiter. — O que não falta aqui é agente funerário, e as casas de penhores estão abarrotadas de relógios de ouro, anéis maçônicos, moedinhas e medalhões. Você vai vê-los no restaurante da Tia Milly, aos bandos, resmungando em cima do picadinho de carne e das panquecas. Mas nem tudo é velhice aqui. Repare aquele anúncio lá adiante — e apontou para um cartaz enorme num terreno baldio.

Era um anúncio de roupas para gestantes, STUTZHEIMER & BLOCK, dizia o letreiro: NOVIDADES PARA AS FUTURAS MAMÃES! ANTES E DEPOIS! ROUPAS PARA BEBÊS (1-4) E PIMPOLHOS (4-8).

Bond deu um gemido.

— Vamos embora daqui — disse êle. — O dever nos chama.

Chegaram ao porto e dobraram à direita até irem dar no posto de amerissagem dos hidroaviões e no quartel da Guarda Costeira. As ruas estavam livres das multidões de velhos e a paisagem era igual à de todas as zonas portuárias — ancoradouros, armazéns, fornecedores de provisões para navios, alguns barcos com as quilhas para o ar, redes secando ao sol, gaivotas gritando, o cheiro ligeiramente fétido das águas da baía. Depois do imenso ossuário da cidade, a tabuleta na porta da garagem — DIRIJA VOCÊ MESMO, PAT GRADY, O IRLANDÊS SORRIDENTE, CARROS USADOS — era um lembrete animador de um mundo mais vivo e atarefado.

— É melhor saltar e ir andando — disse Leiter. — O negócio de Robber fica no próximo quarteirão.

Deixaram o carro à beira do cais e saíram a passo lento. Depois de um armazém de madeira com alguns depósitos de petróleo, entraram à esquerda em direção ao mar.

A travessa terminava num pequeno quebra-mar de madeira, curtido pelo tempo, que avançava alguns metros sobre a água, montado em estacas. Exatamente diante de seu portão aberto havia um comprido e baixo armazém construído com chapa corrugada. Acima da porta de folhas duplas via-se um letreiro pintado com letras pretas sobre fundo



branco: OUROBOUROS, INC. NEGOCIANTES DE ISCAS, CORAIS, CONCHAS, PEIXES TROPICAIS, ATACADISTAS. Numa das folhas da porta havia uma portinha com uma reluzente fechadura Yale. Na portinha o aviso: PROIBIDA A ENTRADA.

Um homem, sentado num tamborete, apoiava as costas recurvadas na portinha. Limpava um rifle que Bond julgou ser um Remington, calibre 30. Tinha um palito enfiado na boca e um boné de beisebol no cocuruto. Usava uma camiseta branca encardida, que deixava à mostra alguns pêlos pretos dos sovacos, calças brancas de lona e sapatos de tênis. Devia andar pelos quarenta, e o rosto era tão cheio de rugas e marcas como os postes de amarração do quebra-mar; rosto estreito, de lábios finos, exangues. A pele tinha a côr de rapé, uma espécie de bege queimado. Parecia cruel e frio, como o homem mau dos filmes sobre jogadores de pôquer e minas de ouro.

Bond e Leiter passaram por êle e foram até ao cais. O homem não levantou a vista do rifle, mas Bond tinha certeza de que êle os seguia com os olhos.

— Se esse não é o tal Robber — disse Leiter — é um parente consanguíneo.

Um pelicano, cinzento da cabeça amarela, estava acomodado num dos postes de amarração na extremidade do quebra-mar. Deixou que os dois homens se aproximassem e depois, com certa relutância, bateu pesadamente as asas e voou, planando baixo sobre as águas. Os homens pararam e puseram-se a contemplar suas lentas evoluções pouco acima da superfície. De repente, êle pareceu despencar, com o longo bico serpenteado à frente do corpo. Quando subiu de novo, vinha pinçando um peixinho, que engoliu amuado. Continuou a pescar e a voar contra o Sol, projetando sua sombra enorme sobre o mar. Quando Bond e Leiter afastaram-se do quebra-mar, o pássaro abandonou a pescaria e deslizou de volta para seu poste. Encarapitou-se com estardalhaço e retomou suas meditações em torno da tarde que caía.

O homem continuava curvado sobre a arma, esfregando o mecanismo com um trapo embebido em óleo.

— Boa-tarde — disse Leiter. — É você o encarregado desse ancoradouro?

— Sou — respondeu o homem sem erguer os olhos.

— Estou vendo se haveria possibilidade de amarrar meu barco

aqui. A baía está cheia.

— Não.

Leiter puxou a carteira de cédulas:

— Vinte ajuda alguma coisa?

— Não.

O homem arrancou um pigarro estrondoso do fundo da garganta e deu uma cusparada entre Bond e Leiter.

— Êi mestre! — disse Leiter. — Que é que há com suas maneiras?

O homem pensou um pouco, depois levantou os olhos para encarar Leiter, olhos miúdos, juntos, cruéis como os de um dentista.

— Qual é o nome de seu barco?

— Sybil — respondeu Leiter.

— Nunca vi aqui nenhum barco com esse nome — disse o homem e, com um estalo na culatra, fechou o rifle que displicentemente continuava em seu colo, apontando para a passagem de acesso ao armazém.

— Então você é cego — disse Leiter. — Passou aqui uma semana. Vinte metros de comprimento, motor Diesel, duas hélices. Todo branco com toldo verde. Equipado para pesca.

O rifle começou a mover-se devagar, traçando um arco. A mão esquerda do homem estava no gatilho, e a direita, diante do guarda-mato, girava a arma.

Bond e Leiter ficaram imóveis.

O homem olhava preguiçosamente para a culatra, o tamborete apoiado na portinha.

A arma continuou a girar vagarosamente, apontando primeiro para a barriga de Leiter, depois para a de Bond. Os dois homens pareciam estátuas e não se arriscavam a mover as mãos. A arma parou de girar. Inclinou-se ligeiramente para baixo, o cano voltado para o quebra-mar. Robber levantou a vista um instante, apertou os olhos e puxou o gatilho. O pelicano deu um grasnido débil, e ouviu-se quando bateu na água. O tiro ribombou em toda a extensão do porto.

— Pra que diabo fêz isso? — perguntou Bond tomado de fúria.

— Prática — disse o homem, lançando outra bala na câmara.

— Deve haver na cidade um escritório da Sociedade Protetora dos Animais — disse Leiter. — Vamos denunciar esse sujeito.

— Quer ser processado por invasão? — perguntou Robber, erguendo-se sem pressa e segurando a arma debaixo do braço. — Isto aqui é

propriedade privada. Agora — bradou com violência — dêem o fora daqui. — Virou-se e deu um pontapé no tamborete, abriu a porta com uma chave e passou um pé para dentro. — Vocês estão armados — continuou. — Conheço pelo cheiro. Voltem aqui de novo, e eu faço com vocês o que fiz com o pelicano. E direi que foi em defesa própria. Chega de tanto tira nojento metendo o focinho nos meus negócios. Sybil uma ova!

Voltou-se com desprezo e bateu a porta, fazendo estremecer a armação de ferro.

Os dois homens trocaram um olhar. Leiter fez um ar de riso contrafeito e deu de ombro.

— Primeiro assalto, vitória de Robber — disse êle.

Afastaram-se, descendo a travessa empoeirada. O Sol ia desaparecendo, e o mar parecia um lago de sangue. Quando chegaram à rua principal, Bond olhou para trás. Uma grande lâmpada fluorescente tinha-se acendido sobre a porta, e a passagem para o armazém estava riscada de sombras.

— Inútil tentar qualquer coisa pela frente — disse Bond.

— Mas nunca houve armazém que tivesse só uma entrada.

— Era o que eu estava pensando — disse Leiter. — Vamos deixar a outra para o segundo assalto.

Entraram no carro e voltaram lentamente para casa, seguindo a Central Avenue.

Durante o trajeto Leiter fez uma série de perguntas acerca de Solitaire e, no fim, comentou com displicência:

— Aliás, espero que o arranjo das acomodações tenha sido de seu agrado.

— Não podia ter sido melhor — disse Bond jovialmente.

— Ótimo — disse Leiter. — Só que me lembrei agora de que vocês dois talvez estejam. . . digamos "in love".

— Vê-se que você está em dia com o vocabulário dos colunistas sociais — disse Bond.

— Não se esqueça — disse Leiter — de que as paredes desses charlés são fininhas. Eu uso orelha pra ouvir. . . não para guardar marca de batom.

Bond meteu a mão no bolso à procura de um lenço.

Leiter viu-o esfregar o ouvido.

— Que está fazendo? — perguntou com ar inocente. — Não me

passou pela cabeça sugerir que o vermelho de sua orelha não fosse natural. Entretanto. . .

Esquivou-se a uma ameaça de murro de Bond e ambos caíram na gargalhada. Ainda estavam rindo quando chegaram a Everglades. A sombria Mrs. Stuyvesant saudou-os no meio do gramado.

— Queira me desculpar, Mr. Leiter — disse ela. — Mas não permitimos música aqui. Não é possível perturbar a qualquer hora o repouso dos outros hóspedes.

Os dois homens olharam-na com espanto.

— Perdão, Mrs. Stuyvesant — disse Leiter. — Não estou entendendo o que a senhora quer dizer.

— Aquela radiola imensa que o senhor mandou trazer — respondeu Mrs. Stuyvesant. — Os homens mal puderam passar com ela pela porta.

"ÊLE NÃO SE DEU BEM  
COM ALGO QUE O COMEU"

A moça não chegara a opor muita resistência. Quando Leiter e Bond, deixando a superintendente de boca aberta no gramado, correram para o chalé, notaram que o quarto não estava desarrumado e as roupas da cama não mostravam sinais de luta.

Tinham forçado a fechadura com a torção rápida de um pé de cabra, e depois os dois homens deviam ter-se dado apenas ao trabalho de exhibir os revólveres.

— Vamos depressa, madame. Vista a roupa. Tente qualquer gesto em falso e não sairá daqui com vida.

Depois deviam tê-la amordaçado ou golpeado e colocado inconsciente dentro da caixa. Havia marcas de pneu atrás do chalé, onde o caminhão tinha estacionado. Uma radiola enorme e antiquada quase bloqueava a saleta. De segunda-mão, devia ter custado menos de cinquenta dólares.

Bond podia ver a expressão de terror desvairado no rosto de Solitaire, como se ela estivesse ali, diante dele. Incriminou-se com amargura por tê-la deixado sozinha. Era inconcebível como ela tinha sido descoberta com tanta rapidez. Era, sem dúvida, outro exemplo do funcionamento

perfeito da máquina de Mr. Big.

Leiter estava falando pelo telefone com os escritórios do FBI em Tampa. — Aeroportos, estações de trem, rodovias — dizia êle. — Vocês receberão instruções severas de Washington logo que eu falar com o pessoal de lá. Garanto que esse caso terá prioridade sobre todos os outros. Muito grato. Gratíssimo. Estarei por perto. Está bem.

Desligou.

— Ainda bem que eles estão dispostos a cooperar — disse êle a Bond, que estava de pé, fitando perplexo o mar. — Vão designar dois homens para dar uma batida por aí e espalhar uma rede tão ampla quanto fôr possível. Enquanto eu me comunico com Washington e Nova York, trate de conversar com aquele traste velho e ver se consegue informação segura sobre a hora em que estiveram aqui, o aspecto deles etc. É bom dizer a ela que foi roubo e que Solitaire pirou com os homens. Ela entenderá. E isso manterá a coisa no nível dos crimes comuns dos hotéis. Diga que a polícia já foi avisada e que a gente não vai responsabilizar Everglades. Ela desejará evitar um escândalo, e você diz que a gente também quer evitar.

Bond aprovou com a cabeça. "Pirou com os homens?" Isso era possível também. Mas êle, de certa forma, não acreditava nisso. Voltou ao quarto de Solitaire e esquadrinhou-o minuciosamente. Ainda conservava o perfume dela, o Vent Vert que o fêz recordar a viagem que tinham feito juntos. O chapéu e o véu estavam no armário e os poucos artigos de toalete continuavam na prateleira do banheiro. Logo encontrou a bolsa e compreendeu que agira corretamente ao ter confiado nela. Estava debaixo da cama, e êle visualizou Solitaire dando um pontapé na bolsa quando se ergueu sob a mira dos homens armados. Esvaziou-a sobre a cama e apalpou o forro. Depois tirou um canivete do bolso e cautelosamente cortou a costura. Recolheu os cinco mil dólares e enfiou-os na carteira. Estavam a salvo em seu poder. Se Mr. Big a assassinasse, êle os gastaria na tarefa de vingá-la. Recompôs o forro rasgado o melhor que pôde, meteu de novo na bolsa os outros objetos que havia tirado e com o pé tornou a colocá-la debaixo da cama. Depois dirigiu-se ao escritório.

Eram oito horas quando concluíram o que tinham de fazer. Tomaram um trago juntos e depois foram para o refeitório central, onde os outros hóspedes estavam acabando de jantar. Todos lançaram um olhar de curiosidade, em que havia um pouco de temor, na direção deles. Afinal, que vinham fazer esses dois rapazes turbulentos nesse lugar? Onde estava

a mulher que viera com eles? E era mulher de qual dos dois? Que queria dizer toda aquela movimentação à noitinha? Coitada de Mrs. Stuyvesant, andando de um lado para outro tão perturbada. E não sabiam por acaso que o jantar era às sete horas? O pessoal da cozinha já devia estar indo embora. Era bem feito terem agora comida fria. Deve-se ter consideração pelos outros, que diabo! Mrs. Stuyvesant havia dito que achava que eles eram gente do Governo e que vinham de Washington. Sim, mas o que significava isso?

A opinião geral é que eles eram indesejáveis e não constituíam honra alguma para a clientela cuidadosamente selecionada de Everglades.

Bond e Leiter foram conduzidos a uma mesa localizada perto da porta de serviço. O cardápio era uma enfiada de inglês empolado e francês macarrônico. Ao cabo de contas vinha dar em suco de tomate, peixe cozido com molho branco, uma fatia de peru gelado com um salpico de oxicoco e salada azeda com uma capa de creme espesso por cima. Puseram-se a mascar sombriamente enquanto o salão se esvaziava de seus velhos casais e as lâmpadas das mesas apagavam-se uma a uma. Um lavabo de mesa, em que flutuava uma pétala de hibisco, deu o gracioso toque final à refeição deles.

Bond comeu em silêncio, e ao terminarem Leiter fez um esforço decidido para ser alegre.

— Vamos nos embriagar — disse êle. — Esse é o fim melancólico de um dia azarado. Ou você prefere ir ao bingo dos velhos? Descobri que vai haver um bingo hoje de noite no "quarto das crianças".

Regressaram à sala de estar do chalé e lá ficaram algum tempo bebendo e contemplando desalentados a escuridão interminável do Golfo, além das areias alvas sob a luz da Lua.

Quando Bond tinha bebido o suficiente para afogar seus pensamentos, disse boa-noite e retirou-se para o quarto de Solitaire, que êle agora tomara para si. Meteu-se entre os lençóis onde o cáldo corpo dela estivera e, antes de adormecer, tinha chegado a uma decisão. Iria procurar Robber assim que o dia clareasse e forçá-lo-ia a dizer a verdade. Estivera demasiadamente preocupado para discutir o caso com Leiter, mas estava convencido de que Robber desempenhara importante papel no rapto de Solitaire. Pensou nos olhinhos cruéis e nos lábios exangues e finos do homem. Depois, pensou no pescoço esquelético, que se esticava como o de uma tartaruga pela abertura da camiseta suja. Debaixo dos

lençóis, os músculos de seus braços se retesaram. Depois, tendo tomado uma decisão, relaxou o corpo e adormeceu.

Dormiu até às oito. Quando viu a hora no relógio, soltou uma imprecisão. Foi ao chuveiro, tomou um banho rápido, primeiro com água bem quente e depois com água bem fria. Amarrou uma toalha na cintura e entrou no quarto de Leiter. As lâminas das persianas estavam ainda abaixadas, mas a luz era suficiente para mostrar que nenhuma das duas camas fora ocupada.

Sorriu, pensando que Leiter poderia ter dado conta da garrafa de uísque e caído no sono no sofá da sala de estar. Foi olhar. A sala estava vazia. A garrafa de uísque, contendo ainda metade do líquido, estava em cima da mesa, e uma pilha de pontas de cigarros enchia o cinzeiro até às bordas.

Bond levantou as persianas e abriu a janela. Contemplou alguns momentos a claridade e a beleza da manhã, depois voltou para o quarto.

Viu então o envelope, numa cadeira diante da porta pela qual tinha passado. Apanhou-o. Continha uma notinha escrita a lápis.

*Comecei a pensar e perdi o sono. São quase cinco horas. Vou visitar o armazém de isca. Como sempre madrugador. Suspeito que o nosso campeão de tiro estava sentado lá enquanto S. era raptada, como se soubesse que estávamos na cidade e estivesse pronto para qualquer parada, caso o rapto falhasse. Se eu não estiver de volta até às dez, chame a milícia. Tampa 88.*

*Felix*

Bond não esperou. Enquanto se barbeava e se vestia, mandou vir o café e um táxi. Em dez minutos chegaram os dois, e êle escaldou o café. Ia saindo do chalé, quando ouviu o telefone tocar na sala de estar. Correu pra atender.

— Mr. Bryce? Aqui está falando do Hospital Mound Park — disse uma voz. Enfermaria de pronto-socorro, Dr Roberts. Temos aqui certo Mr. Leiter que está pedindo a sua presença. O senhor pode vir imediatamente?

— Deus do céu! — Exclamou Bond, lutando com o temor do pior. — Que houve com êle? É grave?

— Nada que inspire preocupação — disse a voz. Acidente de auto-



móvel. Atropelamento, ou coisa que o valha. Ligeira concussão. Pode vir até aqui? Êle parece que quer vê-lo.

— Claro — disse Bond, aliviado. — Estou aí num minuto. Agora, que diabo é que tinha havido? — interrogava-se enquanto cruzava apressado o relvado. Devia ter sido surrado e abandonado na rua. No fim de contas, Bond estava alegre por não ter acontecido coisa pior.

Quando o táxi avançava pela estrada da Ilha do Tesouro, uma ambulância passou por êle, com a sirena tilintando.

Mais problemas, pensou Bond. Parece que não é possível dar um passo sem topar com eles.

Atravessaram São Petersburgo pela Central Avenue e dobraram à direita, descendo a rua que êle e Leiter tinham percorrido no dia anterior. As suspeitas de Bond pareceram confirmar-se quando êle notou que o hospital estava a dois quarteirões de Ourobours, Inc.

Bond pagou o táxi e subiu na carreira as escadas do majestoso edificio, indo diretamente à portaria do espaçoso vestibulo. Uma enfermeira bonita, sentada atrás do balcão, lia os anúncios do St. Petersburg Times.

— Dr. Roberts? — inquiriu Bond.

— Doutor, quem? — perguntou a moça, olhando-o com aprovação.

— Dr. Roberts, da Enfermaria de pronto-socorro — disse Bond irritado. — Um paciente chamado Leiter, Felix Leiter. Deu entrada hoje de manhã.

— Não há médico aqui chamado Roberts — disse a moça. Correu um dedo pela lista em cima do balcão. — E nenhum paciente chamado Leiter. Ah, espere um momento, por favor, enquanto telefono para a enfermaria. Como é mesmo o nome do senhor?

— Bryce — disse Bond. — John Bryce. — Começou a suar por todos os poros, embora estivesse bastante frio no vestibulo. Enguxou nas calças as mãos úmidas, procurando vencer o pânico. Esta mocinha não sabe o que faz aqui. Bonita demais para ser enfermeira. Devia colocar gente de responsabilidade na portaria. Êle rangia os dentes enquanto ela falava despreocupadamente no telefone. A enfermeira desligou.

— Lamento, Mr. Bryce. Deve haver um engano. Não entrou ninguém durante a noite e nunca ouviram falar de Dr. Roberts nem de Mr. Leiter. Está certo de que é neste hospital?

Bond deu meia-volta sem responder. Enxugando o suor da testa, caminhou para a porta.

A moça fêz uma careta ao vê-lo afastar-se e retomou seu jornal.

Por sorte, um táxi acabava de chegar, trazendo novos visitantes. Bond pegou-o e disse ao chofer que o conduzisse o mais rápido possível a Everglades. Tudo o que sabia era que eles tinham posto as mãos em Leiter e tinham querido afastar Bond do chalé. Não era fácil entender o alcance dessa jogada, mas via que de repente tudo começava a correr mal para êle e Leiter e que a iniciativa voltara às mãos de Mr. Big e de sua máquina.

Mrs. Stuyvesant veio correndo ao vê-lo saltar do táxi.

— Coitado de seu amigo — disse ela sem demonstrar simpatia. — Êle precisava ter mais cuidado.

— Por que, Mrs. Stuyvesant? O que houve? — perguntou Bond impaciente.

— A ambulância chegou logo depois que o senhor saiu. — Os olhos da mulher brilhavam ao comunicar a notícia. — Parece que Mr. Leiter foi acidentado com seu carro. Tiveram de trazê-lo pra cá numa padiola. O enfermeiro-chefe era um moço negro muito distinto. Êle disse que Mr. Leiter ia ficar bom, mas precisava de muito repouso, e que não devia ser perturbado por hipótese alguma. Coitado. O rosto todo coberto de ataduras. O moço disse que tinham dispensado o melhor tratamento a Mr. Leiter e que logo viria o médico. Se há alguma coisa que eu possa. . .

Bond não deixou que ela concluísse. Disparou na carreira pelo gramado, entrou no chalé, atravessou a saleta e entrou no quarto de Leiter.

Viu a forma de um corpo em cima da cama. Estava coberta por um lençol. Sobre o rosto o lençol parecia estar imóvel.

Bond rilhou os dentes ao curvar-se sobre o corpo. Haveria algum sinal de palpação?

Baixou a mortalha. Não havia rosto. Apenas uma coisa enrolada em diversas faixas, como um vespeiro branco.

Baixou um pouco mais o lençol. Mais ataduras, enroladas de maneira ainda mais grosseira, empapadas de sangue. A metade inferior do corpo estava coberta por um saco, todo encharcado de sangue.

Um pedaço de papel saía de uma abertura nas faixas, no lugar onde devia ser a boca.

Bond arrancou o papel e debruçou-se. Teve a impressão de sentir no rosto uma débil respiração. Estendeu a mão para o telefone, ao lado da cama. Levou alguns minutos para fazer com que Tampa entendesse. Por fim, a sofreguidão de sua voz convenceu os homens que estavam no

outro lado da linha. Viriam vê-lo em vinte minutos.

Colocou o fone no gancho e olhou vagamente para o papel que tinha na mão. Era um pedaço de papel branco de embrulho, com algumas palavras garatuçadas a lápis em letras de fôrma:

ÊLE NÃO SE DEU BEM COM ALGO QUE O COMEU

Logo abaixo, entre parênteses:

(PS. TEMOS MAIS UM MILHÃO DE PIADAS BOAS COMO ESTA)

Com movimentos de sonâmbulo, Bond colocou o papel em cima da mesinha de cabeceira. Depois voltou-se para o corpo que jazia na cama. Não ousava tocá-lo com medo de que cessasse de súbito o hálito tênue que ainda exalava. Mas era necessário averiguar um pormenor. Enfiou os dedos com o maior cuidado por entre as ataduras no alto da cabeça e tocou em alguns fios de cabelo úmido. Levou os dedos à boca e sentiu gosto de sal. Puxou de leve uns fios de cabelo e aproximou a vista. Não havia mais dúvida.

Recordou a grenha amarela côm de palha, que vivia constantemente caída em desordem sobre o olho direito, pardo e trocista, e abaixo dela o rosto oblíquo e aquilino do texano com quem partilhara tantas aventuras. Pensou no amigo um instante, como êle tinha sido. Depois escondeu de novo a mecha de cabelos por baixo das ataduras, sentou-se na beira da outra cama e contemplou o corpo de Leiter, perguntando a si mesmo o que ainda poderia ser salvo.

Quando chegaram os dois detetives e o médico da polícia, Bond contou-lhes o que sabia numa voz calma e sem côm. Agindo em função do que Bond já lhes havia dito pelo telefone, eles tinham enviado um carro da radiopatrulha ao estabelecimento de Robber e estavam aguardando uma chamada, enquanto o médico trabalhava no outro quarto.

O médico foi o primeiro a se desocupar e entrou na saleta com o semblante apreensivo. Bond saltou da cadeira no mesmo instante em que o médico afundava em outra e lhe dirigia o olhar.

— Acho que escapa — disse êle. — Mas só há cinqüenta por cento de probabilidade. Fizeram um serviço completo no pobre rapaz. Um braço perdido, metade da perna esquerda idem, o rosto em pandarecos, em-

bora as feridas sejam apenas superficiais. Mas eu só queria saber o que foi que fêz todo esse estrago. A única coisa em que posso pensar é num animal ou num peixe bastante grande, porque o rapaz foi estraçalhado. Poderei tirar algumas conclusões quando levá-lo para o hospital. Deve haver marcas de dentes ou de qualquer coisa dessa ordem. A ambulância deve chegar daqui a pouco.

Depois ficaram em silêncio. O telefone tocava de vez em quando. Nova York, Washington. A polícia de São Petersburgo queria saber que diabo era que estava acontecendo no cais e recebeu ordens para se colocar à margem dos fatos. Era um assunto afeto aos Federais. Finalmente veio a chamada do tenente que dirigia as operações do carro da radiopatrulha.

Tinham ido ao estabelecimento de Robber com uma ordem judicial. Não encontraram outra coisa senão aquários para peixe e isca, caixas de coral e conchas. Robber e dois homens que lá estavam tomando conta das bombas e do sistema de aquecimento da água tinham sido detidos e interrogados durante uma hora. O álibi deles fora investigado e parecia tão sólido como o edifício Empire State. Robber exigira a presença de seu advogado, e quando afinal este teve permissão de ver os acusados, eles foram soltos no mesmo instante. Não havia provas suficientes para fundamentar a acusação. Todos os indícios levavam a nada. Apenas o carro de Leiter fora encontrado no outro lado do ancoradouro, a um quilômetro e meio do armazém. Eram muitas as impressões digitais, mas nenhuma coincidia com as dos três homens. Tinham alguma sugestão?

— Continue a investigar — disse o mais graduado dos dois homens, que se apresentou como Capitão Franks. — Logo chegarei aí. A ordem de Washington é pegar esses homens haja o que houver. Dois detetives especiais chegam hoje de noite de avião. É tempo de pedir a cooperação da polícia. Eu direi a ela para pôr em funcionamento seus espiões em Tampa. Este caso não se resolve só em São Petersburgo não. Até mais.

Eram três horas. A ambulância da polícia chegou e saiu, levando o médico e o moribundo. Os dois homens foram embora, prometendo manter contato. Estavam ansiosos por saber os planos de Bond. Mas êle respondeu com evasivas. Disse que tinha de falar com Washington. Nesse meio-tempo, não lhe seria possível ficar com o carro de Leiter? Sem dúvida, êle lhe seria trazido assim que o Departamento de Datiloscopia concluísse o trabalho.

Quando os dois homens foram embora, Bond mergulhou em seus pensamentos. Tinham feito sanduíches, servindo-se das provisões da dispensa. Bond acabou de comer e bebeu um trago forte.

O telefone tocou. Longa distância. Bond achou-se em contato com o chefe da seção de Leiter na CIA. O ponto essencial dessa chamada era que o pessoal da CIA ficaria satisfeito se Bond partisse para a Jamaica imediatamente. Isso dito com maior polidez. Londres tinha sido consultada e concordara. Quando a CIA poderia informar Londres da chegada de Bond na Jamaica?

Bond sabia que haveria um avião da Trans-Carib, via Nassau, no dia seguinte. Respondeu que tomaria esse avião. Alguma outra novidade? Ah, sim, disse o homem da CIA. O cidadão do Harlem e sua pequena tinham partido para Havana, Cuba, durante a noite, num avião fretado em Vero Beach, lugarejo situado na Costa Leste. Os documentos estavam em ordem, e a empresa de transporte era tão pequena que o FBI não tinha se dado o trabalho de incluí-la na lista das companhias e aeroportos que deviam ser vigiados. A chegada tinha sido comunicada pelo homem da CIA em Cuba. Sim, foi uma pena. Sim, o Secatur estava lá ainda. Não, não se sabia quando ia sair de Cuba. Bem, terrível o que acontecera a Leiter. Ótimo sujeito. Esperava que ele se recuperasse. Então Bond estaria mesmo na Jamaica amanhã? Perfeito. Pena que as coisas tivessem ficado tão difíceis. Até logo.

Bond pensou um instante, depois discou um número e falou com um homem do Eastern Garden Aquarium, em Miami. Consultou-o acerca da compra de um tubarão vivo para um lago artificial.

— O único estabelecimento que me ocorre agora fica bem perto do senhor, Mr. Bryce — disse a voz prestativa. — Ourobouros, Inc. Vende tubarões. Grandes. Negocia com jardins zoológicos e coisas desse tipo. Tubarão, cação, cornuda. . . Ah, sim, eles terão o maior prazer em servi-lo. É, o pior é a alimentação desses peixes. Sai caríssima. De nada, Mr. Bryce. Sempre que desejar. Até logo.

Bond tirou a arma do bolso e limpou-a, preparando-se para a noite.



## MEIA-NOITE ENTRE MINHOCAS

Eram cerca de seis horas quando Bond acabou de arrumar a maleta e pagou a conta. Mrs. Stuyvesant ficou satisfeita de vê-lo partir. Everglades não era abalada por tanto sobressalto desde o último furacão.

O carro de Leiter tinha sido devolvido, e Bond foi nele para a cidade. Parou num armazém de ferragens, onde adquiriu vários objetos. Em seguida, entrou num pequeno restaurante, escuro e agradável, chamado Pete's; e comeu um filé mal passado com batatas fritas, o maior que já vira em toda a sua vida. Bebeu uma dose reforçada de Old Grand-Dad e duas xícaras de café forte. Depois disso, sentiu-se mais confiante.

Espaireceu, para fazer a digestão, até às nove horas, quando consultou um mapa da cidade e tomou o carro. A rota que seguiu levou-o a um ponto situado à distância de um quarteirão do ancoradouro de Robber. Dirigiu o carro até ao mar e saltou.

A noite era de luar, e os edifícios e armazéns projetavam imensos blocos de sombras azuladas. Toda aquela parte do cais parecia deserta, e o único som que se escutava era o suave bater das ondas na amurada e o golgolejo das águas sob os ancoradouros vazios.

O topo da baixa amurada media mais ou menos um metro de largura. Estava coberto pelas sombras nos cento e poucos metros que sepa-

ravam Bond da armação negra e comprida do armazém de Ourobours.

Bond subiu na muralha e caminhou atento e em silêncio, entre os edifícios e o mar. À medida que se aproximava, ia percebendo com nitidez cada vez maior um gemido agudo e constante, e ao saltar no cimento do amplo espaço para estacionamento de veículos nos fundos do edifício, o gemido se transformara num grito abafado. Bond contava com isso. O barulho era produzido pelo funcionamento das bombas de ar e do sistema de calefação que êle sabia serem necessários para assegurar a saúde dos peixes na frieza das noites. Tinha como certo também que boa parte do telhado devia ser de vidro, para permitir a entrada de luz solar durante o dia, e que devia haver boa ventilação.

Não se enganara. Toda a parede sul do armazém, a partir de uma altura um pouco acima de sua cabeça, era de placas de vidro, e através delas era possível ver o luar filtrar-se por toda a extensão do teto enviaçado. Muito mais acima e completamente fora de seu alcance, largas janelas abriam-se para receber o ar da noite. Como êle e Leiter tinham imaginado, havia uma portinha embaixo, fechada com chave e ferrêlho. Arames de chumbo junto às dobradiças indicavam a existência de algum dispositivo de alarma contra ladrão.

Bond não se interessou pela porta. Guiado por seus pressentimentos, viera equipado para entrar pela vidraça. Procurou em volta alguma coisa que pudesse elevá-lo uns sessenta centímetros do solo. Num lugar em que o lixo e a sucata eram a própria paisagem, não demorou a encontrar aquilo de que precisava. Levantou um pneumático abandonado, rolou-o até à parede e tirou os sapatos.

Colocou alguns tijolos de um lado e de outro da roda para firmá-la no chão e trepou. O grito repetido das bombas dava-lhe proteção. Pôs-se a trabalhar com um corta-vidro e um naco de massa de vidraceiro que havia comprado antes de entrar no restaurante. Quando tinha dado dois talhos verticais, pregou a massa no centro, dando-lhe a forma de um puxador. Então começou a cortar em sentido horizontal.

Enquanto trabalhava, ia observando o interior do armazém, onde o luar se espalhava. Intermináveis fileiras de tanques apoiavam-se em cavaletes de madeira, com estreitas passagens entre uma e outra. No centro do depósito via-se um corredor mais amplo. Sob os cavaletes estavam compridos tanques e tabuleiros cavados no chão. Logo abaixo dele, largas prateleiras cobertas de grandes quantidades de conchas marinhas



prendiam-se às paredes. Quase todos os tanques estavam escuros, mas em alguns um fiapo de luz elétrica tremeluzia espectralmente e cintilava nas pequeninas fontes de borbulhas que se levantavam das algas e da areia. Acima de cada fileira de tanques havia uma viga de rolamento suspensa do teto. Bond supôs que cada tanque podia ser erguido de per si nas operações de embarque e desembarque e quando era necessário pôr em quarentena os peixes doentes. A visão global era a de um mundo estranho e de um comércio singular. Era esquisito pensar nos milhares de minhocas e enguias e peixes em silenciosa atividade durante a noite, no arfar daquelas inumeráveis brânquias, na multidão de antenas que não paravam de estremecer e palpitar e transmitir tênues sinais de radar aos entorpecidos centros nervosos .

Após quinze minutos de trabalho metuculoso, houve um breve estalo, e Bond, segurando o puxador de massa, desprendeu o vidro.

Desceu e depositou-o no chão, a certa distância do pneumático. Em seguida, escondeu os sapatos por dentro da camisa. Quando se contava só com uma das mãos, os sapatos poderiam ser armas preciosas. Ficou à escuta. Não percebeu nenhum outro ruído além do incansável gemido das bombas. Olhou para o alto na esperança de que uma nuvem estivesse a ponto de cruzar pela Lua, mas só viu o brilhante dossel de estrelas. Subiu novamente no pneu e, com rápido impulso, introduziu metade do corpo na abertura que acabara de fazer.

Virou-se e agarrou a moldura de metal acima de sua cabeça. Retesando os músculos dos braços, encolheu as pernas, passou-as pela fenda e deixou-as pender alguns centímetros acima das prateleiras repletas de conchas. Baixando todo o corpo, sentiu, através das meias, o contato dos pés na curvatura exterior das conchas. Então, cautelosamente, começou a afastá-las para um lado e outro, com as pontas dos dedos, até abrir um claro na prancha. Depois, pisou de leve na prateleira e saltou no chão com todos os sentidos atentos a qualquer ruído que não fosse o do maquinismo.

Mas não ouviu nada. Tirou os sapatos de dentro da camisa, guardou-os no espaço vazio da prateleira e caminhou no chão de cimento, segurando na mão uma lanterna-lapiseira.

Estava na seção dos peixes de aquário e, à medida que examinava as etiquetas, notava os lampejos de luz colorida, emitidos do fundo dos tanques, e de vez em quando uma jóia viva como que se materializava e

arregalava os olhos em sua direção.

Ali se encontravam os peixes das espécies mais variadas, procedentes das Antilhas. Embaixo, enterrados no chão e quase todos cobertos de telas, estavam os tabuleiros apinhados e formigantes de todos os tipos imagináveis de minhocas e iscas, os olhinhos voltados para o feixe de luz da lanterna.

No ar pairava o cheiro fétido dos pântanos, e a temperatura era bastante alta. Em pouco tempo Bond começou a suar e a ansiar pelo ar puro da noite.

Chegara ao corredor central e ainda não vira os peixes venenosos que eram um de seus objetivos. Quando lera acerca deles nos arquivos da Chefatura de Polícia de Nova York, pensara em dedicar mais atenção a esse ramo das singulares atividades comerciais da Ourobouros, Inc.

Aqui os tanques eram menores e cada um continha apenas um espécime de cada família. Os olhos apáticos que miravam Bond eram frios e encapuzados. Às vezes, uma presa se mostrava à luz da lanterna ou um espinhaço se eriçava.

Lúgubres caveiras e ossos cruzados tinham sido desenhados a giz em cada um desses tanques, e grandes tabuletas preveniam: perigo, afaste-se.

Devia haver pelo menos uma centenas desses recipientes, de tamanhos diversos, desde os grandes, para conservar as arraias-torpedos e as sinistras violas, até os pequenos onde se alojavam os congros e os monstruosos peixes-escorpiões das índias Ocidentais, cuja espinha oculta um saco de peçonha tão fatal quanto a da cascavel.

Bond apertou os olhos ao notar que em todos os aquários das espécies perigosas, a lama ou areia do fundo ocupava metade dos recipientes.

Escolheu um tanque com um escorpião de uns quinze centímetros. Estava mais ou menos a par dessa espécie mortal de peixe. Sabia que ele não atacava, mas envenenava por contato.

A borda do tanque chegava-lhe à cintura. Sacou do bolso um canivete grande que havia comprado e abriu a lâmina mais comprida. Arregalçou a manga do paletó, curvou-se sobre a superfície da água e apontou a lâmina para o centro da áspera cabeça, entre as protuberâncias das órbitas. Quando a mão imergiu, as espinhas do branco dinossauro eriçaram-se ameaçadoras e as raias coloridas uniformizaram-se num marrom enlameado. Os largos peitorais, em forma de asas, ergueram-se ligeiramente,

preparados para o combate.

Bond investiu rápido, corrigindo a pontaria por causa da refração na superfície do tanque. Picou a cabeça abaulada, provocando selvagem agitação na cauda. Lentamente arrastou o peixe para si e puxou-o para cima, prendendo-o entre a lâmina e a parede de vidro do tanque. Deu um passo para o lado e atirou-o no chão, onde o animal continuou a sacudir-se e saltar apesar da cabeça despedaçada.

Debruçou-se outra vez no tanque e mergulhou a mão no centro da mistura de lama e areia.

Sim, lá estavam elas. Seu palpite a respeito dos peixes venenosos estava justificado. Seus dedos romperam as camadas de moedas enterradas na lama, como ficras arrumadas numa caixa. Estavam num tabuleiro. Êle podia tocar as divisões de madeira. Retirou uma moeda, limpou-a na água da superfície, onde também lavou a mão, e examinou-a à luz da lanterna. Era do tamanho das moedas de cinco xelins e quase da mesma espessura. E era de ouro. Trazia impressas as armas da Espanha e a cabeça de Felipe II.

Olhou para o tanque, avaliando-o. Devia haver cerca de mil moedas neste recipiente em que nenhum inspetor da Alfândega pensaria em meter as mãos. A importância de dez a vinte mil dólares guardada por um Cérebro de presa venenosa. Devia ser esta a carga trazida pelo Secatur na última viagem, uma semana atrás. Cem aquários. Digamos cento e cinqüenta mil dólares em ouro por viagem. Em breve os caminhões viriam buscar os tanques, e, em algum ponto da estrada, homens munidos de tenazes revestidas de borracha extrairiam os peixes fatais e os jogariam novamente no mar ou os incinerariam. A água e a lama seriam retiradas, as moedas de ouro lavadas e guardadas em sacos. Depois, os sacos seriam entregues aos agentes e as moedas pouco a pouco entrariam em circulação, cada uma delas seguida de perto pela máquina de Mr. Big.

Era um esquema modelado na filosofia de Mr. Big, eficaz, tecnicamente brilhante, quase à prova de acidentes.

Bond estava pasmado quando curvou-se para o chão, espetou o flanco do peixe e o atirou de volta ao tanque. Não era conveniente dar a entender ao inimigo que sabia de tudo.

Foi quando se afastou do tanque que todas as lâmpadas do armazém se acenderam e uma voz cortante se fez ouvir:

— Fique onde está. Levante os braços.

Quando Bond mergulhou debaixo do tanque vislumbrou o vulto magro de Robber apontando-lhe o rifle a uns vinte metros de distância, à altura da porta principal. Ao mergulhar, rezou para que Robber errasse o alvo e para que o tanque onde ia cair fosse um dos cobertos de tela. Era. No instante em que atingiu a tela, algo zuniu às suas costas e se espatifou no corredor. O rifle estalou, e o tanque do peixe-escorpião sobre sua cabeça estilhaçou-se e a água jorrou.

Bond deu uma carreira por entre os tanques em direção à sua única saída. No momento em que dobrou a esquina, soou um tiro, e um tanque de peixe-anjo explodiu como uma bomba junto a seu ouvido.

Agora êle estava nos fundos do armazém, com Robber na outra extremidade, a cinqüenta metros de distância. Não havia possibilidade de pular para sua janela no outro lado do corredor central. Parou para tomar fôlego e pensar. Compreendeu que as fileiras de tanques só lhe davam proteção dos joelhos para cima e que entre os tanques seria visível pelos corredores estreitos. Não podia continuar onde estava. Isto foi confirmado por uma bala que passou entre suas pernas e atingiu uma pilha de conchas, cujos fragmentos zumbiram à sua volta, feito vespas. Correu para a direita, e outro tiro roçou-lhe as pernas, indo alojar-se num enorme garrafão que se fêz em pedaços, derramando centenas de mariscos pelo chão. Bond deu meia-volta e, enquanto passava pelo corredor central, acionou duas vezes o gatilho da Beretta. Viu Robber procurar abrigo, ao mesmo tempo em que um tanque se esmigalhava acima de sua cabeça.

Bond sorriu ao ouvir um grito afogado pelo estardalhaço do vidro quebrado e da água derramada.

Imediatamente botou um joelho em terra e disparou dois tiros nas pernas de Robber, mas cinqüenta metros para sua pistola de pequeno calibre eram demais. Outro tanque desmoronou, e o segundo tiro perdeu-se entre as armações de ferro da porta principal.

Agora era Robber quem atirava, e Bond podia apenas esquivar-se para um lado e outro atrás das caixas, esperando a qualquer momento ser baleado na rótula. Às vezes respondia com um tiro para manter Robber à distância, mas sabia que a batalha estava perdida. O outro homem parecia dispor de munição à vontade. Bond tinha só duas balas na arma e um pente intato no bolso.

Enquanto se mexia para lá e para cá, escorregando num ou noutro peixe que se debatia no cimento, agarrava os búzios e conchas mais pesa-

das e arremessava-os contra o inimigo. Muitas vezes eles se arrebetavam de encontro aos tanques, nas proximidades de Robber, e aumentavam a barulheira dentro do armazém. Mas eram inteiramente inofensivos. Bond pensou em apagar as lâmpadas a bala. Abandonou o projeto. Eram cerca de vinte, em duas fileiras.

Afinal, resolveu render-se. Podia recorrer a um estratagema, e, por outro lado, qualquer mudança na luta era preferível a ter de se exaurir nesse beco sem saída.

Quando passou por perto de uma fila de tanques, dos quais o mais próximo estava arrebetado, derrubou-o. Ainda estava semicheio de uma espécie rara de peixes siameses, e Bond se alegrou quando o que restava do dispendioso recipiente rebentou em fragmentos no chão. Aproveitando a vaga aberta na prancha sobre os cavaletes, Bond encarapitou-se e apanhou os sapatos que deixara na prateleira.

A salvo da mira de Robber, calçou os sapatos e deu laços apertados nos cordões. Houve um momento de trégua, em que se ouvia o gemido das bombas, o ruído da água escorrendo dos tanques arrebetados e o estremecimento dos peixes em agonia.

— Ei, inglês! — gritou Robber, tranqüilo. — Saia daí, ou eu começo a usar granada. Estava esperando você e trouxe muita munição.

— Eu me rendo — respondeu Bond, as mãos em concha ao redor da boca. — Mas só porque você atingiu meu tornozelo.

— Não atiro — gritou Robber. — Jogue a arma no chão e venha pelo corredor do meio, com as mãos para o alto. Vamos ter uma conversinha.

— Tá certo. Acho que não tenho escolha — disse Bond, imprimindo à voz um tom de desânimo. Sacudiu a Beretta no chão de cimento, tirou do bolso a moeda de ouro e passou-a para a mão esquerda.

Deu um gemido ao colocar os pés no chão. Arrastava a perna esquerda enquanto caminhava trôpego pelo corredor, com as mãos levantadas à altura dos ombros. Parou na metade do caminho.

Robber aproximou-se lentamente, meio agachado, o rifle apontado para a barriga de Bond. Bond ficou satisfeito de ver que a camisa do outro estava ensopada e que tinha um corte sobre o olho esquerdo.

Robber dirigia-se para a esquerda do corredor. Quando chegou a uns dez metros de Bond, parou, colocando como que por acaso um pé calçado de meia em cima de uma pequena saliência no cimento. Fêz um movimento com o rifle.

— As mãos mais pra cima — ordenou com raiva. Bond gemeu e ergueu as mãos mais alguns centímetros, de modo que elas ficaram quase cobrindo-lhe o rosto, como em posição de defesa.

Por entre os dedos viu o pé de Robber afastar alguma coisa para um lado e ouviu um leve estalo como o de um ferrão que tivesse sido puxado. Os olhos de Bond brilharam atrás das mãos e o queixo se contraiu. Sabia agora o que acontecera a Leiter.

Robber deu alguns passos para diante, e seu vulto magro e seco encobriu o local onde tinha parado.

— Puxa! — disse Bond. — Tenho de me sentar. A perna não me deixa ficar em pé.

Robber parou quase à sua frente.

— Não se mexa. Quero lhe fazer umas perguntas, mister inglês — disse êle arreganhando os dentes manchados de fumo. — Logo você desencasará... e para sempre.

Ergueu-se e olhou Bond de alto a baixo. Bond bambeou, mas, por trás da máscara de derrota, seu cérebro não parava de trabalhar.

— Tira filho duma. . . — começou Robber.

Nesse momento Bond deixou cair a moeda que segurava na mão esquerda. Ela tiniu no cimento e começou a rodar.

Na fração de segundo em que os olhos de Robber se abaixaram, Bond levantou com toda a força de que era capaz o sapato de biqueira de aço do pé direito, que quase derrubou o rifle das mãos de Robber. No mesmo instante em que Robber puxou o gatilho e a bala explodiu sem nenhum perigo no teto de vidro, Bond lançou-se de mergulho na barriga do outro, os braços em riste.

As mãos de Bond foram de encontro a uma coisa mole e arrancaram do homem um grunhido de angústia. Um estremecimento de dor sacudiu a mão esquerda de Bond, e êle encolheu-se quando o rifle bateu-lhe nas costas. Bond carregou sobre o homem, cego à dor, esmurrando com ambas as mãos, a cabeça abaixada entre os ombros arqueados, fazendo Robber recuar e desequilibrar-se. Quando sentiu que o outro começava a ceder, retesou-se um pouco e arremeteu outra vez com o pé direito, atingindo a rótula de Robber. Novo grito de agonia, e o rifle caiu estrondosamente no cimento. Robber estava agachado, e Bond aplicou-lhe um direto no queixo, forçando-o a recuar mais alguns passos.

Robber caiu no centro do corredor diante daquilo que Bond reco-

nhecia agora ser um ferrôlho.

Quando o corpo bateu no chão, uma parte do cimento girou rapidamente sobre um eixo, e Robber quase desapareceu pela negra abertura de um alçapão.

Ao sentir o chão ceder sob seu peso, Robber deu um grito estridente de terror e agitou as mãos procurando agarrar-se em alguma coisa. Conseguiu segurar-se na borda do piso, no instante em que todo o corpo se precipitava no vazio, e o alçapão de quase dois metros girava lentamente até parar, em posição vertical, mostrando um retângulo hiante de cada lado.

Bond ofegava. Pôs as mãos nos quadris e aspirou forte. Depois foi até à borda do buraco da direita e olhou para baixo.

O rosto aterrorizado de Robber, com os beiços repuxados num esgar e os olhos dilatados, voltava-se para Bond com unia súplica esganiçada.

No fundo do buraco Bond nada via; mas escutava o quebrar das ondas contra as fundações do prédio. Pouco a pouco divisou uma vaga luminosidade do lado do mar, e imaginou que havia comunicação com o oceano através de uma tela de arame ou de estreitas barras de aço.

Quando Robber abandonou a gritaria e começou a choramingar, foi possível a Bond escutar o barulho de algo que se agitava lá embaixo, despertado pelas luzes do armazém. Um peixe-martelo ou um cação-jaguara, pensou, de reações mais rápidas.

— Me tire daqui, amigo. Me dê uma oportunidade. Tire-me daqui. Não posso agüentar mais. Farei tudo o que você mandar. Contarei tudo.

A voz de Robber era um murmúrio rouco, implorante.

— Que aconteceu com Solitaire? — perguntou Bond fitando aqueles olhos delirantes.

— Foi o Big Man. Foi êle que me mandou preparar o rapto. Dois homens de Tampa. Pergunte por Butcb e Lifer. Salão de bilhar nos fundos do Oásis. Ela não sofreu nada. Me tire daqui, companheiro.

— E o americano Leiter?

O rosto angustiado defendeu-se:

— A culpa foi dele. Me acordou de manhã cedo, dizendo que tinha havido um incêndio aqui. Vi quando êle passou no carro. Me tirou da cama e me trouxe pra cá. Queria investigar o estabelecimento. E caiu no alçapão. Acidente. Juro que a culpa foi dele. A gente tirou êle pra fora

antes que morresse. Vai ficar bom.

Bond olhou friamente para os dedos brancos que se agarravam em desespero à borda de cimento. Sabia que Robber devia ter puxado o ferrêlho, e, de uma forma ou de outra, conseguido com que Leiter caísse na armadilha. Imaginou o riso de triunfo de Robber quando o alçapão se abriu, o sorriso cruel quando escreveu o bilhete e espetou-o por entre as ataduras, depois de tirarem o corpo semidevorado de Leiter.

A cólera cegou-o por um instante.

Deu dois pontapés curtos e rápidos.

Ouviram-se um grito agudo subindo das profundidades do buraco. Houve uma pancada na água e depois um tumulto gigantesco.

Bond aproximou-se de um dos lados do alçapão e empurrou a laje de concreto, que girou facilmente sobre o eixo.

Segundos antes de suas extremidades taparem o negro buraco, ouviu-se um rosnado fanhoso e terrível como o de um leitão ao encher a boca de comida. Bond sabia que era o grunhido de um tubarão ao erguer as narinas achatadas acima da água e cerrar a boca de foice num carcaça flutuante. Estremeceu e com o pé encaixou o ferrêlho.

Apanhou do chão a moeda de ouro e a Beretta. Dirigiu-se para a saída e, ao chegar à porta, deteve-se um instante. Voltou-se e contemplou a desordem em que ficara a cena da luta.

Considerou que não valia a pena dar a entender que o segredo do tesouro fora descoberto. A parte superior do tanque do peixe-escorpião, e sob o qual ele mergulhara, tinha sido arrebentada por uma bala. Quando os outros empregados chegassem de manhã não se surpreenderiam de ver o peixe morto. Recolheriam os restos de Robber do tanque do tubarão e comunicariam a Mr. Big que ele tinha morrido num tiroteio, que os prejuízos eram de tantos milhares de dólares e que tudo tinha de ser consertado antes que o Secatur trouxesse nova carga. Descobririam algumas balas de Bond e logo compreenderiam que os estragos eram obra sua.

Bond afastou do espírito o espetáculo horripilante que se desenrolava debaixo do armazém. Apagou as lâmpadas e saiu.

Algo fora feito em nome de Solitaire e Leiter.



## A VERSÃO DA JAMAICA

Eram duas horas da manhã. Bond entrou no carro estacionado junto à amurada e deu partida. Afastou-se do porto, atravessou a cidade e enveredou pela Rua 4, a rodovia que levava a Tampa.

Seguiu despreocupado pela rodovia de quatro pistas, apertada de ambos os lados, pela sucessão infindável de motéis, acampamentos para automobilistas e casas comerciais que vendiam mobília de praia, conchas marinhas e gnomos de concreto.

Parou diante do bar e restaurante Gulf Winds e pediu um Old Grand-Dad duplo, só com gelo. Enquanto o balconista preparava o uísque, Bond foi ao banheiro e limpou-se. As ataduras da mão esquerda estavam cobertas de poeira e a inchação latejava. A tala se partira na barriga de Robber. Bond não podia dar jeito. Os olhos estavam vermelhos de fadiga e da noite em claro. Voltou ao bar, bebeu o uísque e pediu outro. O balconista lembrava um universitário trabalhando durante as férias. Puxou conversa, mas não encontrou receptividade da parte do freguês. Bond continuava sentado, olhando para seu copo e pensando em Leiter, em Robber e ouvindo ainda o rosnado nauseante do tubarão abocanhando a carne.

Pagou e saiu. Atravessou a ponte Gandy, sentindo no rosto o ar frio

da baía. Ao chegar ao outro lado da ponte, entrou à esquerda em direção ao aeroporto e parou no primeiro motel que lhe pareceu estar em atividade.

O casal maduro, proprietário do estabelecimento, estava ouvindo uma rumba transmitida de Cuba e bebericando uísque de centeio. Bond contou uma história de explosão ocorrida na estrada, entre Sarasota e Silver Springs. O casal não demonstrou interesse. Ficou satisfeito apenas ao receber os dez dólares. Bond levou o carro para a porta do Quarto 5; o homem abriu a porta e acendeu a luz. Havia uma cama de casal, um chuveiro, uma cômoda e duas cadeiras. O branco e o azul dominavam a peça, dando uma sensação de limpeza. Bond largou a mala no chão, agradeceu e disse boa-noite. Despiu-se e jogou as roupas em cima de uma cadeira. Depois meteu-se debaixo do chuveiro, escovou os dentes, gargarejou e pulou para a cama.

Dáí a instantes dormia profundamente. Era a primeira noite, desde que chegara à América, em que não havia ameaça de nova batalha com seus astros ao amanhecer.

Acordou ao meio-dia e andou pela estrada até um café, onde o cozinheiro lhe preparou um delicioso sanduíche Western, de três fatias de pão. Voltou depois ao quarto e escreveu um relatório circunstanciado para o escritório do FBI em Tampa. Omitiu qualquer referência ao ouro nos tanques dos peixes venenosos com receio de que Big Man encerrasse suas operações na Jamaica. A natureza dessas operações ainda tinha de ser averiguada. Bond sabia que o prejuízo que causara à máquina de Mr. Big na América não tinha relação alguma com o essencial de sua missão — a descoberta da fonte do ouro, o seqüestro do tesouro e, se possível, a destruição do próprio Mr. Big.

Rumou para o aeroporto, onde teve de esperar alguns minutos pela partida do quadrimotor. Deixou o carro de Leiter no local de estacionamento, conforme tinha prometido ao FBI. Imaginava agora que não precisava ter falado nisso ao FBI, quando viu um homem, metido num impermeável desnecessário, a rondar uma lojinha de souvenirs, sem comprar coisa alguma. O impermeável parecia até a insígnia do FBI. Bond compreendeu que o homem queria vê-lo apanhar o avião, certificar-se de que êle deixara os Estados Unidos, notícia que alegraria os chefes do FBI em Nova York. Por onde passara na América deixara cadáveres. Antes de tomar o avião, discou para o hospital em São Petersburgo. Antes não

tivesse telefonado. Leiter continuava inconsciente e não apresentava nenhuma melhora. Sim, eles telegrafariam do hospital, quando pudessem dizer algo definido.

Eram cinco horas da tarde, quando o avião sobrevoou a baía de Tampa e tomou a direção leste. O Sol sumia no horizonte. Um jato enorme, procedente de Pensacola, passou veloz, deixando quatro riscas de fumaça quase imóveis no ar parado. Em breve terminaria seu período de experiência e começaria a transportar para a costa do Golfo das multidões de velhos de blusões Truman. Bond alegrava-se por estar a caminho dos suaves flancos verdes da Jamaica e abandonar o grande e duro continente do Eldorado.

O aparelho avançava através da cintura da Flórida, descortinando quilômetros e quilômetros de selva e pântano, onde não havia sinal de habitação humana. As luzes das asas piscavam, verdes e vermelhas, dentro da noite que caía. Em pouco tempo voava sobre Miami e as colossais armadilhas dos otários disseminadas na costa oriental, em cujas artérias resplandece o néon. A bombordo, a Rodovia Estadual N.º 1 desaparecia no litoral, numa fita dourada de motéis, postos de gasolina, barracas de suco de frutas, através de Palm Beach e Daytona até Jacksonville, quase quinhentos quilômetros depois. Bond lembrou-se do café que tomara em Jacksonville dois dias antes e de tudo quanto lhe acontecera desde então. Dentro de pouco tempo, após rápida escala em Nassau, estaria sobrevoando Cuba, passando talvez por cima do esconderijo onde Mr. Big tinha colocado Solitaire. Talvez ela ouvisse o ruído do avião e suas intenções a fizessem olhar para o céu, sentindo por um instante que êle estava perto.

Bond perguntava a si mesmo se voltariam a encontrar-se e concluiriam o que haviam começado. Mas isso ficaria para mais tarde, quando seu trabalho estivesse terminado — seria o prêmio ao fim da perigosa estrada que principiara a percorrer há três semanas em pleno nevoeiro londrino.

Depois do coquetel e do jantar antecipado, chegaram a Nassau e passaram meia hora na terra mais rica do mundo, na faixa arenosa onde milhões e milhões de libras esterlinas jazem enterradas sob as mesas de canastra e onde bangalôs, rodeados de pândanos e casuarinas, mudam de dono ao preço de cinquenta mil libras cada um.

Deixaram para trás o brilho platinado de Nassau e pouco depois sobreavam as piscantes luzes nacaradas de Havana, cujo modesto tom

de pastel era bem diferente das cores primárias e agressivas das cidades americanas à noite.

Voavam a cinco mil e poucos metros de altitude quando, logo após atravessarem Cuba, depararam-se com uma dessas violentas tempestades tropicais que de um instante para outro fazem com que o avião deixe de ser uma cômoda sala de visitas e se transforme numa casa ameaçada de ruir. O enorme aparelho cambaleava e mergulhava, as hélices ora rugindo no vácuo ora indo de encontro a sólidas paredes de ar. A leve bisnaga estremecia e balançava ao sabor dos ventos. A louça se partia na dispensa, e a chuva martelava nas vidraças de Perspex.

Bond agarrou-se com tanta força aos braços da cadeira que sentiu doer a mão esquerda, e praguejou baixinho para si mesmo.

Olhou para as revistas empilhadas nas prateleiras e pensou: — "Quando se esgota a resistência do aço a cinco mil metros, elas não adiantam muita coisa, nem a água de colônia do lavatório, nem as refeições requintadas, nem as lâminas de barbear distribuídas gratuitamente, nem a "orquídea para sua senhora" que agora treme no refrigerador. E muito menos os cintos de segurança, os salva-vidas com o apito que o aeromoço faz questão de provar que apita mesmo, a engenhosa lanterna de salvamento que emite sinais vermelhos.

"Não, quando as tensões são fortes demais para o metal cansado, quando o mecânico que confere o degelador está apaixonado e alinhava o serviço, em Londres, Idlewild, Gander, Montreal; quando essas ou muitas outras coisas acontecem, então a acolhedora salinha movida a hélices despenca no mar ou em terra, mais pesada do que o ar, falível, vã. E os quarenta seres mais pesados do que o ar, falíveis dentro da falibilidade do avião, enfatuados dentro da enfatuação maior do aparelho, caem com êle e cavam minúsculos fossos no chão ou espadanam para todos os lados a água do mar. Mas afinal, qual é o destino de todos? Então, por que se preocupar? Você depende dos dedos negligentes do mecânico do aeroporto de Nassau, da mesma forma que depende do estado mental do homenzinho do automóvel familiar, que confunde o sinal vermelho com o verde e colide frente a frente com você, pela primeira e última vez, quando você vem refestelado no volante depois de um encontro clandestino. Não há nada que se possa fazer para evitar isso. Você começa a morrer no momento mesmo em que nasce. A vida inteira você passa nessa disputa com a morte. Assim, é melhor acalmar-se. Acenda um cigarro, encha os

pulmões de fumaça e agradeça por ainda estar vivo. Os astros já lhe permitiram que percorresse longo caminho desde que você saiu do ventre materno e choramingou ao sentir o vento frio do mundo. É possível que eles até consintam que você chegue hoje de noite a Jamaica. Não está ouvindo as vozes cordiais da torre de comando avisarem tranquilamente: "Pode-descer, BOAC, pode descer; Pan Am; pode descer, KLM"? Não está ouvindo o chamado que elas lhe dirigem: "Pode descer, Trans Carib. Pode descer, Trans Carib"? Confie nos seus astros. Lembre-se daquele mau pedaço que você atravessou ontem de noite, a dois passos da morte, sob a mira de Robber. Você está vivo ainda, não está? E afinal, a tempestade já vai longe. Foi só para recordar a você que ser rápido no gatilho não quer dizer que se é valentão de verdade. Não se esqueça disso. Essa feliz aterrissagem no Aeroporto de Palis-adoes você recebe como cortesia de seus astros. É bom agradecer a eles."

Bond desamarrou o cinto de segurança e enxugou o suor da testa. Ao diabo com tudo isso, pensou êle, enquanto descia do avião.

Strangways, o chefe do Serviço Secreto Inglês no Caribe, foi recebê-lo no aeroporto, e Bond não se demorou nos escritórios da Alfândega, Imigração e Fiscalização Fazendária.

Eram quase onze horas. A noite estava calma e quente. Os grilos cricrilavam nas touceiras de cactos de um lado e do outro da estrada do aeroporto. Bond absorvia com sentimento de gratidão os ruídos e aromas do trópico, enquanto a camioneta militar cortava a periferia de Kingston e os conduzia para os contrafortes cintilantes e enluarados das Montanhas Azuis.

Durante todo o trajeto trocaram apenas leves monossílabos. Por fim, chegaram à casa branca de Strangways em Junction Road, abaixo de Stony Hill, e se instalaram confortavelmente na varanda.

Strangways preparou duas doses fortes de uísque e soda e deu início a um conciso relato da versão jamaicana do caso.

Era um tipo magro, bem humorado, de trinta e cinco anos. Fora Capitão-Tenente da Seção Especial da Reserva Voluntária da Marinha Inglesa. Tinha uma venda preta sobre um olho e boa aparência aquilina que são sempre associadas às pontes de comando dos destróieres. Mas o rosto bronzeado era cortado de rugas, e Bond reparou, pelos gestos bruscos e frases entre-cortadas, que ele era extremamente nervoso. Sem dúvida era eficiente, possuía senso de humor e não parecia abespinhado com a

presença de alguém que vinha de Londres meter o bedelho em questões afetas a seu território. Bond sentiu que se iriam dar bem trabalhando juntos e acolheu de bom grado a parceria.

Eis o relato de Strangways:

Sempre se falou na existência de um tesouro na Ilha Surprise, e tudo o que se sabia acerca do Pirata Morgan confirmava a suspeita.

A ilhota estava situada no centro mesmo da Baía dos Tubarões, pequeno ancoradouro localizado no término de Junction Road, a estrada que atravessa a fina cintura da Jamaica, de Kingston para a costa norte.

O grande bucaneiro fizera da Baía dos Tubarões seu quartel-general. Era de seu agrado ter toda a largura da ilha de permeio, entre eles e o Governador, em Port Royal, porque isto lhe permitia ir e vir nas águas jamaicanas sem ser notado. O Governador também apreciava o arranjo. A Coroa desejava que se fechassem os olhos à pirataria de Morgan até que os espanhóis fossem expulsos do Caribe. Quando isto se deu, Morgan foi agraciado com o Título de Cavaleiro e o posto de Governador da Jamaica. Até então, suas ações tinham de ser reprovadas para evitar uma guerra européia com a Espanha.

Assim, no longo período que antecedeu à sua passagem de ladrão para guardião de caça, Morgan utilizou a Baía dos Tubarões como o ponto de onde levava a efeito suas surtidas. Construiu três residências na propriedade vizinha, denominada Llanrumney em homenagem à terra de seu nascimento no País de Gales. Essas residências receberam o nome de Casa de Morgan, Casa do Médico e Casa da Dama. Fivelas e moedas ainda hoje surgem nas ruínas.

Seus navios sempre ancoravam na Baía dos Tubarões, e êle os que-renava no abrigo da Ilha Surprise, alcantilado torrão de coral e rocha calcárea que se eleva no centro da baía, coroados por uma chapada selvagem de cerca de um acre de superfície.

Em 1683, êle deixou definitivamente a Jamaica. Tinha sido preso e ia ser julgado por seus pares por insultar a Coroa. O tesouro ficou em alguma parte da Jamaica, e Morgan morreu na miséria sem revelar o paradeiro de sua fortuna. Devia ter sido um tesouro incomensurável, fruto de incontáveis assaltos a Hispaniola, da captura de inúmeros navios carregados de riquezas do Prata, do saque do Panamá e da pilhagem de Maracaibo. Mas tudo isso se desvaneceu sem deixar rastro.

Sempre se pensou que o segredo estava enterrado em algum rin-

ção da Ilha Surprise, mas duzentos anos de mergulho e escavações dos caçadores de tesouros não produziram resultados satisfatórios. Então, contou Strangways, fazia exatamente seis meses que dois fatos importantes tinham ocorrido com a diferença de algumas semanas de um para o outro. Um jovem pescador havia desaparecido do povoado da Baía dos Tubarões, não dera mais notícia nem fora visto desde então, e um grupo econômico nova-iorquino comprara a ilha por mil libras ao atual proprietário de Llanrumney, agora transformada em bananal e fazenda de criação de gado.

Algumas semanas após a venda, o iate Secatur chegara à Baía dos Tubarões e atracara no velho ancoradouro de Morgan, no abrigo da ilha. O barco era tripulado exclusivamente por negros. Os homens puseram-se a trabalhar e ergueram uma escadaria na face rochosa da ilha e construíram no alto diversas casinhas baixas de taipa.

Pareciam estar perfeitamente aprovisionados, e tudo o que compravam aos moradores da baía eram frutas e água doce.

Formavam um grupo taciturno e ordeiro, que não provocava desordem. Explicaram aos funcionários da Alfândega, em Port Maria, que estavam ali para pescar peixes tropicais, em especial as variedades venenosas, e apanhar conchas para Ourobours, Inc., em São Petersburgo. Ao se instalarem adquiriram grandes quantidades desses artigos aos pescadores da Baía dos Tubarões, Port Maria e Oracabessa.

Durante uma semana realizaram explosões na ilha e divulgaram que essas operações tinham em vista a escavação de um gigantesco tanque para peixes.

O Secatur iniciou então suas idas e vindas quinzenais ao Golfo do México, e os observadores confirmaram que antes de cada partida eram transportados para bordo numerosos aquários portáteis. Em todas as ocasiões, meia dúzia de homens ficavam em terra. As canoas que se aproximavam da ilha recebiam ordem para manter distância. Havia sempre um vigia pescando o dia inteiro no quebra-mar estreito, situado em continuação à escada talhada no penhasco. Era nesse quebra-mar que o Secatur fundeava, ao abrigo do nordeste, que soprava com frequência.

Ninguém conseguia desembarcar ali durante o dia e, depois de duas tentativas fatais, ninguém mais pretendeu fazê-lo de noite.

A primeira tentativa foi empreendida por um pescador da Baía dos Tubarões, movido pelos boatos de tesouro enterrado que nenhuma his-

tória de peixe tropical poderia suprimir. Ele saía nadando numa noite escura e seu corpo dera no rochedo no dia seguinte. O tubarão e a bicuda só deixaram o tronco e parte de uma coxa.

No momento em que ele devia ter chegado lá, toda a povoação da Baía dos Tubarões foi despertada por um terrível tantã, que parecia provir do interior da ilha. Foi depois identificado como a batida dos tambores do culto vodu. Começou abafado e pouco a pouco elevou-se a um trovejante crescendo, baixou novamente e morreu ao fim de cinco minutos.

A partir de então, a ilha foi considerada enfeitiçada, e mesmo em plena luz do dia os canoieiros evitavam aproximar-se.

Por essa época, Strangways passou a interessar-se pelo caso e enviou a Londres um relatório completo. Desde 1950 a Jamaica se tinha tornado importante ponto estratégico graças à exploração, levada a efeito por Reynolds Metals e Kaiser Corporation, das reservas de bauxita encontradas no país. No modo de ver de Strangways, as atividades em Surprise poderiam significar a construção de uma base de submarinos tripulados por um homem, úteis numa guerra, em particular agora que a Baía dos Tubarões estava ao alcance da rota seguida pelos navios da Reynolds em demanda do novo porto de bauxita, localizado em Ocho Rios, a poucos quilômetros de distância.

Londres deu conhecimento do relatório a Washington, e veio a descobrir-se que a firma nova-iorquina que comprara a ilha pertencia a Mr. Big.

Isto acontecera há três meses. Strangways recebeu ordens para penetrar na ilha de qualquer maneira e descobrir o que se passava. Para tanto, ele fizera verdadeira operação. Arrendara uma propriedade no braço ocidental da Baía dos Tubarões, chamada Beau Desert. Havia nela as ruínas de uma das famosas casas-grandes da Jamaica, construção dos princípios do século XIX, e também uma moderna casa de praia, de onde se descortinava o ancoradouro do Secatur, em Surprise.

Providenciou a vinda de dois excelentes nadadores da base naval das Bermudas e instalou um posto de observação permanente da ilha, através de turmas que se revezavam noite e dia nos óculos de alcance. Não se viu nada que pudesse despertar suspeitas. Então, numa noite calma e escura, ele enviou os dois nadadores com instruções no sentido de realizarem uma inspeção submarina das fundações da ilha.

Strangways descreveu seu horror quando, uma hora depois que



eles se lançaram à água para atravessar os trezentos metros que os separavam da ilha, o tenebroso tantã teve início em algum local para além dos penhascos.

Nessa noite os dois homens não regressaram.

No dia seguinte, seus corpos foram atirados à praia da baía, em dois lugares diferentes. Ou, para dizer melhor, o que sobrou de seus corpos devorados pelo tubarão e pela bicuda.

Quando a narrativa de Strangways chegou a este ponto, Bond interrompeu.

— Um momento — disse êle. — O que é essa história de tubarão e bicuda? Em geral, nessas águas, não costumam ser selvagens. Não há grande número deles em volta da Jamaica e não é comum que se alimentem à noite. Afinal, não creio que nem um nem outro ataque seres humanos, a menos que haja sangue na água. É possível que uma vez ou outra abocanhem um pé branco por curiosidade. Será que eles se comportavam assim antes?

— Nunca houve nada desde o caso da moça que teve o pé arrancado no porto de Kingston em 1942 — disse Strangways. — Ela estava sendo rebocada por uma lancha de corrida e não cessava de bater com os pés na água. O pèzinho branco pode ter parecido sumamente apetitoso. E viajava na velocidade correta, tem mais essa. Todo o povo daqui concorda com sua teoria. E meus homens levavam arpões e facas. Achei que tinha feito o possível para protegê-los. Foi um troço horroroso. Você pode fazer idéia de como me senti. Desde então, não fizemos mais nada, exceto tratar de conseguir medidas legais para entrar na ilha. O assunto foi entregue ao Ministério das Colônias e a Washintgon. Você compreende, a ilha pertence agora a um americano. E que negócio demorado! O fato é que contra esse pessoal não há nada. Parece que êles têm prestígio em Washington e possuem ótimos advogados. Estamos engasgados. Completamente. Londres me mandou aguardar até que você chegasse.

Strangways tomou um trago de seu uísque e olhou interrogativamente para Bond.

— Quais são os movimentos do Secatur? — perguntou Bond.

— Ainda está em Cuba. Partirá dentro de uma semana, de acordo com a CIA.

— Quantas viagens já fez?

— Umas vinte.

Bond multiplicou cento e cinquenta mil dólares por vinte. Se suas estimativas eram corretas, Mr. Big já levava da ilha mais de um milhão de libras em ouro.

— Fiz uns arranjos provisórios pra você — disse Strangways. — Tem a casa de Beau Descrt. Providenciarei um carro, um cupê Sunbeam Talbot. Pneus novos. Rápido. O carro ideal para essas estradas. Tenho também um homem para ser seu factótum. Um ilhéu de Caimão, chamado Quarrel. O melhor pescador e nadador do Caribe. Formidável. Ótimo sujeito. E tomei emprestada a casa de repouso da West Indian Citrus Company na Baía Manatee. É o outro lado da ilha. Você podia descansar lá uma semana e se exercitar um pouco até a vinda do Secatur. Precisa estar em forma, se é que pretende ir a Surprise, e eu, sinceramente, creio que essa é a única resposta. Há mais alguma coisa que eu possa fazer? Estarei esmpe à sua disposição, naturalmente, mas tenho de passar algum tempo em Kingston para manter em dia os contatos com Londres e Washington. Eles quererão saber tudo o que nós fizemos. Alguma coisa mais?

Bond chegara a uma decisão.

— Sim — disse êle. — Você podia pedir a Londres que conseguisse emprestado no Almirantado, para nós, um daqueles uniformes dos homens-rãs, completo, com os tubos de ar comprimido. E uma porção de sobressalentes. Também umas duas espingardas submarinas. Das francesas, Champion, que são as melhores. Uma boa lanterna submarina e um daqueles punhais usados pelos comandos. E todas as informações que puderem conseguir no Museu de História Natural sobre barracuda e tubarão. Se possível, um pouco daquele troço que os americanos usavam no Pacífico como repelente contra tubarão. Peça à BOAC que traga tudo num de seus vôos diretos. Bond fêz uma pausa.

— Ah, sim — disse êle — uma daquelas coisas que nossos sabotadores usavam "contra os navios durante a guerra. Mina-ostra, com detonadores.

## O VENTO DO ARMADOR

Mamão com uma rodela de limão-doce, uma travessa abarrotada de bananas rubras, roxos abius e tangerinas, ovos mexidos com toicinho, café Blue Mountain, o mais delicioso do mundo, geléia de frutas jamaicana, quase preta, e gelatina de goiaba.

Quando Bond, de short e sandálias, tomava café na varanda, contemplando o panorama ensolarado de Kingston e Port Royal, julgou-se um homem feliz e pensou nos maravilhosos momentos de consolação entre as incertezas e perigos de sua profissão.

Bond conhecia bem a Jamaica. Tinha estado lá numa demorada missão logo depois da guerra, quando o quartel-general comunista em Cuba tentara infiltrar-se nos sindicatos operários da Jamaica. Tinha sido um serviço desordenado e ilógico, mas Bond começara a amar a imensa ilha verde e seu povo leal e alegre. Estava satisfeito agora por ter voltado e dispor de uma semana de repouso antes de recomeçar sua difícil tarefa.

Depois do café, Strangways surgiu na varanda acompanhado de um homem alto e moreno, metido numa camisa azul desbotada e numa velha calça escura de sarja.

O homem era Quarrel, o ilhéu de Caimão, com quem Bond simpatizou logo. Corria nele o sangue dos soldados e bucaneiros de Cromwell;

seu rosto era duro e anguloso e a boca quase severa. Os olhos eram cinzentos. Apenas o nariz espatulado e a palidez das palmas das mãos eram negróides.

Bond apertou-lhe a mão.

— Bom dia, Capitão — disse Quarrel.

Descendente da raça dos marinheiros mais famosos do mundo, este era o título mais elevado que conhecia. Não havia em sua voz nem humildade, nem desejo de ser agradável. Falava como o faria um tripulante de um navio, e suas maneiras eram diretas e francas.

Esse instante definiu a natureza de suas relações. Dali por diante não haveria lugar para servilismo, nem reiteração de autoridade. Tudo se passaria como entre um escocês proprietário de terras e seu administrador.

Após discutirem os planos de ação, Bond sentou-se ao volante do carro que Quarrel trouxera de Kingston, e ambos partiram, subindo Junction Road. Deixaram Strangways, que iria tomar as providências solicitadas por Bond.

Não eram ainda nove horas. Soprava a brisa fresca da manhã quando eles atravessaram as montanhas que se estendem pelo dorso da Jamaica como as arestas centrais da couraça de um crocodilo. A estrada serpeante descia agora em direção às planícies do norte, varando uma das mais belas paisagens do mundo, com a vegetação tropical a mudar de acordo com a altitude. Os flancos verdes das chapadas, forrados de bambuais entremeados das manchas verde-escuras da fruta-pão e da chama abrupta do flamboyant, davam lugar, mais embaixo, às matas de ébano, mogno e pau-campeche. Quando chegaram às baixadas de Agualta Vale, o oceano verde da cana-de-açúcar e das bananeiras espalhava-se até onde a orla distante dos resplendentes cachos de granadas assimilavam os coqueirais ao longo do litoral norte.

Quarrel era ótimo companheiro de viagem e guia excelente. Falou das aranhas que infestavam as palmeiras dos famosos jardins de Castleton, contou uma luta que presenciara entre uma centopeia gigante e um escorpião e explicou a diferença entre o mamoeiro macho e o fêmea. Descreveu os venenos das florestas e as propriedades medicinais das ervas tropicais, o esforço desenvolvido pela noz do coco para romper a casca e florescer, o comprimento da língua do beija-flor e como o crocodilo carrega os filhotes dentro da boca, estirados ao comprido como sar-,,

dinhas em lata.

Quarrel falava com precisão, mas sem tomar ares de especialista, empregando o linguajar da Jamaica, em que plantas "batalham" ou "recuam", mariposas são "morcegos" e "amar" é usado em lugar de "gostar". Enquanto tagarelava, levantava a mão e saudava as pessoas que passavam na estrada e que também acenavam para êle e gritavam-lhe o nome.

— Você conhece gente pra burro, hem Quarrel? — disse Bond, quando o motorista de um ônibus superlotado, com a palavra romance escrita em letras garrafaís por cima do pára-brisa, saudou-o com duas vibrantes buzinas.

— Faz três meses que venho observando Surprise, Capitão — respondeu Quarrel — e passo por essa estrada duas vezes por semana. A gente logo se torna conhecido na Jamaica. O povo daqui tem a vista boa.

Por volta das dez e meia, eles atravessaram Port Maria e enveredaram pela estrada provinciana que conduz à Baía dos Tubarões. Numa curva do caminho avistaram a enseada lá embaixo. Bond parou o carro, e eles saltaram.

A baía tinha a forma de meia-lua e talvez medisse pouco mais de um quilômetro entre um pontal e outro. A superfície azul da água encrespava-se com a brisa suave que soprava do nordeste, um fiapo dos ventos alísios que nascem oitocentos quilômetros além, no Golfo do México, e lá iniciam sua longa viagem ao redor do mundo.

A um quilômetro e meio de onde eles estavam, uma linha comprida de ondas de rebentação indicava o arrecife, pouco além da baía e das águas tranqüilas do estreito, que era o único acesso ao ancoradouro. No centro da meia-lua, a Ilha Surprise erguia-se a uns trinta metros acima da superfície. Ondas de pouca altura rebentavam no sopé oriental, e o mar era calmo no abrigo.

Quase redonda, a ilhota lembrava um bolo cinzento e alto, coberto de glacê verde, numa travessa de porcelana azul.

Tinham estacionado o carro a uns trinta metros acima do pequeno agrupamento das choças de pescadores, situadas atrás do coqueiral, e estavam no mesmo nível do cume verde da ilha, pouco mais de meio quilômetro além. Quarrel apontou para as cobertas de palha das cabanas de taipa entre as árvores, no centro de Surprise. Bond examinou-as através do binóculo do companheiro. Não havia sinal de vida, exceto a fumaça tênue que se desvanecia na brisa.

Abaixo deles, o verde pálido da água da baía contrastava com o branco da areia. Adiante, o verde se adensava em azul escuro, pouco antes da mancha marrom da borda submersa do arrecife que traçava amplo semicírculo, à distância de cem metros da ilha. Depois, tornava-se outra vez azul escuro com malhas de um azul mais claro e água-marinha. Quarrel informava que a profundidade do ancoradouro do Secatur era de cerca de nove metros.

À esquerda, no meio do braço ocidental do baía, por trás de uma praia estreita de areia branca e por entre as árvores, estava a base de operações de ambos, Beau Desert. Quarrel explicou como era o local, e Bond passou mais dez minutos examinando os trezentos metros da faixa de água interposta entre Beau Desert e o ancoradouro do Secatur, no flanco da ilha.

Ao todo, Bond gastou uma hora no reconhecimento do terreno. Depois, em lugar de rumarem para a casa de Beau Desert ou para o povoado, dirigiram o carro de volta pela estrada principal da costa.

Passaram pelo porto de Oracabessa, escoadouro das safras de banana, e por Ocho Rios, com as recém-montadas instalações de exploração de bauxita, seguindo a costa norte até a Baía de Montego. Era o mês de fevereiro, época de muita atividade. O vilarejo e os grandes hotéis estavam em plena corrida dos quatro meses em busca do ouro, que os ajuda a passar o resto do ano. Pararam num hotel, no outro lado da baía, almoçaram e continuaram a viagem no calor da tarde, indo até à ponta ocidental da ilha, a duas horas de automóvel.

Nessa parte do país, em virtude dos imensos pantanais litorâneos, nada acontecera desde que Colombo fizera uma aguada eventual na Baía Manatee. Pescadores jamaicanos tomaram a região dos índios arauaques, mas, sob muitos aspectos, tinha-se a impressão de que o tempo havia parado.

Bond julgou-a a mais bela praia que já vira, nove quilômetros de areia branca descendo suavemente ao encontro das águas, e, lá atrás, as palmeiras marchando em garbosa desordem até perderem-se no horizonte. As canoas jaziam ao lado de montículos de conchas e búzios côr-de-rosa, e a fumaça subia das palhoças dos pescadores, na sombra entre os pântanos e o mar.

Numa clareira no meio das cabanas, erguia-se a casa sobre estacas, onde os funcionários da West Indian Citrus Company passavam os fins de

semana. Era um chalé no centro de um capinzal, e fora levantado sobre estacas para impedir a ação do cupim. Rodeavam-no telas de arame contra mosquito e birigui. Bond dirigiu o carro para fora da estrada e estacionou debaixo da casa. Enquanto Quarrel escolhia dois quartos e tratava de arranjá-los, Bond amarrou uma toalha na cintura e largou-se por entre as palmeiras a caminho do mar.

Durante uma hora nadou e flutuou indolentemente na água morna, pensando em Surprise e no segredo que ela guardava, fixando na mente aqueles trezentos metros, indagando-se acerca de tubarões e bicudas e dos mil outros perigos do mar, essa inesgotável biblioteca que ninguém pode ler.

Ao voltar ao pequeno chalé de madeira, Bond recebeu as primeiras mordidas de birigui. Quarrel reprimiu o riso ao notar os calombos nas costas do outro. Sabia que daí a pouco provocariam uma comichão endiabrada.

— Ninguém pode fazer nada pra se livrar deles, Capitão — disse Quarrel. — Mas posso parar a comichão. É bom tomar um banho de chuveiro pra tirar o sal, antes de tudo. Eles mordem com vontade durante a noite e gostam do jantar bem salgado.

Quando Bond saiu do chuveiro, Quarrel apareceu com uma garrafa de remédio e aplicou nas picadas um líquido marrom que cheirava a creosoto.

— Temos mais birigui na minha ilha do que no resto do mundo — disse êle — mas ninguém liga pra eles quando tem esse remédio.

Os dez minutos de crepúsculo tropical trouxeram sua breve melancolia, porém logo surgiram as estrelas e os três-quartos de Lua, e o mar reduziu-se a um sussurro. Houve o rápido instante de trégua entre os dois grandes ventos da Jamaica, e logo depois as palmeiras começaram a murmurar.

Quarrel sacudiu a cabeça para a janela.

— O "Vento do Armador" — comentou.

— Como é? — perguntou Bond, espantado.

— Brisa inconstante da praia, é como chamam os marinheiros disse Quarrel. — O "Armador" carrega pra longe os maus ares da ilha, toda noite, das seis às seis. Então, de manhã, chega o "Vento do Doutor" com os ares benignos do mar. Ao menos, é assim que a gente chama eles na Jamaica.

Quarrel lançou um olhar zombeteiro a Bond.

— Acho que o senhor e o Vento do Armador têm mais ou menos a mesma tarefa, hem Capitão? — disse meio sério.

Bond deu uma risada.

— Por sorte não tenho de trabalhar no mesmo horário dele — respondeu.

Do lado de fora, os grilos e as pererecas zuniam e tintinavam, grandes mariposas colavam-se à tela das janelas, fitando num êxtase trêmulo os dois candeeiros suspensos das vigas no interior do chalé.

De vez em quando, grupos de pescadores ou de moças em algazarra passavam pela praia, a caminho da bodega no pontal da baía. Ninguém andava só, com medo de encontrar os lobisomens debaixo das árvores ou o garrote rolador, tenebroso animal que rola pelo chão, as patas amarradas e botando fogo pelas ventas.

Enquanto Quarrel preparava uma das succulentas refeições de peixe, ovos e verduras, que iam constituir a alimentação principal de ambos, Bond sentou-se sob a luz de um candeeiro e pôs-se a ler atentamente os livros que Strangways pedira emprestado ao Instituto Nacional da Jamaica, livros sobre os mares tropicais e seus habitantes, de Beebe, Allyn e outros, e sobre pesca submarina, de Cousteau e Hass. Estava decidido a só cruzar aqueles trezentos metros de mar quando estivesse suficientemente aparelhado. Não pretendia confiar no acaso e na boa fortuna. Conhecia o valor de Mr. Big e acreditava que as defesas de Surprise eram tecnicamente brilhantes. Achava que elas não se limitavam a armas simples como fuzis e explosivos. Mr. Big precisava trabalhar sem ser incomodado pela polícia. Tinha de se manter fora do alcance da lei.

No dia seguinte iniciou seus preparativos, sob o olhar crítico e avaliador de Quarrel. Cada manhã, nadava um quilômetro e meio antes do café e voltava para o bangalô, correndo pela praia. Aí pelas nove horas, saíam os dois numa canoa de vela triangular, que os conduzia a Bloody Bay e Orange Bay, onde a areia acaba em penhascos e angras e o arrecife beira a costa.

Aqui eles deixavam a canoa na praia. Quarrel entregava a Bond arpões, máscaras e uma velha espingarda submarina e levava-o a expedições perigosas no tipo de mar que êle deveria encontrar na Baía dos Tubarões.

Pescavam em silêncio, a alguma distância um do outro. Quarrel



movia-se com desembaraço num elemento em que se sentia como em casa. Logo Bond aprendeu também a não combater o mar, a sempre contornar as correntes e remoinhos, em lugar de lutar contra eles, a empregar a tática do judô na água.

No primeiro dia chegou em casa cortado, e envenenado pelos corais. Quarrel achou graça e tratou as feridas com Metiolato e Milton. Depois, como passou a fazer todas as noites, fêz meia hora de massagem em Bond, com óleo de coco, ao mesmo tempo que ia falando dos peixes que tinham visto durante o dia, dos hábitos dos carnívoros e dos outros, da camuflagem que adotam e do mecanismo para mudar de côr através da corrente sangüínea .

Também êle nunca ouvira falar de peixe que atacasse o homem, a não ser quando acuado ou quando havia sangue na água. Explicou que são raros os peixes famintos em águas tropicais e que suas armas, na maioria dos casos, são de defesa e não de ataque. A única exceção que admitia era a barracuda. "Peixe malvado", dizia, destemido, porque o único inimigo que conhece é a doença, capaz de fazer oitenta quilômetros por hora em trajetos curtos, e dono da mais afiada bateria de dentes que se pode encontrar em peixes do mar.

Certo dia resolveram pescar uma, de uns cinco quilos, que os rondava há várias horas, fundindo-se nas profundezas cinzentas e reaparecendo quieta, imóvel à flor da água, os irados olhos tigrinos a fitarem-nos de tão perto que eles podiam ver o lento arfar das brânquias e o brilho dos dentes, semelhantes aos do lobo, enfileirados na queixada cruel e descaída.

Quarrel tomou a espingarda de Bond e atirou, mal, fisingando-a na barriga. A barracuda investiu contra eles, as mandíbulas escancaradas feito uma cascavel. Vendo que ela avançava sobre Quarrel, Bond tentou uma estocada precipitada e errou, alojando o chuco entre os dentes, que no mesmo instante se cerraram sobre a haste de aço. Quando ela arrebatou o chuco da mão de Bond, Quarrel puxou a faca e apunhalou-a. Louca de fúria, a barracuda saltava na água, com as entranhas à mostra, o chuco preso nos dentes e o arpão enfiado na barriga. Com as rabanadas do peixe que procurava desesperadamente despedaçar o aço que lhe atravessava as paredes do estômago, Quarrel mal podia segurar a linha. Afinal, conseguiu alcançar o arrecife submerso. Subiu na pedra e lentamente arastou o peixe.

Depois que Quarrel cortou as gueíras e, com o auxílio de Bond, arrancou o chuçó das mandíbulas, os dois homens viram as marcas dos dentes na lâmina.

Puxaram o peixe para a praia. Quarrel decepou-lhe a cabeça e abriu-lhe a boca com um pau, levantando o maxilar superior até que este ficou quase em ângulo reto com o inferior. A enorme fenda revelou uma serra de dentes afiados, tão numerosos que alguns montavam sobre os outros como telhas. Até mesmo a língua tinha duas carreiras de dentinhos aguçados e recurvos, e, na frente, ressaltavam duas presas enormes como as de uma cobra.

Enbora não pesasse mais do que cinco quilos, media de comprimento mais de um metro — uma bala côr de níquel, feita só de músculo e carne sólida.

— Chega de matar barracuda — disse Quarrel. — Já passei um mês no hospital e talvez tenha perdido a coragem. Bobagem minha, eu sei. Mas quando a gente encontrar outra, ela fugirá. Fogem sempre. São covardes como todos os peixes. E não se preocupe com eles — apontou para a serra de dentes — não vai ver mais nenhum outra vez.

— Espero que não — disse Bond, pensando em Leiter.

No fim da semana Bond estava bronzado e rijo. Reduzira o fumo a dez cigarros por dia e não tocara em álcool. Podia nadar três quilômetros sem cansar. A mão sarara completamente, e êle perdera o cascão sedentário da vida nas grandes cidades.

Quarrel estava satisfeito.

— Pode se considerar em forma para enfrentar Surprise, Capitão — disse êle — e eu não queria ser o peixe que tentasse devorá-lo.

Ao regressarem ao bangalô, no crepúsculo do oitavo dia, Strangways aguardava-os na entrada.

— Tenho boas notícias pra você, Bond — disse êle. — Seu amigo Felix Leiter está passando bem. Pelo menos, está fora de perigo. Tiveram de amputar o que sobrou de um braço e de uma perna. Agora os médicos da cirurgia plástica começam a trabalhar pra recompor a cara dele. Telefonaram-me ontem de São Petersburgo. Leiter insistiu em lhe mandar um recado. Acho que foi a primeira coisa em que pensou quando tornou a si. Diz que lamenta não poder estar com você e recomenda-lhe que tenha cuidado para que não lhe aconteça o que aconteceu a êle.

A notícia confrangeu Bond, que voltou o rosto para a janela.

— Diga-lhe que fique bom logo — disse com brusquidão. — Diga-lhe que ele me faz muita falta. — Voltou a encarar Strangways. — E os troços que encomendei? Chegaram?

— Está tudo aqui — disse Strangways. — O Secatur zarpa amanhã para Surprise. Deve ancorar de tardinha, depois de obter permissão em Port Maria para entrar. Mr. Big está a bordo. É esta a segunda vez que ele vem pra cá. Ah, sim, vem também uma mulher. Uma moça chamada Solitaire, segundo informa a CIA. Sabe alguma coisa a respeito dela?

— Muito não — disse Bond. — Mas gostaria de tirá-la das garras dele. Ela não pertence ao grupo.

— Então é uma donzela em perigo — disse Strangways, romântico. — Grande! Diz o pessoal da CIA que ela é uma uvinha!

Mas Bond tinha ido para a varanda e contemplava as estrelas. Nunca tivera antes na vida tanto motivo para lutar. O segredo do tesouro, a derrota de um grande criminoso, o desbaratamento de uma quadrilha de espiões comunistas e a destruição de um tentáculo da SMERSH, a cruel engrenagem que era seu objetivo particular. E agora Solitaire, o prêmio pessoal ao fim de tudo.

As estrelas piscavam suas mensagens cifradas, mas ele não possuía a chave que as desvendava.



## BEAU DESERT

Strangways foi embora sozinho depois do jantar, e Bond concordou em que sairia com Quarrel ao clarear do dia. Strangways deixou uma nova pilha de livros e folhetos sobre tubarões e barracudas. Bond mergulhou na leitura com redobrada atenção.

Pouco acrescentaram às noções práticas que aprendera com Quarrel. Eram obras de cientistas, e os casos de ataques que registravam tinham sido testemunhados nas costas do Pacífico, onde o brilho de um corpo nas águas turvas da rebentação poderia estimular um peixe mais indiscreto.

Mas todos eram unânimes em afirmar que o perigo era bem menor para os que nadavam no fundo com equipamento respiratório do que para aqueles que nadavam na superfície. Estavam expostos ao ataque de qualquer espécime da família dos tubarões, em particular quando este era estimulado e excitado pelo sangue na água, pelo cheiro do nadador ou pela vibração sensorial de um corpo ferido. Mas os tubarões poderiam ser afugentados por ruídos estrepitosos abaixo da superfície e muitas vezes fugiam quando perseguidos.

O repelente mais eficaz, segundo as experiências do Laboratório de Pesquisas Navais dos Estados Unidos, era uma combinação de acetato de

cobre e corante de nigrosina, que vinha sendo aplicada ultimamente aos coletes salva-vidas das tropas norte-americanas.

Bond chamou a atenção de Quarrel. Mas o ceticismo do ilhéu de Caimão só se dissipou quando ouviu o relato das pesquisas, realizadas no fim da guerra, com cardumes de tubarões excitados por aquilo que o Departamento Naval classificava de "condições exacerbadoras do comportamento coletivo".

— "Empregamos refugos de peixe como chamariz" — leu Bond em voz alta. — Os tubarões surgiram logo, em bando, de todos os lados, fofos e barulhentos. Enchemos duas tinas. Numa estavam os peixes não contaminados, e na outra os peixes com o pó repelente. Aproximamo-nos do cardume, e o fotógrafo preparou a câmara. Durante trinta segundos agitei a primeira tina. Os tubarões precipitaram-se sobre ela com voracidade. Agitei, então, a segunda, aquela em que estavam os peixes e o repelente, também durante trinta segundos, e repeti o processo três vezes. Na primeira experiência, os tubarões continuaram a comer o peixe não contaminado e só pararam cinco segundos depois de lançado o repelente. Na segunda experiência, trinta segundos depois, alimentaram-se ferozmente enquanto lhes proporcionamos o peixe sem mistura, mas fugiram logo que o repelente bateu na água. Não houve ataque enquanto o repelente esteve na água. Na terceira experiência, os tubarões ficaram a mais de vinte metros da popa do bote, onde estavam as tinas".

Que acha disso — perguntou Bond.

— É. É conveniente arranjar um pouco dessa coisa — respondeu Quarrel, impressionado contra a vontade.

Bond estava disposto a concordar. Washington telegrafara informando que já enviara o repelente, mas este só chegaria daí a quarenta e oito horas. Se não chegasse a tempo, Bond não esmoreceria. Quando foi para a cama, estava convencido de que não seria atacado, a menos que houvesse sangue na água ou ele próprio transmitisse a algum peixe ameaçador a impressão de que estava amedrontado. Quanto ao polvo, escorpião, ou moréia, bastaria observar onde punha os pés. A seu ver, os espinhos do ouriço-do-mar eram os maiores riscos a que se expunham os nadadores submarinos nos trópicos, e as dores que eles causariam não seriam suficientes para interferir em seus planos.

Partiram antes das seis da manhã e chegaram a Beau Desert por volta das dez e meia.

Beau Desert era uma antiga e bela fazenda de cerca de mil acres. As ruínas de uma casa-grande imponente erguiam-se a cavaleiro da baía. As plantações resumiam-se a pimentão-doce e laranjeiras, dentro de uma moldura de madeiras-de-lei e palmeiras. Mas sua história remontava aos tempos de Cromwell. O nome romântico derivava da moda do século XVIII, quando as propriedades da Jamaica se chamavam Bellair, Bellevue, Boscobel, Harmony, Nymphenburg, ou eram batizadas com os nomes de Panorama, Contentamento ou Repouso.

Uma vereda, invisível da ilha, levou-os por entre as árvores à pequena casa de praia. Depois de uma semana de piquenique na Baía Manatee, os banheiros e a confortável mobília de bambu pareceram luxuosos, e os tapetes coloridos era como veludo sob os pés endurecidos de Bond.

Pelas rótulas da janela Bond contemplou o jardim chamejante de hibiscos, buganvílias e rosas, que terminavam na diminuta meia-lua de areia branca semi-obsurecida pelos troncos das palmeiras. A metade superior estava ensombrada pelas palhas pendentes no primeiro plano, mas a extensão de rochedo vertical, abrangida pela visão de Bond, aparecia cinzenta e formidável na meia sombra lançada pelo sol quente.

Quarrel preparou o almoço num fogão Primus para evitar que a fumaça os denunciasse. De tarde, Bond dormiu e, ao acordar, pôs-se a examinar os apetrechos vindos de Londres, que Strangways recebera em Kingston e enviara para Beau Desert. Vestiu, para experimentar, a indumentária preta, de borracha, do homem-rã, que o cobriu de alto a baixo, da cabeça envolta pelo elmo com visor Perspex até aos pés alongados pelas barbatanas negras. Ajustou-se feito uma luva, e Bond bendisse a eficiência da seção "Q" de M.

Verificaram os cilindros gêmeos, contendo cada um mil litros de ar puro comprimido a duzentas atmosferas, e Bond constatou que o manejo da válvula de distribuição de ar e do mecanismo de reserva era simples e à prova de acidente. Na profundidade em que iria operar, teria necessidade de provisão de ar para cerca de duas horas.

Havia uma espingarda nova e potente, marca Champion, e um punhal do tipo que Wilkinson projetara durante a guerra para os comandos. Finalmente, numa caixa revestida de etiquetas "Perigo", estava a pesada mina-ostrea, um cone liso com explosivo numa das bases, salpicado de saliências de cobre tão intensamente imantadas que fariam a mina aderir como visco a qualquer casco metálico. Havia também uma dúzia de de-

tonadores de metal do formato de uma lapiseira, cuja regulagem variava de dez minutos a oito horas, e um minucioso memorando de instruções tão simples como o resto das peças. Viera até uma caixa de tabletes de benzedrina para aumentar a capacidade de resistência e percepção no curso da operação, acompanhada de um variado sortimento de lanternas submarinas, inclusive uma que projetava um feixe de luz curto e da expes-sura de um lápis.

Bond e Quarrel examinaram cada peça minuciosamente, inspecio-nando juntas e contatos, até se convenceram de que não havia mais nada por fazer. Depois disso, Bond desceu até à praia e debaixo das árvores contemplou calmamente as águas da baía, conjecturando a respeito de profundidades, traçando rotas pelo arrecife interrompido e avaliando o curso da lua, que seria seu único ponto de referência no decorrer da tor-tuosa travessia.

Às cinco horas, Strangways chegou com notícias do Secatur.

— Já passaram em Port Maria — disse êle. — Deverão estar na bar-ra dentro de dez minutos. Mr. Big vem com passaporte no nome de Gallia e a moça no nome de Latrelle, Simone Latrelle. Ela não saiu do camarote. Estava prostrada. Diz o capitão negro do Secatur que era enjôo. Pode ser. Havia numerosos aquários vazios a bordo. Mais de cem. Fora disso, nada que pudesse despertar suspeitas, e eles receberam o visto. Quis ir a bordo como um funcionário da Alfândega, mas preferi deixar que eles tivessem a impressão de que a inspeção de hoje era igual à das outras ocasiões. Mr. Big não deixou o camarote um só momento. Quando foram examinar seus papéis, êle estava lendo. E os apetrechos, estão em ordem?

— Tudo perfeito — disse Bond. — Acho que entraremos em ação amanhã de noite. Espero que haja um pouco de vento. Se as bolhas de ar forem localizadas, estaremos fritos.

Quarrel entrou.

— Aí vem êle. Está na barra, Capitão.

Aproximaram-se da praia o quanto lhes permitiu a ousadia e olha-ram através do binóculos.

Era uma bela embarcação, negra com a superestrutura cinzenta, vinte e cinco metros de comprimento, desenhada para desenvolver ve-locidade — pelo menos vinte nós, calculou Bond. Êle conhecia a história do barco. Construído para um milionário em 1947, estava equipado com motores Diesel, casco de aço e os mais recentes aparelhos sem fios, inclu-



sive telefone de bordo para terra e navegador Decca. Trazia hasteados o pavilhão vermelho nos vaus reais e a bandeira norte-americana à popa, e desenvolvia cerca de três nós ao atravessar a barra.

Girou rapidamente na margem interna do arrecife e rumou para a parte da ilha voltada para o mar. Quando estava diante dela, virou e alcançou a ilha a bombordo. Ao mesmo tempo, três negros de calças brancas de brim desceram correndo a escadaria do rochedo e tomaram posição no estreito molhe para agarrar os cabos. Em pouco tempo o barco estava amarrado diante dos observadores situados na praia da baía, e as duas âncoras desciam ruidosamente entre as pedras e corais espalhados nas fundações da ilha. O barco estava bem protegido, até mesmo do vento norte. Bond avaliou em seis a sete metros a água debaixo da quilha.

Os três observadores viram o vulto gigantesco de Mr. Big assomar ao convés, caminhar para o molhe e lentamente galgar-os degraus alcançados. Parava de vez em quando, o que fez Bond pensar no penoso trabalho do coração enfermo dentro daquele imenso corpo pardacento.

Seguiam-no dois tripulantes negros, carregando um corpo amarrado numa padiola. Pelo binóculo Bond reconheceu o cabelo negro de Solitaire. Ficou preocupado e intrigado, ao mesmo tempo que sentiu um aperto no coração ao vê-la tão perto. Desejou que a padiola fosse apenas uma precaução para evitar que Solitaire fosse identificada.

Em seguida estabeleceu-se uma cadeia de doze homens distribuídos pela escada, e os aquários começaram a subir de um a um. Quarrel contou cento e vinte. Depois, pelo mesmo método, foram transportadas as provisões.

— Não levou muito tempo desta vez — comentou Strangways, quando a operação terminou. — Apenas meia dúzia de caixas. Geralmente sobem cerca de cinquenta. Acho que não vão demorar na ilha.

Mal acabara de falar, um aquário, que seus óculos de alcance revelaram estar quase cheio de areia e água, passou de volta para o navio, descendo a escada de mãos. Depois, outro, mais curto e mais outro, a intervalos de cinco minutos.

— Incrível! — exclamou Strangways. — Eles já estão carregando o navio. Isso significa que vão levantar ferros de manhã. É capaz de terem resolvido levar tudo o que resta, e é possível que esta seja a última carga.

Bond observou detidamente por alguns instantes. Depois, êle e Strangways afastaram-se calmamente, deixando Quarrel encarregado de

acompanhar a operação.

Sentaram-se na sala de estar e, enquanto Strangways preparava um uísque com soda, Bond olhava pela janela e punha em ordem seus pensamentos.

Eram seis horas. Os pirilampos começavam a brilhar nas sombras. A lua, de um amarelo desmaiado, já subia na banda do oriente, e o dia declinava velozmente. Uma brisa suave perpassava na baía, e os pequenos rolos de nuvens desfaziam-se em espuma na praia branca além do relvado. Algumas nuvens, róseas e alaranjadas no poente, vagueavam ao acaso, e as palhas das palmeiras estalavam ao sopro frio do Vento do Armador.

O Vento do Armador, pensou Bond e sorriu de esguelha. Então tinha de ser hoje de noite. A única oportunidade e as condições quase perfeitas. A única exceção era o repelente, que não chegaria a tempo. Mas isso era só um requinte. Não havia desculpa. Era para isto, afinal, que êle percorrera três mil e duzentos quilômetros e cinco mortes. Entretanto, sentia arrepios ao antever a sombria aventura no fundo do mar, que já tinha mentalmente adiado para o dia seguinte. De súbito, detestou e temeu o mar e tudo quanto havia nele. Os milhões de débeis antenas que se agitariam à sua passagem, os olhos que despertariam e o fitariam, os pulsos que parariam por um centésimo de segundo e recomençoariam a bater, as gavinhas gelatinosas que se moveriam às apalpadelas e o alcançariam, tão cegas na luz como nas trevas.

Iria palmilhar milhões e milhões de segredos. Em trezentos metros, na solidão e no frio, iria percorrer às tontas uma floresta misteriosa a caminho de uma cidadela fatal, cujos guardiães tinham assassinado três homens. Êle, Bond, após passar uma semana chapinhando na superfície do mar sob as vistas cuidadosas da ama, iria esta noite, dentro de poucas horas, marchar sozinho sob aquele negro lençol de água. Era uma loucura unimaginável. Sua carne encolheu-se, e os dedos cravaram-se nas palmas úmidas das mãos.

Soou uma pancada na porta, e Quarrel entrou. Bond alegrou-se ao levantar-se da cadeira perto da janela e caminhar até onde Strangways bebericava seu uísque debaixo de um quebra-luz.

— Estão trabalhando à luz das tochas agora, Capitão — disse Quarrel fazendo uma careta. — Ainda um tanque de cinco em cinco minutos. Imagino que levarão umas dez horas trabalhando. Vão terminar aí pelas quatro da manhã. Não zarparão antes das seis. É perigoso demais atraves-

sar a barra na escuridão.

Os olhos escuros acinzentados do esplêndido rosto de mogno de Quarre estavam presos aos de Bond, aguardando ordens.

— Sairei às dez em ponto — Bond se surpreendeu com a própria voz. — Das pedras à esquerda da praia. Será que você pode preparar o jantar e depois levar o meu material para o gramado? As condições são perfeitas. Em meia hora estarei do lado de lá. — Fêz uma conta nos dedos. — Me dê detonadores de cinco a oito horas. E o de quinze minutos que ficará de reserva para o caso de haver algum contratempo. Certo?

— Certo, Capitão — respondeu Quarrel. — Deixe isso comigo. Quarrel saiu.

Bond encarou a garrafa de uísque, depois decidiu-se e preparou uma dose de meio copo em cima de três cubos de gelo. Tirou do bolso a caixa dos tabletes de Benzedrina e enfiou um comprimido na boca.

— Preciso de sorte — disse êle a Strangways, e tomou um gole.

Sentou-se e apreciou o gosto forte e quente desse primeiro trago após mais de uma semana de abstinência.

— Agora — continuou — diga-me exatamente o que eles fazem quando estão prontos para zarpar, quanto tempo levam para deixar a ilha e atravessar a barra. Se esta é a última vez, não esqueça que terão que embarcar mais seis homens e alguma carga suplementar. Temos de calcular tudo da maneira mais exata possível.

E no momento seguinte Bond tinha mergulhado num mar de providências de ordem prática; a sombra de medo que o assaltara pouco antes havia fugido para os círculos escuros ao pé das palmeiras.

Exatamente às dez horas, dominado pela ansiedade e pela excitação, o vulto negro, rebrilhante e vampírico de Bond deslizou pelas pedras, enfiou-se nos três metros de água e desapareceu sob a superfície do mar.

— Vá em paz e a salvamento — disse Quarrel, persignando-se e fitando o local por onde Bond sumira. Depois, êle e Strangways voltaram para casa, onde iriam revezar-se na vigília, aguardando temerosos o desenrolar dos acontecimentos.



## O VALE DAS SOMBRAS

Bond foi direto ao fundo, arrastado pelo peso da mina, que prendera ao peito com fita adesiva, e pela correia chumbada que amarrara à cintura para corrigir a força ascensional dos cilindros de ar comprimido.

Sem parar um instante, passou como um raio pelos primeiros cinquenta metros de areia limpa, nadando a poucos centímetros do chão. As longas barbatanas dos pés teriam duplicado sua velocidade se não estivesse tolhido pelo peso que transportava e pela espingarda que trazia na mão esquerda. Ainda assim, em um minuto alcançou a sombra de um maciço de coral. Parou e examinou suas sensações.

Sentia calor dentro da indumentária de borracha, mais do que sentiria se estivesse nadando à luz do sol. Os movimentos eram desembaraçados e a respiração natural. Viu as denunciadoras bolhas de ar que subiam num jorro prateado e desejou que as ondas as ocultassem.

Na areia pudera ver com nitidez. A luz era branda e leitosa, mas insuficiente para desmanchar as sombras encarnetadas das ondas da superfície, que enxadrezavam o chão. Agora, rente ao arrecife, não havia reflexo do fundo, e as sombras debaixo das rochas eram negras e impenetráveis.

Arriscou uma olhadela rápida com a lanterna lapiseira e no mes-

mo instante revelou-se a vida fervilhante nas cavidades escuras da massa de coral. Anêmonas de núcleos vermelhos acenaram os veludosos tentáculos, uma colônia de negros ouriços-do-mar distendeu alarmada seus acerados espinhos, e uma peluda centopéia marinha surpreendeu a lenta caminhada e questionou com a cabeça cega. Na base da rocha um peixe-sapo recolheu ao funil a hedionda cabeça verrugosa, e as minhocas esconderam-se rapidamente em seus tubos gelatinosos. Uma ninhada de peixes-borboletas e peixes anjos esvoaçou sob o facho de luz, e Bond distinguiu a espiral achatada de uma estrêla-do-mar.

Enfiou de novo a lanterna no cinturão.

Acima de sua cabeça, a superfície do mar era um lençol de azougue e crepitava como gordura posta a fritar numa caçarola. O clarão da Lua faiscava na profundidade do vale tortuoso que se enviesava à sua frente. Bond abandonou o abrigo da árvore de coral e avançou cautelosamente. Agora não era tão fácil. A luz era enganosa. A floresta petrificada do arrecife estava cheia de becos sem saída e de avenidas convidativas mas ilusórias.

Às vezes era forçado a subir quase até à superfície a fim de transpor uma cerrada galharia de coral. Quando isto acontecia, aproveitava para conferir sua posição com a lua, que refulgia na água como estilhaços de um foguete descomunal. Outras vezes, a saliência de um rochedo lhe dava abrigo e ele descansava alguns momentos, sabendo que a protuberância acima da água esconderia a espuma de suas bolhas de ar. Concentrava a atenção nos fosforescentes rabiscos da vida noturna submarina e percebia colônias e populações inteiras entretidas em suas microscópicas atividades.

Não havia peixe grande nas imediações, mas inúmeras lagostas deixavam as locas e assumiam proporções gigantescas e pré-históricas, vistas através das lentes de aumento da água. Os olhos pedunculados dardejavam, e as antenas finas e compridas avançavam para Bond como a pedir que lhe repetisse a senha. Algumas, nervosas, recuavam apressadas até seus esconderijos, revolvendo a areia com as caudas, e acoravam-se nas pontas das patas cabeludas, esperando que passasse o perigo. Certa feita, os fios de uma caravela quase lhe alcançavam a cabeça. Bond lembrou-se da sensação de chicotada que experimentara ao contato de um desses fios e do queimor que lhe consumira três dos dias passados na Baía Manatee. Viu várias moréias, verdes e mosqueadas, estas deslizando

pela areia como cobras pretas e amarelas, e as primeiras desencavando os dentes de algum buraco na pedra. Adiante avistou diversos baiacus, que lembravam mochos pardos de grandes olhos verdes e plácidos. Pichou um deles com a ponta da espingarda, e o animal inchou até ficar do tamanho de uma bola de futebol e se transformar numa perigosa massa de espinhos brancos. Largas gorgônias flutuavam nos redemoinhos e, ao imergirem nos vales cinzentos sob os raios da lua, ondulavam como fragmentos espectrais das mortalhas de homens sepultados no mar. Com frequência registravam-se nas sombras movimentos pesados e inexplicados torvelinhos súbitos e o fulgor repentino de olhos enormes que logo se fechavam. Nesses instantes Bond rodopiava, soltava o registro de segurança da espingarda e perscrutava a escuridão em volta. Mas não disparava contra coisa alguma; nada o atacava enquanto êle embarafustava pelo rochedo resvaladiço.

Levou um quarto de hora para atravessar os cem metros do maciço de coral. Quando chegou ao outro lado e pôde descansar, alegrou-se por ter à sua frente apenas uns cem metros de água cinzento-clara. Sentia-se bem disposto e ainda o acompanhavam a vivacidade e a clareza de raciocínio produzidas pela Benzedrina; mas como a sensação de perigo o acompanhara enquanto passava pelo arrecife, tinha sempre em mente a possibilidade de vir a rasgar-se sua indumentária de borracha. Agora, a navalhante floresta de coral seria substituída por tubarões e barracudas, ou talvez por uma carga de dinamite colocada no centro do jorro das bo-lhas de ar que chegavam à superfície.

Foi enquanto avaliava os riscos acima de sua cabeça que o polvo o agarrou, envolvendo-lhe ambos os calcanhares.

Estava sentado com os pés estirados na areia e, de repente, sentiu-os manietados junto à base do cogumelo de coral em que repousava. Quando compreendeu o que tinha acontecido, um tentáculo subia-lhe pela perna e outro, rubro na claridade fosca, enovelava-se no pé esquerdo.

Teve um sobressalto de terror e nojo. Imediatamente pôs-se de pé, forcejando por andar. Mas não só lhe era impossível afastar-se, como seus movimentos davam ao polvo oportunidade de lhe apertar mais ainda os calcanhares. A força do bruto era prodigiosa, e Bond começou a perder o equilíbrio. Viu que num momento seria jogado de cara no chão e, tolhido pela mina presa ao peito e pelos cilindros as costas, seria quase impossí-

vel libertar-se.

Puxou o punhal do cinto e passou a dar golpes entre as pernas; mas o ressalto da rocha atrapalhava-o. Receou rasgar a borracha que o protegia. De repente, foi derrubado na areia e começou a ser arrastado pelos pés para uma fenda lateral. Bracejou na areia e procurou abrir campo para agir com o punhal. Mas foi impedido pela mina que carregava pouco abaixo do pescoço. Quase em pânico, lembrou-se da espingarda. Até então, ela lhe parecera uma arma inútil para aquela distância, mas agora não tinha alternativa. Ela estava na areia onde êle a tinha abandonado. Puxou-a para si e destravou-a. A mina dificultava a pontaria. Então enfiou o cano entre as pernas e, com a ponta, procurou localizar o espaço entre um pé e outro. Imediatamente um tentáculo agarrou o aço e começou a puxar. A arma escorregou por entre seus pés algemados, e Bond disparou às cegas.

Seguiu-se uma grande nuvem de tinta viscosa, que esguichou da fenda e lhe atingiu o rosto. Mas libertou uma perna, depois a outra, e conseguiu pegar o cabo da arma presa sob a pedra. Depois de muito esforço, arrastou a espingarda, que saiu do buraco trazendo na ponta uma posta de carne. Ofegando, ergueu-se e afastou-se do rochedo. O suor inundava-lhe o rosto sob a máscara. As bolhas denunciadoras chegaram rapidamente à superfície, e êle amaldiçoou o imundo morador daquela toca.

Mas não tinha tempo a perder. Carregou outra vez a arma e pôs-se a caminho, com a lua acima do ombro direito.

Agora avançava velozmente através da água enevoada, preocupado somente em manter o rosto alguns centímetros acima da areia e o corpo na posição correta. A certa altura observou, pelo canto do olho, uma raia-lixo do tamanho de uma mesa de pingue-pongue mover-se pesadamente a seu lado, batendo como um pássaro as pontas das grandes asas sarapintadas e desfraldando a comprida cauda cornífera. Não deu atenção, lembrado de que Quarrel lhe havia dito que a raia só ataca para se defender. Achou que ela provavelmente transpusera o arrecife para pôr seus ovos, ou "bolsas de sereia", como são chamados pelos pescadores por terem a forma semelhante a um travesseiro, munido de um fio negro e duro em cada canto.

Inúmeras sombras de peixes graúdos cruzavam preguiçosamente a areia enluarada, alguns do tamanho de um homem. Quando um deles o acompanhou, pelo menos durante um minuto, Bond virou-se e avistou



a barriga branca de um tubarão, que a pouco mais de três metros acima de sua cabeça pairava como um dirigível cônico e esverdeado. Enterrava curioso a narina rombuda na corrente das bolhas de ar que subiam. A boca talhada como uma foicinha assemelhava-se a uma cicatriz. Inclinando-se para um lado, fixou em Bond um olho róseo e duro. Depois agitou a segadeira da cauda e enveredou lentamente para a muralha de bruma cinzenta.

Bond assustou uma família de calamares, em que o mais velho pesava cerca de três quilos e o mais moço uns cento e cinquenta gramas, todos frágeis e luminosos na penumbra, suspensos numa linha quase vertical. Eles se endireitaram e sumiram como impelidos por propulsão a jato.

Ao atingir a metade da distância do arrecife à ilha, Bond parou um momento. Quando reencetou a viagem, notou que estava cercado de barracudas, algumas grandes, até de dez quilos. Pareceram-lhe tão fatais como êle as recordava. Resvalavam na superfície como submarinos prateados e dirigiam para o fundo seus olhos irados de tigre. Estavam curiosas a respeito dele e das bolhas, e seguiam-no de cima e de lado como um bando de lobos silenciosos. No momento em que Bond deparou com o primeiro trecho de coral, o que significava que estava bem próximo da ilha, devia haver umas vinte barracudas à sua volta, todas movendo-se sem ruído e vigilantes, dentro e fora do muro opaco que o cercava. A pele encolheu-se sob a borracha negra; mas não havia nada que êle pudesse fazer para livrar-se delas. O melhor era concentrar-se em seu objetivo.

Súbito, uma forma metálica ergueu-se na água acima de sua cabeça. Por trás, uma saliência de rocha polida elevava-se a pique.

Era a quilha do Secatur. O coração de Bond bateu com violência.

Olhou para o relógio Rolex que trazia no pulso. Passavam três minutos das onze horas. Escolheu o detonador regulado para sete horas e encaixou-o no alojamento da mina. Enterrou na areia os outros detonadores que tinha no bolso. Se fosse capturado com eles, a mina seria descoberta.

Quando tomou impulso para subir, notou grande rebuliço às suas costas. Logo em seguida quase era tingido por uma barracuda, que passou com a boca entreaberta e os olhos fixos em alguma coisa atrás dêle. Mas Bond só estava interessado em alcançar determinado ponto no centro da quilha da embarcação.

A mina, cujos magnetes poderosos a impeliavam para o beijo metálico no casco, quase o arrastou. Bond teve de resistir com todas as forças de que era capaz para evitar a colisão. Afinal, conseguiu colocá-la no lugar sem fazer barulho. Desfeito do peso que carregara até ali, precisou nadar com ímpeto para chegar outra vez ao fundo.

Foi ao voltar-se na direção das hélices, à procura de abrigo nos rochedos, que tomou conhecimento das coisas terríveis que se passavam à sua retaguarda.

As barracudas davam a impressão de ter enlouquecido. Turbilhonavam e atiravam-se umas às outras como cães raivosos. Três tubarões, que se tinham juntado à matilha, saltavam frenéticos. A poucos passos de Bond, a água fervia com o tumulto dos peixes. Com as rabanadas que se sucediam rentes a seu corpo, ele sabia que em poucos minutos iria ficar sem uma parte da indumentária de borracha e sem um pedaço da sua própria carne. Sabia que, depois disso, os peixes o devorariam.

"Condições exacerbadoras do comportamento coletivo" — a expressão do Departamento Naval acudiu-lhe à mente. Era este o momento em que ele poderia escapar empregando o repelente específico. Sem isto, restavam-lhe talvez alguns minutos de vida.

Em desespero, Bond precipitou-se ao longo da quilha, destravando o registro de segurança da espingarda, que era agora apenas uma arma de brinquedo em face dessa horda enlouquecida de peixes canibalescos.

Alcançou as duas grandes hélices de cobre e arrimou-se a uma delas, ofegante, a boca entreaberta num esgar de medo, os olhos dilatados diante do frenesi do oceano que fervia a seu redor.

Viu que as bocas dos peixes enfurecidos estavam abertas e que eles saltavam e mergulhavam no interior de uma nuvem pardacenta que se espalhava à tona da água. Perto dele, deteve-se um instante uma barracuda, segurando algo escuro e cintilante entre os dentes. Depois, engoliu e retornou para o meio da confusão.

Ao mesmo tempo, Bond reparou que escurecia. Olhou para o alto e então entendeu o que se passava. O mercúrio da superfície do mar fora substituído pelo vermelho, um vermelho vivo, lustroso e horrendo.

Fiapos daquela substância carmesim derivavam na corrente. Com a ponta da arma puxou alguns para perto de sua máscara de vidro.

Não teve mais dúvidas.

Lá em cima, alguém atirava na água sangue e vísceras.

## A CAVERNA DE MORGAN

Imediatamente Bond compreendeu porque as barracudas e os tubarões emboscavam-se em volta da ilha, como esse banquete noturno mantinha-os sedentos de sangue e porque, desafiando todas as explicações plausíveis, os três homens tinham dado na praia, semidevorados pelos peixes.

Mr. Big tinha mobilizado as forças do mar em seu socorro. Era uma invenção típica dele — imaginosa, tecnicamente segura e fácil de pôr em funcionamento.

No momento mesmo em que Bond fazia essas considerações, recebeu violento golpe no ombro. Virou-se a tempo de ver uma barracuda de uns dez quilos afastar-se dele com uma porção de borracha misturada com carne, presa entre os dentes. Bond não sentiu dor ao largar a hélice e procurar abrigo nos rochedos, mas assaltou-o uma sensação de mal-estar ao pensar em que parte de seu corpo era estraçalhada por aquela serra de dentes afiados. A água começou a correr entre a borracha e a pele. Não demoraria muito a alcançar o pescoço e invadir a máscara.

Já ia desistir de tudo e romper os sete metros de água que o separavam da superfície quando avistou, à sua frente, uma ampla grêta nas rochas. Ao lado dela havia um bloco de pedra, atrás do qual Bond se es-

condeu. Mal alcançara o abrigo, teve de voltar-se para enfrentar a mesma barracuda, que investia outra vez, com a boca escancarada para nova mordida.

Bond disparou a arma, incontinenti. As correias de borracha correram pelo cano, e o arpão farpado apanhou em cheio o centro da bocarra, varando-a e encravando metade do cabo e da linha.

Interceptada a um metro da barriga de Bond, a barracura tentou fechar a queixada com uma violenta sacudidela da cabeça. Depois atirou-se para um lado, num ziguezague louco, arrastando o arpão e a linha que arrancou das mãos de Bond. Em menos de cem metros, os outros peixes a devorariam.

Bond deu graças a Deus. O ombro estava agora empapado de sangue. Em poucos segundos, os peixes sentiriam o cheiro. Deu a volta ao bloco, pensando em escalar o molhe e ocultar-se acima do nível do mar o tempo suficiente para imaginar novo plano.

Foi então que enxergou a caverna escondida pelo penedo.

Na realidade era quase uma porta de acesso à base da ilha. Se não estivesse tratando de salvar a pele, Bond teria esquadrinhado a entrada. Mas, nas circunstâncias, o que fez foi mergulhar no buraco e só parou quando se viu à distância.

Então, ficou de pé na areia mole e acendeu a lanterna. Era admissível que um tubarão o seguisse, mas o espaço estreito da caverna provavelmente o afugentaria. Sem dúvida, se penetrasse ali não o faria precipitadamente, pois até mesmo o tubarão evita arriscar o couro resistente entre as pedras, e Bond poderia enfrentá-lo com o punhal.

Iluminando o teto e as paredes da caverna, Bond compreendeu que ela deveria ter sido modelada ou concluída pela mão do homem. Conjeturou que teria sido cavada do centro da ilha para o exterior.

— Pelo menos mais vinte metros, rapazes — Morgan devia ter dito aos feitores dos seus escravos. E então as picaretas teriam subitamente sido tragadas pelo mar, e numerosos braços e pernas e bocas uivantes, amordaçadas para sempre pelas águas, teriam rolado pelas pedras, juntando-se aos cadáveres de outras testemunhas.

O grande bloco à entrada teria sido posto ali para selar a comunicação com o mar. O pescador da Baía dos Tubarões, que desaparecera inesperadamente há seis meses, devia ter encontrado o penedo fora da posição habitual, afastado talvez por uma tempestade ou pelas vagas pro-

vocadas por algum furacão. Depois, descoberto o tesouro, teria verificado a necessidade de recorrer à ajuda de alguém para removê-lo. Um branco talvez o espoliasse. Seria melhor procurar o famoso gangster negro do Harlem e negociar com êle um acordo. O ouro pertencia aos negros que tinham dado a vida para ocultá-lo. Deveria ser devolvido a eles agora.

De pé, oscilando ao sabor da corrente, Bond calculou que mais um tonel de cimento devia ter sido atirado ao leito do Rio Harlem.

Foi então que escutou os tambores.

Ainda quando estava do lado de fora, perseguido pelos peixes, tinha ouvido um tantã que aumentou de intensidade assim que êle penetrou na caverna. Julgara que era somente o ruído das ondas batendo de encontro às fundações da ilha. Além disso, tinha tido outras coisas em que pensar. Agora, porém, distinguia um ritmo definido, que ressoava e se avolumava à sua volta, num troar abafado, como se êle próprio estivesse aprisionado no interior de um vasto bombo. A água parecia vibrar. Bond fêz algumas conjecturas acerca dos propósitos dessa percussão. Era um excelente engodo, quando os intrusos se aproximavam, para atrair e excitar mais ainda os peixes. Quarrel lhe contara que os pescadores costumavam bater com os remos nos costados das canoas a fim de despertar e chamar os peixes. E ao mesmo tempo atuaria como um aviso sinistro, inspirado no culto vodu, aos que moravam na baía. Tornava-se duplamente eficaz quando o corpo surgia na praia no dia seguinte.

Outro dos requintes de Mr. Big, pensou Bond. Outra centelha saída daquele cérebro extraordinário.

Pois bem, pelo menos agora Bond sabia onde se encontrava. Os tambores indicavam que êle tinha sido localizado. O que pensariam Strangways e Quarrel ouvindo-os? Estariam suando frio. Bond calculou que os tambores representavam algum estratagema. Ainda bem que havia conseguido a promessa de que os dois não interfeririam, a menos que o Secatur deixasse o porto incólume. Isso significaria que todos os planos de Bond tinham falhado. Dissera a Strangways onde o ouro estava escondido e que interceptasse o navio em alto mar.

Agora o inimigo estava alerta, mas não saberia quem era êle nem que êle ainda estava vivo. Bond admitiu que teria de prosseguir, quando nada, para impedir a todo o custo que Solitaire embarcasse no navio condenado.

Consultou o relógio. Passava meia hora da meia-noite. Tinha a im-

pressão de que fazia uma semana que iniciara aquela viagem solitária através de um oceano de perigos.

Apaupou a Bereta sob a capa de borracha e receou que ela tivesse sido avariada pela água que penetrara através do rasgão aberto pelos dentes da barracuda.

Com o ressoar dos tambores a aumentar a cada instante, Bond aprofundou-se na caverna, iluminando com a lanterna o caminho à sua frente.

Tinha avançado uns dez metros, quando notou um brilho na água. Tateou com a lanterna e deu alguns passos cautelosos para a frente. O chão arenoso da caverna começava a elevar-se, e a cada metro a luminosidade aumentava. Podia enxergar agora uma multidão de pequenos peixes a nadar a seu redor. Mais adiante, eles fervilhavam na água, com certeza atraídos ao interior da caverna pelo clarão. Pelas frinchas das rochas alguns caranguejos mexiam os olhinhos, e um filhote de polvo achata-se no teto como uma estrela fosforescente.

Então Bond avistou a extremidade da caverna e, mais além, uma piscina iluminada, cujo fundo de areia branca era claro como o dia. A vibração dos tambores aumentava. Êle parou à sombra da entrada e viu que estava a poucos centímetros da superfície e que havia reflexos de lâmpadas na piscina.

Estava num dilema. Se desse mais um passo à frente seria avistado por quem estivesse olhando a piscina. E enquanto estudava a situação, contemplou horrorizado um fiapo vermelho de sangue, que saía de seus ombros e derivava para a piscina. Esquecera a ferida, e agora ela principiava a latejar. Quando moveu o braço, sentiu-o doer em toda a extensão. Havia também as bolhas que escapavam dos cilindros, mas êle esperava que elas passassem despercebidas ao explodirem na superfície.

Ouviu uma violenta pancada na água, e em poucos segundos viu avançarem na sua direção dois negros nus, com as máscaras de vidro afixadas aos rostos e brandindo punhais como se fossem lanças.

Antes que sua mão alcançasse a faca que trazia ao cinto, eles lhe seguraram os braços e o empurraram para a superfície.

Inerme e desarvorado, Bond deixou-se arrastar através da piscina para fora da água. Os dois homens puseram-no de pé na areia dura e rasgaram-lhe os fechos da roupa. Arrancaram-lhe o capacete e o coldre. E de repente êle se achou de pé sobre os frangalhos de sua pele preta, feito

uma cobra descascada, nu, apenas com um minúsculo calção de natação. O sangue escorria do buraco denteado em seu ombro esquerdo.

Quando lhe derrubaram o capacete, Bond ficou quase surdo com o ribombo martelado dos tambores. O ruído apoderou-se dele, penetrou-lhe o sangue. O ritmo sincopado e em aceleração galopava e latejava em suas veias. Parecia suficiente para despertar toda a Jamaica. Bond fez uma careta e procurou travar os sentidos contra aquela tempestuosa barulheira. Em seguida, os guardas fizeram-no dar meia-volta, e êle se deparou com uma cena tão fantástica que o som dos tambores se desvaneceu e todo o seu poder de percepção concentrou-se nos olhos.

No primeiro plano, sentado numa cadeira de dobrar, atrás de uma mesa de jogo coberta com uma baeta verde, sobre a qual espalhavam-se pilhas de papel, Mr. Big segurava uma pena na mão direita e fitava Bond sem revelar curiosidade. Trajava um terno de tropical castanho claro, feito sob medida, uma camisa branca e uma gravata de tricô de sede preta. Descansava o queixo largo na mão esquerda e olhava para Bond como se tivesse sido perturbado em seu gabinete por um funcionário que lhe viesse pedir aumento de salário. O olhar era cortês mas ligeiramente entediado.

A poucos passos dele, sinistra e incongruente, a efigie do Barão Samedi, ereta numa pedra, como um espantalho, encarava Bond por baixo do chapéu-côco.

Mr. Big baixou a mão que escorava o queixo. Seus olhos grandes e dourados examinaram Bond da cabeça aos pés.

— Bom dia, Mr. James Bond — disse êle afinal, erguendo a voz sem emoção no tumulto decrescente dos tambores. — A mosca conseguiu de fato chegar até onde está a aranha, ou, talvez possa dizer com mais propriedade, a sardinha até a baleia. O senhor deixou uma esteira bem visível de bolhas de ar ao transpor o arrecife.

Reclinou-se na cadeira e calou-se. Os tambores bateram alguns instantes de leve e tornaram a estrondar.

Então tinha sido a luta com o polvo que o denunciara. O cérebro de Bond registrou automaticamente o fato, enquanto seus olhos afastavam-se do homem sentado à mesa.

Encontrava-se num compartimento de pedra, amplo como uma igreja. Metade do chão era tomado pela piscina branca e clara, da qual tinha saído, e que assumia a tonalidade da água-marinha e se esverdeava

ao aproximar-se da negra fenda da entrada submarina. Havia a estreita faixa de areia na qual estava de pé, e o resto do piso era de rocha lisa, salpicada de estalagmites brancas e cinzentas.

Pouco atrás de Mr. Big, degraus íngremes levavam a um teto abobadado, do qual pendiam curtas estalactites calcárias. De seus bicos alvos pingavam gotas intermitentes de água, que caíam na piscina ou nas pontas das estalagmites que as contemplavam do chão.

Uma dúzia de lâmpadas de arco voltaico, fixas nas paredes, arrancavam reflexos dourados dos bustos nus de um grupo de negros, colocados à esquerda no piso de pedra; seus olhos revirados espiavam Bond e seus dentes mostravam-se em sorrisos deliciados e cruéis.

Circundando-lhes os pés negros e avermelhados, nos escombros de madeira entulhada, argolas enferrujadas, tiras de couro mofadas e farapos de lona, surgia um mar flamejante de moedas de ouro — metros, pilhas, cascatas de moedas, do meio das quais as pernas negras erguiam-se como se tivessem feito uma parada no centro de uma fogueira.

Ao lado delas empilhavam-se fileiras e fileiras de tabuleiros rasos. Alguns jaziam no chão, parcialmente cheios de moedas de ouro, e, no primeiro degrau, um negro, que interrompera a subida, segurava nos braços um tabuleiro abarrotado como se o oferecesse à venda.

Mais para a esquerda, a um canto do aposento, dois negros estavam de pé, junto a um bojudo caldeirão de ferro, cujo fundo, suspenso acima de três maçaricos sibilantes, era de um vermelho incandescente. Os dois homens sustentavam nas mãos escumadeiras de ferro, atulhadas de ouro até à metade dos longos cabos. Ao lado deles, erguia-se um montão de objetos de ouro: travessas, retábulos, cálices, cruzeiros e lingotes de vários tamanhos. Ao longo da parede viam-se bandejas de resfriamento de metal, cujas superfícies segmentadas emitiam intenso brilho amarelo. No chão, perto do caldeirão, estavam um tabuleiro vazio e uma concha comprida, borrifada de ouro, com o cabo amarrado de pano.

Acocorado no chão, perto de Mr. Big, um negro tinha uma faca numa das mãos e uma taça recamada de jóias na outra. Junto dele, num prato de estanho, uma pilha de pedras preciosas produzia cintilações baças, vermelhas, azuis e verdes, à luz das lâmpadas.

Estava quente e abafado no vasto compartimento de pedra. Entretanto, Bond sentiu um calafrio depois que seus olhos apanharam todo o esplendor do cenário: a rutilância do branco violáceo das lâmpadas de



arco voltaico, o bronze bruxuleante dos corpos suados, o claro fulgor do ouro, o arco-íris das pedras preciosas e a leitosa água-marinha da piscina. Estremeceu ante a beleza de tudo, ante o fabuloso ballet petrificado da caverna do tesouro do sanguinário Morgan.

Seus olhos retornaram ao quadrilátero de baeta verde e ao rosto enorme do zumbi, e o encararam com temor respeitoso, quase com reverência.

— Parem os tambores — disse o Big Man, sem se dirigir a ninguém em particular. O tantã estava reduzido a um sussurro, a um ceceio que acompanhava a palpitação do sangue nas veias. Um dos negros deu duas passadas surdas entre as moedas de ouro e curvou-se para uma radiola portátil que estava no chão, tendo ao lado um potente amplificador, encostado à parede. Ouviu-se um estalido e os tambores cessaram. O negro fechou a tampa do maquinismo e voltou para seu lugar.

— Voltem ao trabalho — ordenou Mr. Big.

Imediatamente todos os vultos puseram-se em movimento como se obedecesse a um comando automático. O caldeirão crepitou, o ouro tilintou nos vasilhames, o homem picou atarefado as pedrarias da taça, e o negro do tabuleiro de moedas subiu a escada.

Gotas de sangue e suor pingavam do corpo de Bond.

O Big Man debruçou-se sobre seus papéis e com a pena rabiscou alguns algarismos.

Bond mexeu-se ao sentir a picada de uma lâmina à altura dos rins.

O Big Man largou a pena, ergueu-se lentamente e afastou-se da mesa.

— Assuma — disse êle para um dos guardas de Bond.

O homem caminhou para a mesa, sentou-se na cadeira de Mr. Big e apanhou a pena.

— Traga-o pra cima — ordenou Mr. Big ao outro guarda, dirigiu-se depois para a escada e começou a subir vagarosamente.

Bond sentiu uma picada na ilharga. Afastou-se dos farrapos de sua pele preta e marchou atrás de Mr. Big.

Ninguém desviou a vista da tarefa que estava executando. Ninguém seria capaz de negligenciar o trabalho ou esconder uma jóia ou uma moeda na boca quando Mr. Big estivesse ausente.

O Barão Samedi supervisionava tudo.

Apenas seu zumbi deixara a caverna.



## "MUITO BOA-NOITE A AMBOS"

Subindo vagarosamente uns treze metros, passaram por uma porta aberta perto do teto e pararam num grande patamar de pedra. Aqui um negro, tendo ao lado uma lâmpada de acetileno, colocava os tabuleiros abarrotados de moedas de ouro no fundo dos aquários, muitos dos quais estavam arrumados ao longo da parede.

Enquanto Bond e o guarda esperavam que Mr. Big descansasse, dois negros desceram os degraus, apanharam um dos aquários preparados e tornaram a subir.

Bond calculou que no topo da escadaria outros homens deviam recobrir de areia, algas e peixes a metade superior dos aquários e entregá-los à cadeia humana estendida no declive escarpado da penedia. Reparou que alguns aquários continham lingotes de ouro arrumados no fundo, enquanto outros encerravam uma cascalheira de pedrarias, e fez uma revisão em sua estimativa do tesouro, orçando-lhe o valor em quatro milhões de esterlinos.

Mr. Big parou alguns minutos, fitando o piso de pedra. Sua respiração era funda mas controlada. Depois, reiniciou a subida. Vinte degraus acima, havia outro patamar, menor do que o anterior, conduzindo para uma porta de ferro, gradeada, corroída pela ferrugem. Bond notou a cor-

rente e o cadeado novos.

Mr. Big estacou outra vez, e os três homens ficaram lado a lado na pequena plataforma.

Por um segundo Bond pensou em fugir, mas, como se lesse o que se passava em sua mente, o guarda encostou-o à parede, longe de Mr. Big. Bond sabia que seu primeiro dever era continuar vivo para chegar até Solitaire e descobrir um meio de impedir que ela embarcasse no navio condenado, em cujo casco o ácido já começara a roer o cobre do detonador.

Pela abertura no alto da escadaria descia uma corrente de ar frio, que pouco a pouco secava o suor do corpo de Bond, que, indiferente à picada do punhal do guarda, levou a mão direita à ferida do ombro. O sangue estava seco e coagulado, e o braço quase todo entorpecido. A ferida continuava a doer.

Mr. Big falou.

— Esse vento, Mr. Bond — e apontou para a abertura no alto — é conhecido em toda a Jamaica como "O Vento do Armador".

Bond deu de ombros e não respondeu.

Mr. Big voltou-se para a porta de ferro, tirou uma chave do bolso e abriu o cadeado. Entrou, seguido por Bond e seu guarda.

A peça era um estreito corredor, onde se viam nos pés das paredes, a intervalos de menos de um metro, velhos grilhões enferrujados.

No fundo do corredor, iluminado por um lampião fixo no teto de pedra, jazia imóvel no chão um vulto coberto por um lençol. Outro lampião pendia sobre suas cabeças, junto à porta. O mais era o cheiro da umidade das rochas, das torturas e das mortes de outrora.

— Solitaire — sussurrou Mr. Big.

Bond estremeceu e quis avançar, mas foi contido por uma mão forte que lhe agarrou o braço.

— Nem um passo — disse o guarda, torcendo o punho de Bond pelas costas e levantando-o à altura das omoplatas. Bond respondeu com um coice do calcanhar esquerdo, que ficou mais doído do que a canela do outro.

Mr. Big virou-se para os dois, com um revólver quase escondido na mão enorme.

— Solte-o — ordenou calmamente. — Se deseja um umbigo a mais, Mr. Bond, não faça cerimônias. Trago seis nesta arma.

Bond passou roçando pelo Big Man. Solitaire já estava de pé e vinha ao encontro dele. Quando ela viu o rosto de Bond, deu um soluço, precipitou-se para êle e quase lhe caiu aos pés. Bond segurou-a pelas mãos.

— Vá buscar uma corda — disse Mr. Big no vão da porta.

— Está tudo bem, Solitaire — disse Bond, sabendo que não estava.  
— Está tudo bem. Estou aqui agora.

Susteve-a à distância do braço estendido e encarou-a. Ela estava pálida e despenteada. Tinha uma equimose na testa e círculos pretos sob os olhos. As lágrimas caídas pelo rosto encardido deixavam marcas na lividez da pele. Estava sem pintura. Usava um vestido branco de linho e sandálias. Olhava para êle.

— Que é que esse porco fez com você — perguntou Bond e puxou-a para si. Ela enterrou a cabeça no pescoço dele afagou-lhe os ombros, mas logo em seguida retirou as mãos e observou-as.

— Mas você está ferido — disse ela. — O que foi isso?

Virou-o de leve para um lado e notou o sangue negro no ombro e no braço.

— Oh, meu querido, o que é isso? — e rebentou num choro convulso, de abandono e desespero, compreendendo de súbito que ambos estavam perdidos.

— Amarre-os ordenou o Big Man, sem sair da porta. — Aqui, sob o lampião. Tenho algumas coisas a dizer aos dois.

O negro aproximou-se, e Bond se voltou. Valia a pena arriscar? O negro tinha somente a corda nas mãos. Mas o Big Man afastara-se para um canto e observava-o, o braço caído e a arma apontando para o chão.

— Não, Mr. Bond — disse êle com naturalidade.

Bond mediu o negro com o olhar e pensou em Solitaire e no ombro ferido.

O negro deu um passo, e Bond deixou que êle lhe amarrasse as mãos nas costas. Os nós, bem apertados, feriam-lhe os pulsos.

Bond sorriu para Solitaire e piscou um olho. Era pura bravata, mas êle vislumbrou uma vaga esperança através das lágrimas dela.

O negro empurrou-o para a porta.

— Ali — disse Mr. Big, assinalando um dos grilhões.

O negro deu uma canelada nas pernas de Bond, que caiu sobre o ombro ferido. Arrastou-o depois para o tronco, no qual prendeu-lhe os

calcanhares. Pegou a faca, que deixara numa fenda do piso, cortou a corda e dirigiu-se para onde estava Solitaire.

Bond ficou sentado no chão, as pernas estiradas para a frente, os braços levantados e amarrados às costas. O sangue escorria da ferida recém-aberta. Apenas o que ainda restava do tablete de Benzedrina impedia que êle desmaiasse.

O negro amarrrou Solitaire e colocou-a quase defronte de Bond. A distância entre os pés de ambos era de mais ou menos um metro.

O Big Man consultou o relógio.

— Saia — ordenou ao guarda, fechou a porta de ferro depois que o homem saiu e encostou-se nela.

Bond e a moça trocaram um olhar, e o Big Man encarou os dois.

Após um de seus prolongados silêncios, Mr. Big dirigiu a palavra a Bond, e este levantou a vista. A avantajada cabeça cinzenta e redonda, debaixo do lampião, como que suspensa no ar, com os olhos dourados ardendo intensamente e o resto do corpo gigantesco mergulhado na sombra, parecia um espectro elementar e maligno, saído do centro da Terra. Bond teve de recordar que ouvira bater o coração daquele homem, que escutara sua respiração e que vira o suor correr na pele pardacenta. Não era mais do que um homem, da mesma espécie dos outros homens, um homem descomunal, com um cérebro privilegiado, mas, ainda assim, um homem que andava e defecava, um simples mortal que sofria do coração.

A boca larga e elástica abriu-se, e os beiços chatos, ligeiramente revirados, deixaram à mostra os dentes alvos e grandes.

— O senhor é o melhor de quantos até aqui foram enviados contra mim — disse Mr. Big. A voz era calma, pensativa, medida. — E matou quatro dos meus assessores. Meus seguidores consideram incrível a façanha. Já era tempo de acertarmos nossas contas. O que aconteceu ao americano não foi suficiente. A traição desta moça — disse isto sem desviar os olhos de Bond — que encontrei na sarjeta e para quem reservei um lugar à minha direita, também lançou a dúvida sobre minha infalibilidade. Estava eu meditando num tipo de morte para ela, quando a Providência, ou o Barão Samedi, como crêem meus seguidores, enviou o senhor também ao altar, a cabeça curvada, pronta para o machado.

A boca fêz uma pausa, os beiços separados. Bond viu os dentes juntarem-se para formar a palavra seguinte.

— Assim, é conveniente que morram juntos. Isso ocorrerá, de ma-

neira adequada — olhou para o relógio — dentro de duas horas e meia. Às seis horas, alguns minutos — acrescentou — antes ou depois.

— Depois — disse Bond. — Eu gosto de viver.

— Na história da emancipação do negro — continuou Mr. Big num tom de tranqüila conversação — já despontaram grandes atletas, grandes músicos, grandes escritores, grandes médicos e cientistas. No tempo devido, como na história de outras raças, surgirão negros eminentes e famosos em todos os outros ramos da atividade humana.

Deteve-se um instante:

— É uma infelicidade para o senhor, Mr. Bond, e para esta moça, terem ambos deparado com o primeiro dos grandes criminosos negros. Emprego um termo vulgar, Mr. Bond, porque é aquele que o senhor, como uma espécie de policial, empregaria. Mas eu prefiro considerar-me como alguém que tem a capacidade e os requisitos mentais e nervosos para formular as próprias leis e agir na conformidade delas, ao invés de aceitar as leis que regem o mais baixo denominador comum da massa. Sem dúvida o senhor já leu, Mr. Bond, o livro de Trotter, *Instintos do Rebanho na Paz e na Guerra*. Pois bem, eu sou, por natureza e por livre escolha, um lobo e vivo segundo as leis do lobo. É evidente que as ovelhas classificam tal homem de "criminoso".

— O fato, Mr. Bond — o Big Man continuou após uma pausa — o fato da minha sobrevivência e do bom êxito ilimitado, embora esteja sozinho contra inúmeros milhões de ovelhas, deve-se às técnicas modernas, de que lhe falei por ocasião de nosso último encontro, e a uma infinita capacidade de aperfeiçoamento. E estou convencido, Mr. Bond, de que não é difícil ludibriar as ovelhas, por mais numerosas que sejam, quando se é devotado ao trabalho e se é por natureza um lobo bem aparelhado. Permita-me que ilustre, com um exemplo, como funciona meu cérebro. Tomemos o método que resolvi adotar para dar morte ao senhor e a esta moça. É uma variante moderna do método utilizado na época de Sir Henry Morgan, meu generoso patrono. No tempo dele, condenava-se uma pessoa a passar por baixo da quilha, como castigo.

— Rogo-lhe que continue — disse Bond, sem olhar para Solitaire.

— Temos a bordo uma paravana — prosseguiu Mr. Big como um cirurgião descrevendo uma operação delicada a um grupo de estudantes — para pescar com rede tubarões e outros peixes grandes. Essa paravana, como o senhor não ignora, é uma peça flutuante, de dimensões razoáveis

e do formato de um torpedo, presa à extremidade de um cabo, a certa distância do costado de uma embarcação. Pode ser utilizada para sustentar a ponta de uma rede e arrastá-la através da água quando o navio está em movimento ou, desde que convenientemente aparelhada, para cortar os cabos de amarração das minas em tempo de guerra.

— Pretendo — disse Mr. Big num tom de voz natural — amarrá-los a uma linha puxada por essa paravana e rebocá-los mar afora até que ambos sejam devorados pelos tubarões.

Interrompeu-se e pousou o olhar num, depois no outro.

Solitaire, visivelmente aterrorizada, fitou Bond, mas este, imerso em seus pensamentos, perscrutando o futuro, tinha os olhos vazios. De repente Bond sentiu que devia dizer alguma coisa.

— Você é um homem descomunal — falou — e um dia terá uma morte horrível, também descomunal. Se nos matar, essa morte virá logo. Arranjei tudo. Você deve estar à beira da loucura, senão já teria compreendido que a minha morte e a de Solitaire recairão sobre você.

Mesmo enquanto falava, a mente de Bond trabalhava depressa, contando horas e minutos, sabendo que a morte de Mr. Big estava próxima, com o ácido do detonador avançado com os ponteiros do relógio para o instante final. Mas estariam êle e Solitaire mortos antes de soar esse instante? Da morte deles para a do Big Man talvez houvesse diferença apenas de segundos. O suor corria do rosto para o peito de Bond. Êle sorriu para Solitaire. Mas o olhar com que ela lhe respondeu era opaco. Ela não o via.

Inesperadamente Solitaire deu um grito de angústia, que abalou os nervos de Bond.

— Não sei. . . — gritou ela. — Não posso ver. Está tão perto, tão perto, há tanta morte. Mas...

— Solitaire — bradou Bond, apavorado ante a hipótese de que as coisas estranhas que ela antevia pudessem prevenir o Big Man — acalme-se! Contenha-se! — Havia um pouco de raiva em sua voz.

Os olhos de Solitaire voltaram-se para êle, mudos, sem compreender.

O Big Man falou de novo.

— Não estou enlouquecendo, Mr. Bond — disse êle tranqüilamente — e nada do que tenha arranjado me afetará. Vocês morrerão além do arrecife e não haverá testemunho. Rebocarei seus corpos até que não



reste mais nada. Isto é parte da sagacidade das minhas intenções. Talvez o senhor saiba que o tubarão e a barracuda desempenham importante papel no culto vodu. Sacrificaremos eles e apaziguaremos o Barão Same-di. Meus seguidores ficarão satisfeitos. Quanto a mim, desejo prosseguir em minhas experiências com peixes carnívoros. Acredito que eles atacam somente quando há sangue na água. Assim, seus corpos serão rebocados desde a ilha. A paravana arrastará os dois por cima do arrecife. Imagino que não serão importunados antes de cruzarmos a barra. O sangue e a carniça que atiramos nessas águas todas as noites já se dispersaram ou foram consumidos. Mas quando forem arrastados pela superfície do arrecife, seus corpos sangrarão, já que estarão completamente nus. Então veremos se minhas teorias são corretas.

O Big Man colocou a mão atrás de si e puxou a porta.

— Vou deixá-los agora — disse êle — para que reflitam sobre a excelência do método que inventei para que morressem juntos. Cumprem-se duas mortes necessárias. Não se deixa testemunho. Satisfaz-se a superstição. Contentam-se os meus seguidores. E utilizam-se os corpos em pesquisas científicas. Isto é o que eu chamo, Mr. Bond, infinita capacidade de aperfeiçoamento artístico.

Deteve-se um instante no umbral e encarou-os.

— Uma curta mas muito boa-noite, é o que desejo a ambos.



## TERROR NO MAR

O dia ainda não tinha clareado, quando os guardas vieram buscá-los. Cortaram as cordas que lhes prendiam as pernas e, deixando-lhes os braços manietados, fizeram-nos galgar os restantes degraus da escada.

Largaram-nos entre algumas árvores esparsas, e Bond aspirou o ar frio da manhã. Através das árvores, êle olhou para o leste e viu que as estrelas empalideciam e o horizonte se iluminava com a aurora. Cessara quase por completo o canto noturno dos grilos e, em algum recanto da ilha, um tordo ensaiava as primeiras notas do dia.

Bond calculou que deviam ser mais ou menos cinco horas.

Ficaram ali durante alguns minutos. Os negros passavam rapidamente por eles, carregados de embrulhos e de mochilas de jipijapá, conversando alegremente em voz baixa. As portas das choupanas abandonadas balançavam nas dobradiças. Os homens marchavam em fila para a borda do penedo, à direita de Bond e Solitaire, e desapareciam. Não retornavam. Era a evacuação. Toda a guarnição da ilha levantava acampamento.

Bond esfregou o ombro nu em Solitaire, e ela encostou-se nele. Fazia frio ali fora, principalmente para quem acabara de sair da masmorra sufocante. Bond tremia. Mas era preferível andar a prolongar a espera lá

embaixo.

Ambos sabiam o que tinham de fazer; conheciam a natureza do jogo.

Quando o Big Man os deixara, Bond não perdera tempo. Num sussurro, falara à moça a respeito da mina pregada no costado da embarcação e regulada para explodir poucos minutos depois das seis horas, e explicara os fatores que decidiriam sobre quem deveria morrer naquela manhã.

Em primeiro lugar, apostara na mania de exatidão e eficiência de Mr. Big. O Secatur deveria zarpar às seis horas em ponto. Não deveria haver nuvem, ou a visibilidade na meia-luz da madrugada não seria suficiente para permitir ao navio atravessar a barra, e Mr. Big adiaria a saída. Se Bond e Solitaire estivessem no molhe, ao lado do navio, morreriam com Mr. Big.

Supondo que o navio partisse na hora exata, de que distância e de que costado seus corpos seriam rebocados? Teriam de estar a bombordo para que a paravana pudesse deixar a ilha. Bond avaliou que o cabo, do navio à paravana, deveria medir uns cinqüenta metros, e que desta até a extremidade onde eles seriam atados, cerca de vinte ou trinta.

Se seus cálculos estivessem corretos, eles seriam arrastados por cima do arrecife depois que o navio se achasse a uns cinqüenta metros da barra. A embarcação provavelmente desenvolveria uns três nós até chegar à passagem e depois aumentaria para dez ou mesmo vinte. Seus corpos seriam puxados da ilha num lento arco, torcendo-se e girando na ponta do cabo. Pouco depois a paravana se endireitaria, e quando o navio tivesse ultrapassado o arrecife, seus corpos ainda estariam se aproximando. A paravana cruzaria as pedras quando o navio se achasse uns quarenta metros além, e então seria a vez deles.

Bond estremeceu ao pensar nas feridas que iriam receber quando fossem arrastados em cima dos dez metros de pedras e corais navalhantes. Perderiam a pele das costas e das pernas.

Uma vez transposto o arrecife, eles não seriam mais do que uma enorme isca sangrenta, e em poucos minutos seriam pasto de tubarão ou barracuda.

E Mr. Big, sentado confortavelmente na popa, observaria o espetáculo cruento, talvez pelo binóculo, contando os segundos e minutos, à medida que a isca viva se tornasse cada vez menor. Finalmente, os peixes

abocanhariam a extremidade da corda manchada de sangue.

Depois disso, nada mais restaria.

Lçariam a paravana para bordo, e o iate seguiria graciosamente sua rota, em direção às distantes Florida Keys, Cape Sable, até alcançar o ancoradouro ensolarado no porto de São Petersburgo.

E se a mina detonasse quando eles estivessem ainda na água, a uns cinqüenta metros do navio, qual seria o efeito da explosão sobre seus corpos? Não poderia ser mortal. O casco absorveria quase sozinho a comção. O arrecife poderia protegê-los.

Só restava a Bond conjecturar e esperar.

Acima de tudo, deviam resistir até onde lhes fosse possível. Deviam preservar a vontade de viver até mesmo quando rebocados, como uma trouxa, mar afora. Tudo dependia de como fossem atados um ao outro. Mr. Big queria que continuassem vivos. Não estava interessado numa isca morta.

Se ainda estivessem vivos quando surgisse o primeiro tubarão, Bond afogaria Solitaire, mantendo o corpo dela sob o dele na água, e depois, invertendo as posições, também procuraria afogar-se. Essa decisão êle tomara com toda a frieza de que era capaz.

Quaisquer que fossem os rumos de seus pensamentos, Bond esbarrava sempre num pesadelo, no horror dos aspectos repugnantes da tortura e da morte monstruosa que o Big Man lhes destinara. Mas Bond sabia que precisava manter o sangue frio e estava resolvido a lutar por suas vidas até o fim. Pelo menos havia o consolo de saber que Mr. Big e seus homens também morreriam. Havia também a vaga esperança de que êle e Solitaire sobrevivessem. Tal esperança, a não ser que a mina falhasse, não restava a seus inimigos.

Tudo isso e uma centena de outros pormenores e projetos passaram pelo espírito de Bond enquanto êle e a moça aguardavam que os fossem tirar da masmorra. Êle comunicou a Solitaire todas as suas esperanças, mas nenhum dos seus temores.

Sentada diante de Bond, os fatigados olhos azuis fixos nele, obediente, confiante, embebida na contemplação de seu rosto e de suas palavras, dócil e terna, Solitaire tinha-lhe dito no momento em que os homens vieram buscá-los:

— Não se preocupe comigo, meu querido. Sinto-me feliz por estar de novo a seu lado. Meu coração está radiante. Não sei bem porque, mas

não estou com medo, embora tenha o pressentimento de muitas mortes. Você me ama pelo menos um pouquinho?

— Amo, sim — respondeu Bond. — E nós teremos tempo para amar.

— Avia! — bradou um dos homens.

Agora, ao ar livre, o dia vinha clareando, e chegava até aos ouvidos de Bond o ronco dos possantes motores do iate. A barlavento, notava-se o leve perpassar da brisa, mas a sotavento, onde o navio se encontrava, a baía era um espelho cinza-escuro.

Mr. Big surgiu no alto da escadaria, carregando uma pasta de couro. Parou um momento para tomar fôlego e olhou em volta. Não deu atenção a Bond e Solitaire, nem aos dois guardas armados que os vigiavam. Depois, levantou a vista e, com voz clara, bradou para o Sol que nascia:

— Muito obrigado, Sir Henry Morgan. Seu tesouro será bem empregado. Favoreça-nos com um vento propício.

Os guardas mostraram o branco dos olhos.

— O Vento do Armador — disse Bond.

O Big Man encarou-o.

— Tudo a bordo? — perguntou aos guardas.

— Tudo, patrão — respondeu um deles.

— Traga-os — ordenou o Big Man.

Bond e Solitaire aproximaram-se da borda do penhasco e começaram a descer os degraus. Um guarda ia na frente, outro atrás. Mr. Big seguia-os.

Os motores do iate arfavam compassadamente. O cano de escape expelia para a superfície viscosas bolhas de ar, e um fio de fumaça subia da popa.

No molhe, dois homens tomavam conta das guias. Havia apenas três homes no convés, além do capitão e do piloto na escura ponte aerodinâmica. Não sobrava lugar para mais nada. Todo o espaço disponível da coberta estava ocupado pelos aquários, com exceção de um ponto onde se via uma cadeira aparelhada para pescaria. O pavilhão vermelho estava arriado, e a bandeira americana erguia-se imóvel.

À curta distância do barco, a paravana vermelha, do formato de torpedo e de uns dois metros de comprimento, flutuava na área azulada. Estava amarrada a um cabo de aço enrolado em espiral na popa. Devia haver uns bons cinquenta metros de cabo, pensou Bond. Não havia sinal

de peixe nas proximidades.

O Vento do Armador morria aos poucos. Em breve sopraria o Vento do Doutor, do mar para a terra. Quando? — perguntou Bond a si mesmo. Seria um augúrio?

Muito além do barco, Bond divisou, por entre as árvores, o teto de Beau Desert, mas o molhe, o iate e a escada do penedo ainda estavam às escuras. Bond indagava a si mesmo se estariam sendo vistos por seus amigos. E se estivessem, o que pensaria Strangways?

Mr. Big supervisionava a tarefa dos homens encarregados de amarrá-los.

— Tire a roupa dela — disse para o guarda de Solitaire.

Bond perturbou-se. Mas logo se recompôs e lançou um olhar furtivo ao relógio no pulso de Mr. Big e viu que faltavam dez minutos para as seis horas. Ficou em silêncio. Não deveria haver nem um minuto de atraso.

— Jogue a roupa a bordo — ordenou Mr. Big. — Amarrem umas tiras de pano no ombro dele. Não quero que haja sangue na água, por enquanto.

Arrancaram as roupas de Solitaire, cortando com uma faca. Nua e pálida, ela baixou a cabeça, cobrindo o rosto com a espessa cabeleira negra. Ataram o ombro de Bond com uns pedaços da saia branca da moça.

— Canalha — disse Bond entre dentes. Obedecendo ordens de Mr. Big, os guardas soltaram as mãos dos dois. Em seguida, puseram-nos frente a frente, passaram os braços de um pela cintura do outro e amarraram-nos de novo.

Bond sentiu o leve arfar dos seios de Solitaire. Ela encostou o queixo no ombro direito dele.

— Não queria que fosse desse jeito — murmurou ela.

Bond não respondeu. Ocupado em contar os segundos, êle mal sentia o contato do corpo dela.

Uma corda, enovelada no molhe, estirava-se adiante, na areia, sumia debaixo da água e surgia atada à barriga vermelha da paravana.

Os guardas pegaram a ponta solta da corda, passaram-na por baixo das axilas de Bond e Solitaire e deram um nó entre os pescoços de ambos. Tudo foi muito bem executado. Seria impossível escapar.

Bond continuava a contar os segundos. Calculou que deviam faltar uns cinco minutos para as seis horas.

Mr. Big lançou-lhes um último olhar.

— As pernas podem ficar livres — disse êle. — Constituirão uma isca das mais apetitosas.

Abandonou o molhe e subiu para o convés.

Os dois guardas o acompanharam. Os dois outros homens desprenderam as guias e entraram no iate. As hélices revolveram a água tranqüila, e com os motores acionados, o Secatur afastou-se rapidamente da ilha.

Mr. Big caminhou para a popa e sentou-se na cadeira de pesca. Tinha os olhos fitos neles. Não falava, não fazia um gesto, apenas olhava.

O Secatur cortava os águas em direção ao arrecife. Bond viu o cabo da paravana colear pelo costado e notou que esta começava a mexer-se. De repente, a paravana enfiou o nariz na água, depois aprumou-se e ganhou velocidade, o leme abanando para um lado e outro na esteira do barco.

Ao lado deles a rosca de corda deu sinal de vida.

— Atenção! — disse Bond pressuroso, aconchegando-se à moça.

Seus braços quase se desconjuntaram quando foram arremessados do molhe no mar.

Passaram um segundo submersos e logo voltaram à tona, seus corpos rompendo juntos as águas.

Bond procurou respirar entre as ondas e os borrifos que lhe salpicavam a boca contorcida, e ouviu a respiração entrecortada de Solitaire.

— Respire, respire! — gritou através da violência das águas. — Enlace as pernas nas minhas.

Ela o escutou, e êle sentiu nas coxas a pressão dos joelhos dela. Após um acesso de tosse, a respiração da moça tornou-se mais tranqüila e a palpação de seu coração mais natural. Ao mesmo tempo diminuiu a velocidade com que eram arrastados.

— Prenda a respiração — gritou Bond. — Preciso dar uma olhada. Pronto?

Ela lhe respondeu apertando os braços em volta dele. Bond sentiu que o peito dela se dilatava com o ar enchendo-lhe os pulmões.

Com o peso do corpo, êle jogou-a sob a água e levantou a cabeça.

Navegavam a uns três nós. Bond fez um movimento de cabeça para se sobrepor a uma onda.

O Secatur, a uns oitenta metros de distância, chegava à barra. A paravana deslizava lentamente, quase em ângulo reto com o barco. Mais



trinta metros e o torpedo vermelho estaria cruzando o arrecife. Trinta metros atrás, eles avançavam lentamente pela superfície da baía.

Sessenta metros para o arrecife.

Bond mergulhou, e Solitaire, arquejante, voltou à tona. Continuavam a mover-se devagar. Cinco metros, dez, quinze, vinte.

Restavam somente quarenta metros entre eles e o banco de coral.

O Secatur devia estar do outro lado. Bond respirou fundo. O que tinha acontecido com a desgraçada da mina? Bond rezou uma prece curta e ardente. Salva-nos, Deus — disse êle, submerso .

— Respire, Solitaire, respire! — gritou êle, quando sentiu a corda enrijecer sob os braços e a água passar veloz.

Agora voavam para o rochedo semi-oculto.

Houve uma ligeira parada. Bond imaginou que a paravana se tivesse embarçado em algum obstáculo no arrecife. Mas, logo em seguida, seus corpos arrancaram novamente em seu abraço veloz e fatal.

Trinta metros, vinte, dez.

— "Deus do céu! — pensou Bond. Estamos chegando. Retesou os músculos para receber o impacto e, com um balanço do corpo, colocou Solitaire por cima, a fim de protegê-la do pior.

De repente o ar fugiu-lhe dos pulmões e um soco tremendo atirou-o para Solitaire, que se ergueu acima da superfície do mar e caiu com estrondo. Uma fração de segundo depois, um relâmpago cruzou o céu e ouviu-se o ribombar de uma explosão.

Ficaram paralisados. O peso da corda afrouxada puxou-os para o fundo.

As pernas afundaram, carregando o corpo atordoado de Bond, e a água invadiu-lhe a boca.

Foi isto que lhe devolveu a consciência. Êle moveu as pernas, e ambos voltaram à superfície. Continuando a mover as pernas desesperadamente e aparando no ombro, acima da água, a cabeça desfalecida de Solitaire, olhou em volta.

A primeira coisa que viu foi a agitação das águas no arrecife, a menos de cinco metros de distância. Sem a proteção do rochedo, ambos teriam sido tragados pelas ondas revoltas em consequência da explosão. Sentiu nas pernas o puxão do torvelinho. Resistiu furiosamente, respirando quanto podia. O peito queimava, e êle via o céu através de uma película vermelha. A corda arrastava-o para o fundo e o cabelo da moça

enchia-lhe a boca, quase sufocando-o.

Sentiu subitamente a batata da perna roçar numa saliência aguda do banco de coral. Em desvario, pôs-se a procurar com os pés um ponto de apoio, e a cada movimento arranhava as pernas, mas quase não sentia as dores.

Agora os arranhões eram nas costas e nos braços. Êle patinhava desordenadamente, os pulmões queimando no peito. Então seus pés tocaram num leito de agulhas. Firmou-se com todo o peso do corpo nesse pedaço de pedra e desviou-se das fortes correntes que tentavam desalojá-lo. Arrimou-se ofegante a uma rocha. O sangue espalhava-se sobre a água, enquanto Bond sustentava sobre si o corpo frio e desfalecido da moça.

Descansou um minuto, os olhos fechados, os membros extenuados, tossindo penosamente, esperando que lhe voltassem as forças. Seu primeiro pensamento foi para o sangue derramado na água à sua volta. Mas ocorreu-lhe que os peixes grandes não se aventurariam a chegar ao arrecife. De qualquer forma, nada poderia ser feito.

Então contemplou o mar.

Não havia nem sinal do Secatur.

No céu tranqüilo, um cogumelo de fumaça era impelido para a terra pelo Vento do Doutor.

A água estava entulhada de destroços, e algumas cabeças alteavam-se e baixavam no balanço das vagas. Num largo trecho o mar cintilava com a brancura dos peixes que a explosão lançou à tona, mortos ou aturdidos. O ar estava impregnado do cheiro de explosivo. Junto aos escombros, a paravana vermelha flutuava, segura pelo cabo, do qual a outra extremidade jazia nas profundezas. Bolhas de ar desfaziam-se na superfície vítrea do mar.

Nas imediações do círculo formado pelas cabeças saltitantes e peixes mortos viam-se algumas barbatanas triangulares cortarem velozes a água. E mais outras apareciam quando Bond olhou. Em dado momento, êle viu um enorme focinho erguer-se e cair sobre alguma coisa. As barbatanas levantavam espuma ao passarem rápidas por entre os petiscos. Dois braços negros projetaram-se no ar e depois submergiram. Gritos soaram. Dois ou três pares de braços começaram a malhar a água na tentativa de alcançar o arrecife. Um homem, que dava palmadas nas ondas, parou de repente. As mãos desapareceram, o corpo sacudiu-se de um lado para

outro, a boca fendeu-se num urro de pavor. É a barracuda atacando-o, disse a mente estonteada de Bond.

Mas uma das cabeças se aproximava, dirigindo-se para o ponto onde Bond se achava, com as ondas a se quebrarem em seus sovacos e a cabeleira negra da moça a descer pelas suas costas.

Era uma cabeça avantajada. Um véu de sangue escorria da calva pelas faces.

Bond acompanhou-a com o olhar.

O Big Man executava um desajeitado nado de peito e produzia uma agitação suficiente para atrair qualquer peixe ainda desocupado.

Bond perguntava a si mesmo se o homem conseguiria alcançar o arrecife. Apertou os olhos e esperou pela decisão do mar.

A cabeça estava mais perto. Bond podia ver-lhe os dentes num esgar de angústia e esforço frenético. O sangue cobria parcialmente os olhos que Bond sabia estarem dilatados nas órbitas. Podia quase ouvir as batidas do coração enfermo sob a pele pardacenta. Cessariam as palpitações antes que a isca fosse mordida?

O Big Man avançava. Os ombros estavam nus. A explosão devia ter-lhe arrancado as roupas, supôs Bond; mas a gravata de seda preta continuava em volta do pescoço grosso e flutuava na nuca como o rabicho de um chinês.

Um jato de água limpou o sangue dos olhos, que olhavam fixa e desvairadamente para Bond. Não pediam ajuda. Emitiam apenas um fulgor de exaustão física.

A dez metros de Bond, eles se fecharam e o rosto se contorceu numa careta de dor.

— Aarrh — gemeu a boca deformada.

Os braços pararam de bater na água, a cabeça imergiu e voltou à tona. Uma nuvem de sangue jorrou e escureceu a superfície. Duas silhuetas cinzentas cortaram a nuvem. O corpo do homem estremeceu. Depois, metade do braço esquerdo do Big Man ergueu-se acima da água. Não tinha mão nem pulso.

Mas a cabeça, que a enorme boca cheia de dentes alvos quase rasgava em duas partes, ainda estava viva. E agora soltava um grito longo e gorgolejante, que só se interrompia quando a barracuda atingia o corpo submerso.

Da baía, por trás de Bond, partiu um chamado distante. Ele não deu

atenção. Todos os seus sentidos estavam voltados para a cena horrenda que se desenrolava à sua frente.

Uma barbatana fendeu a superfície a alguns metros de distância e parou.

Bond sabia que o tubarão estava amarrando a caça como um cão, tentando varar, com os olhos rosados e insensatos, a nuvem de sangue e avaliar a presa. Em seguida, precipitou-se para o tronco, e a cabeça uivante sumiu na água com a rapidez de uma bóia de pescador.

Bolhas de ar estouraram na superfície.

Uma cauda pontuda e sarapintada torvelinhou à flor da água, quando o imenso jaguar marinho recuou para engolir e atacar outra vez.

A cabeça flutuou de novo. A boca estava fechada. Os olhos amarelos ainda pareciam fitar Bond.

Depois, o focinho do tubarão ergueu-se e avançou para a cabeça; os dentes da queixada cintilaram. Houve um rangido de osso triturado e um redemoinho. Afinal, fêz-se silêncio.

Os olhos dilatados de Bond continuaram a fitar a mancha escura que se espalhava cada vez mais na água.

Então a moça gemeu, e Bond caiu em si.

Souo outro grito às suas costas, e ele voltou a cabeça para a baía.

Era Quarrel, o busto trigueiro sobressaindo da canoa, os braços aferrados aos remos. Seguiam-no, à distância, todas as outras canoas da Baía dos Tubarões, deslizando nas ondas miúdas que começavam a encrespar a superfície.

O Nordeste soprava, e o Sol iluminava a água azul e os flancos verdes e amenos da Jamaica.

As primeiras lágrimas, desde os dias da infância, vieram aos olhos cinza-azulados de James Bond, banharam-lhe as faces e caíram no mar sujo de sangue.

## "LICENÇA ESPONSAL"

Como pingentes de esmeralda, os dois beija-flores faziam a última ronda dos hibiscos. No alto de um jasmineiro perfumado, o tordo iniciara sua canção noturna, mais doce do que a do rouxinol.

A sombra irregular de uma fragata riscou a relva verde, remontando a costa em busca de alguma colônia distante. Ao avistar o homem sentado na cadeira do jardim, o martim-pescador matraqueou enraivecido, alterou o voo e deu uma guinada para o mar em demanda da ilha. Uma borboleta sulfurina coqueteou entre as sombras das palmeiras.

As águas azuladas da baía estavam tranqüilas. À luz do sol que se punha por trás da casa, os penhascos da ilha eram de um rosa profundo.

Depois de um dia de calor, a noite avizinhava-se fresca e agradável. Ligeiro odor de fumaça de turfa provinha do aipim posto a assar numa das choupanas da vila de pescadores.

Solitaire saiu de casa e atravessou o relvado, de pés descalços. Trazia uma bandeja, com uma coqueteleira e dois copos, que colocou numa mesa de bambu ao lado da cadeira de Bond.

— Espero que tenha ficado bom — disse ela. — Seis para um me parece forte demais. É a primeira vez que preparo coquetel de vodca.

Bond levantou a vista. Metida num pijama dele, muito grande para

sua estatura, ela tinha um ar absurdamente infantil. Ela deu uma risada.

— Que tal meu batom de Port Maria? — perguntou — e as sobran-celhas feitas com carvão? Eu não tinha nada pra vestir depois do banho.

— Você está uma delícia — disse Bond. — É a garota mais bonita de toda a Baía dos Tubarões. Se pudesse usar esses braços e essas pernas, eu me levantava e lhe dava um beijo.

Solitaire curvou-se e beijou-o demoradamente na boca, envolven-do-lhe o pescoço com o braço. Depois, ergueu-se e alisou para trás a juba negra que caía sobre a testa dele.

Olharam-se durante alguns instantes. Então ela voltou-se para a mesa, encheu o copo de Bond, colocou uma dose menor para si mesma, sentou-se na relva e pôs a cabeça entre os joelhos dele. Bond afagou-lhe os cabelos com a mão direita, e, por algum tempo, permaneceram naque-la posição, contemplando, por entre os troncos das palmeiras, o mar e a noite que abaixava sobre a ilha.

O dia fora dedicado a pensar as feridas e pôr um pouco de ordem em toda aquela enorme confusão.

Quando Quarrel desembarcou-os na praia de Beau Desert, Bond carregou Salitaire para o banheiro. Encheu a banheira de água quente e, sem que ela soubesse o que estava acontecendo, ensaboou-a e lavou-lhe todo o corpo e a cabeça. Depois de tirar o sal e o lodo, colocou-a de pé, enxugou-a e aplicou Mertiolato nos cortes que lhe marcavam as costas e as coxas. Deu-lhe então um soporífero e, nua como estava, meteu-a sob os lençóis. Beijou-a. Quando acabou de fechar as janelas, ela dormia a sono solto.

Depois, êle próprio entrou na banheira. Strangways ensaboou-o e quase lhe pintou o corpo de Mertiolato. Todo esfolado e sangrando numa centena de lugares, não podia mover o braço esquerdo. A barracura ti-nha arrancado um naco de músculo do ombro, e Bond trincou os dentes quando o Mertiolato lhe picou as feridas.

Vestiu um roupão, e Quarrel conduziu-o de automóvel ao hospital de Port Maria. Antes de partir, fez uma refeição opulenta e fumou um cigarro. Adormeceu durante o trajeto, continuou a dormir na mesa de operação e ainda dormia quando o colocaram na cama de lona, feito uma trouxa de ataduras.

Quarrel trouxe-o de volta logo depois do meio-dia. A essa hora, Strangways já tomara várias providências com base nas informações que

Bond lhe dera. Um destacamento policial achava-se na ilha Surprise, o Secatur, que jazia a umas vinte braças de profundidade, foi trazido à superfície e a lancha da Alfândega de Port Maria patrulhava o local. De Kingston já tinham partido o rebocador de salvamento e os escafandristas. A imprensa local recebeu um relato sucinto dos acontecimentos. Nas imediações de Beau Desert, uma guarda policial preparava-se para conter a avalanche de correspondentes que acorreriam à Jamaica, quando a notícia chegasse aos jornais do mundo inteiro. Ao mesmo tempo, relatórios minuciosos tinham seguido para M e Washington, possibilitando às autoridades americanas deter os membros da quadrilha de Mr. Big, no Harlem e em São Petersburgo, sob a acusação de contrabandear ouro.

Não houve sobreviventes do naufrágio do Secatur, mas de manhã os pescadores locais apanharam cerca de uma tonelada de peixes mortos.

A Jamaica fervilhava de boatos. Filas compactas de automóveis estiravam-se na estrada acima dos rochedos da baía e ao longo da praia. Falava-se do tesouro de Morgan e dos cardumes de tubarões e barracudas que o tinham defendido. Por causa deles, muita gente desistiu de nadar até o local do naufrágio, alegando que estava escuro.

O médico que viera examinar Solitaire achou-a perturbada principalmente com o fato de não ter roupas nem a tonalidade correta de batom. Strangways encomendara em Kingston uma coleção que chegaria no dia seguinte. Por enquanto, ela ia se arranjando com o que havia na mala de Bond e um pote de hibisco.

Strangways retornou de Kingston pouco depois de Bond ter vindo do hospital. Trouxe uma mensagem de M para Bond, a qual dizia:

SUPONHO VOCÊ REQUEREU TESOURO NOME EXPORTADORA UNIVERSAL PT INICIE IMEDIATAMENTE SALVAMENTO CARGA PT CONTRATEI ADVOGADO DEFENDER NOSSOS DIREITOS MINISTÉRIOS FAZENDA E COLÔNIAS PT BRAVOS VG PARABÉNS PT CONCEDIDA LICENÇA ESPONSAL QUINZE DIAS.

— Acho que êle quis dizer "especial" — disse Bond.

Strangways assumiu um ar solene.

— Creio que sim — disse êle. — Fiz um relato completo do estado em que ficaram você e a jovem — acrescentou.

— Hum — disse Bond. — É muito raro haver erro nas mensagens

de M. Enfim, pode ser.

Strangways perscrutou com seu único olho a paisagem além da janela.

— É muito daquela raposa velha pensar em primeiro lugar no ouro — observou Bond. — Suponho que êle acredita que vai obter o que quer e depois evitar a redução na verba secreta, quando o orçamento entrar em discussão no Parlamento. Creio que êle perde metade do tempo discutindo com o Ministério da Fazenda. Ainda assim, não consegue grande coisa.

— Entrei com sua reclamação junto ao Governo, logo que recebi a mensagem — disse Strangways. — Mas vai ser difícil. A Coroa estará interessada, e a América vai entrar na disputa, já que o Big Man era americano. O negócio vai ser muito demorado.

Conversaram mais um pouco até que Strangways foi embora. Então Bond veio capengando para o jardim e sentou-se.

Rememorou os perigos que passou na longa caçada ao Big Man e ao tesouro. Reviveu também os instantes terríveis em que esteve face à face com a morte.

Agora estava tudo acabado, e êle estava ali, sentado entre as flores, com o prêmio aos pés e afagando os longos cabelos negros de Solitaire. Bond guardou aquele momento para si e pensou nos quatorze amanhã que seriam só deles.

Da cozinha, nos fundos da casa, veio um ruído de uma panela de barro que se partiu, e em seguida a voz de Quarrel trovejou.

— Coitado de Quarrel — disse Solitaire. — Êle arranhou a melhor cozinheira do povoado e varejou as feiras à procura de surpresas para nós. Trouxe até caranguejos, os mais gordos que encontrou. Agora está assando um leitãozinho e preparando uma salada com abacate. Para encerrar o jantar teremos doce de goiaba e de coco. O Comandante Strangways deixou-nos uma caixa do melhor champanha da Jamaica. Já estou com a boca cheia d'água. Mas não se esqueça que a gente deve fazer de conta que não sabe de nada. Eu entrei na cozinha e descobri que a cozinheira anda louca com as exigências de Quarrel.

— Êle nos acompanhará em nossa "licença espousal" — disse Bond e contou a ela o telegrama de M. — Vamos para uma casa sobre estacas, com palmeiras e dez quilômetros de areia dourada. E você terá de cuidar muito bem de mim porque não poderei amar só com um braço.



Havia franca sensualidade nos olhos de Solitaire quando ela se virou para encará-lo. Sorriu com ingenuidade.

— Que acha das minhas costas? — perguntou ela.

## JAMES BOND É FOGO!

Escreveu não leu, o Agente 007 manda um inimigo para o país dos pés juntos com a mesma rapidez e elegância com que Pelé faz um gol.

Mulher boa, perto dêle, vira sorvete. Derrete-se.

Em matéria de truques, golpes de audácia e macêtes geniais, ninguém consegue superá-lo.

Nesta aventura, êle enfrenta *Mr. Big*, uma figura sinistra e perigosíssima. Mas OS OUTROS QUE SE DANEM, porque Bond é fogo, e quem quiser ver verá.

*Mais um lançamento de categoria da*  
**EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.**